



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**BRUNO DE OLIVEIRA MOREIRA**

**DE HERÓIS A TIRANOS:**  
JORNAL *A TARDE*, AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE NOTÍCIAS E A  
REVOLUÇÃO CUBANA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA (1959-1964)

SALVADOR  
2010

**BRUNO DE OLIVEIRA MOREIRA**

**DE HERÓIS A TIRANOS:**

JORNAL *A TARDE*, AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE NOTÍCIAS E A  
REVOLUÇÃO CUBANA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA (1959-1964)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Muniz Gonçalves Ferreira

SALVADOR  
2010

- 
- M838      Moreira, Bruno de Oliveira  
De heróis a tiranos: Jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a Revolução Cubana como representação jornalística (1959-1964) / Bruno de Oliveira Moreira. – Salvador, 2010.  
133 f.: il.  
Orientador: Prof. Dr. Muniz Gonçalves Ferreira
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.
1. Cuba – História – Revolução, 1959. 2. Imprensa – Bahia – História.  
3. Agências de Notícias. 4. Hegemonia I. Ferreira, Muniz Gonçalves. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 972.91064

---

BRUNO DE OLIVEIRA MOREIRA

**DE HERÓIS A TIRANOS:**

JORNAL A TARDE, AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE NOTÍCIAS E A  
REVOLUÇÃO CUBANA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA (1959-1964)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em História da Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade  
Federal da Bahia como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em História Social.

Salvador, 31 de julho de 2010



Prof. Dr. Muniz Gonçalves Ferreira  
(UFBA)  
Orientador



Prof.ª Dr.ª Lucileide Costa Cardoso  
(UFRB / PPGH-UFBA)



Prof.ª Dr.ª Sandra Regina Barbosa da Silva Souza  
(UNEB)

*Para Keka, Bia e Vivi*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana Angélica, pelo seu esforço, incentivo e ajuda, fundamentais para que eu aqui chegasse.

Ao meu pai Ernesto Moreira, por vibrar comigo a cada conquista.

À minha companheira Viviane, pelo amor e pelo apoio incondicional, inexprimíveis em palavras.

A minha filha Beatriz, pelo amor, pela inspiração e por me ofertar seu sorriso em tantos momentos que ele foi fundamental.

A minha família soteropolitana por terem me abrigado de maneira tão carinhosa durante todo o período do Mestrado: minha avó Terezinha, meus tios José Maurício e Fátima e minha prima Gabriela.

Ao Prof<sup>o</sup> Muniz Ferreira, pela orientação e pelas considerações exatas nos momentos mais oportunos.

À Professora Kátia Vinhático Pontes, pela ajuda inicial, fundamental e abnegada.

À CAPES, por ter oferecido uma bolsa de mestrado durante o segundo ano da pesquisa.

Aos amigos historiadores do Coletivo Casa de Taipa Danilo Ornelas, Erahsto Felício, Gissele Raline e Taís Carvalho, pelas conversas produtivas, pela amizade, e por continuarem me ensinando a viver em meio às diferenças.

Aos colegas do mestrado Jamile Silveira, Halysson Gomes, Henrique Oliveira e André Jacobina pelos diálogos travados e pelo companheirismo demonstrado.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado da Bahia e do Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon (em especial, Walter) pelo auxílio na disponibilização de fontes.

Aos professores que conduziram as disciplinas que cursei ao longo do Mestrado, nas quais foi possível dialogar constantemente com as minhas intenções da pesquisa: Antônio Fernando Guerreiro, Israel Pinheiro, Maria Cecília Velasco e Cruz, e, especialmente, Maria Victória Espiñeira Gonzalez, por sua condução aberta e frutífera das aulas e pelo seu jeito humano e sincero de lidar com os

alunos.

Aos professores da banca de qualificação Paulo Miguez e Lucileide Cardoso, pelas opiniões e sugestões oportunas.

Aos que ofereceram informações centrais ou complementares para a presente pesquisa também envio meus sinceros agradecimentos: Luiz Alberto Moniz Bandeira, Luis Guilherme Pontes Tavares, Monica Celestino e Maria Auxiliadora da Silva.

A todos, muito obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar a cobertura envidada pelo jornal baiano *A Tarde* à Revolução Cubana nos seus cinco primeiros anos pós-triunfo (1959-1964). A incorporação por este veículo de um padrão político-discursivo marcadamente pró-estadunidense e anticomunista, no contexto da chamada “Guerra Fria”, importa, neste sentido, consideravelmente. Também são avaliados os textos do então jornalista Milton Santos, publicados neste periódico, em 1960, e agrupados na coluna “Visita a uma Revolução”. A coluna, que versou sobre Cuba, demonstrou rupturas com relação à linha editorial formulada até ali pelo jornal com relação à Revolução que se processava no país caribenho. Finalmente, também avaliou-se comparativamente a cobertura de dois dos mais importantes veículos baianos do período: *A Tarde* (centro da investigação) e *Jornal da Bahia*, o que demonstrou que o esforço de hegemonização informativa promovido pelas agências estadunidenses de notícias pôde ser confrontado por outros tipos de abordagens em relação ao tema.

Palavras-chave: *Jornal A Tarde*; hegemonia informativa; Revolução Cubana.



## ABSTRACT

This research aims to analyse the coverage of the Cuban Revolution promoted by the newspaper *A Tarde* (Salvador, Bahia) between 1959 and 1964. The incorporation by this vehicle of a standard politic-discursive in favor of the United States in the Cold War context, is a very important element for the present work. We also evaluated the Milton Santo's news column, published on the vehicle in April 1960. The texts, who have spoken about Cuba, presented disruptions in relation to *A Tarde* editorial line until there demonstrated on Cuban Revolution. Finally, we also evaluated comparatively the coverage of two of the most importants Bahia vehicles in the period: *A Tarde e Jornal da Bahia*, fact which has shown that the effort of U.S. informative hegemony promoted by the american agences was confronted by other types of approaches in relation to the issue.

Keywords: *A Tarde* newspaper; informative hegemony; Cuban Revolution.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	10
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 JORNAL A TARDE, AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE NOTÍCIAS E HEGEMONIA INFORMATIVA NO CONTEXTO DA “GUERRA FRIA: CUBA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA .....</b>	<b>17</b>
1.1. Grande imprensa “fiel à boa tradição”: <i>A Tarde</i> em campos-limites de atuação ideológica .....	17
1.2. A Revolução Cubana como representação jornalística .....	26
<b>2 REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO CUBANA ANTES DA VINCULAÇÃO FORMAL AO SOCIALISMO: NA CONCILIAÇÃO ENTRE O FEITO HERÓICO E O “BANHO DE SANGUE .....</b>	<b>40</b>
2.1. O feito heróico: primeiras representações do triunfo rebelde .....	40
2.2. Críticas ao “banho de sangue” .....	49
2.3. Por uma “consciência democrática” .....	51
<b>3 “VISITA A UMA REVOLUÇÃO”: UM REPRESENTANTE DO A TARDE EM CUBA? (ESCRITOS DE MILTON SANTOS, 1960).....</b>	<b>57</b>
3.1. Na aparente contradição, o retrato amplo das indefinições .....	59
3.2. Sobre os temas tratados .....	63

3.3.	Leituras do retorno .....	70
<b>4</b>	<b>“OS VERMELHOS DE LÁ E DE CÁ”: CUBA NO CENTRO DA REPRESENTAÇÃO ANTICOMUNISTA (1961-1964) .....</b>	<b>79</b>
4.1.	Cuba como ameaça à América: a declaração socialista como marco da intensificação das críticas à Revolução .....	79
4.2.	Representações do discurso anticomunista sobre Cuba no contexto do “pré-golpe” .....	88
4.3.	Cuba como ameaça combatida: o jornal <i>A Tarde</i> e o golpe civil-militar de 1964 .....	93
<b>5</b>	<b><i>A TARDE E JORNAL DA BAHIA</i> CONFRONTANDO REPRESENTAÇÕES SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA .....</b>	<b>101</b>
5.1.	O <i>Jornal da Bahia</i> num “tempo em movimento”: origem e aspectos editoriais .....	102
5.2.	A cobertura dos tribunais revolucionários por <i>A Tarde</i> e <i>JB</i> .....	106
5.3.	Representação jornalísticas sobre as relações entre Cuba e Estados Unidos .....	113
5.4.	A invasão da Baía dos Porcos, por <i>A Tarde</i> e <i>JB</i> .....	117
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
	<b>FONTES UTILIZADAS .....</b>	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>126</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>131</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALN	Aliança Libertadora Nacional
AFP ou FP	<i>Agence France-Presse</i>
AP	<i>Associated Press</i>
BRAC	<i>Buró de represión a las Actividades Comunistas</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CGT	Comando Geral de Trabalhadores
CPE	Comissão de Planejamento Econômico
ESG	Escola Superior de Guerra
EUA	Estados Unidos da América
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
ILET	Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais
INRA	Instituto Nacional de Reforma Agraria
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
JB	Jornal da Bahia
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSD	Partido Social-Democrático
UDN	União Democrática Nacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UPI	<i>United Press International</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

*O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isto tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia.*

*Milton Santos*

## INTRODUÇÃO

Há duas formas de se encarar a designação “Revolução Cubana”: uma como evento, datado de 1º de janeiro de 1959, e a outra como processo histórico, ali apenas iniciado. Adotando a segunda perspectiva, é notório que, com cinquenta e um anos de idade, a Revolução Cubana mantém-se como um tema recorrente no noticiário internacional. Através dele, seus passos foram transmitidos ao mundo filtrados por diversos interesses e, meio século depois, o país em que ela se processa mantém-se, na opinião de grande parte da mídia corporativa e liberal, como uma ameaça ao mundo, como um lugar onde um ou dois ditadores comandam um povo subjugado, miserável e ansioso para de lá sair.

É mesmo a partir de demandas do *presente* que definimos de que forma e quais elementos iremos buscar no que se convencionou chamar de *passado*, ainda que as ligações de um com o outro sejam tão intrínsecas ao ponto de questionarmos uma classificação tão dicotômica. Marc Bloch legou ao historiador esta ideia e, aqui, ela figura como elemento norteador. Desta forma, foi mesmo a partir das percepções de que as representações sobre Cuba no discurso jornalístico recorrem, hoje, a sentidos vinculados aos interesses dos que detém o poder de construir o mundo através de suas representações, que se configuraram as primeiras inquietações entre as que levaram à escolha do tema aqui proposto.

Também é evidente que o quadro geral que hoje se formula em relação à Revolução Cubana deve ser entendido como fruto de um processo histórico longo de construção de representações em relação ao assunto, no qual determinados sentidos foram sendo “estabilizados” e se tornando interpretações mais “comuns”, mais recorrentes, em relação àquela Ilha e ao processo revolucionário que lá se configura<sup>1</sup>.

A presente pesquisa objetiva, de maneira central, avaliar, num momento

---

<sup>1</sup> Sobre a formulação e a estabilização de certos sentidos no discurso jornalístico, ver MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

histórico interessante, efervescente e tenso, ironicamente chamado de “Guerra Fria”, a cobertura jornalística sobre a Revolução Cubana, cujas representações foram atingidas pelas polarizações ideológicas típicas do período.

Centralizamos as investigações num veículo de comunicação específico, já configurado, naquele período, como a maior empresa jornalística da Bahia: o jornal *A Tarde*. Mas, por que essa centralização? Por que o *A Tarde*? Que fatores levaram a pesquisa para essa definição? Para justificar, é preciso que se recorra a três elementos essenciais, os quais apresentarei em ordem crescente de importância.

Em primeiro lugar, nos contatos empíricos preliminares chamou a atenção o volume de notícias, editoriais e avaliações sobre Cuba neste veículo, no período. Ainda que a cobertura da imprensa em geral tenha sido, na medida das possibilidades de cada jornal, “dia-a-dia” com relação ao evento, a quantidade de textos e os espaços reservados no *A Tarde* ao tema eram maiores do que nos outros jornais baianos do período. Segundo, o próprio poder de interferência e alcance já conquistados pelo *A Tarde*, e, conseqüentemente, sua força diante de uma “opinião pública” soteropolitana e baiana - evidenciada empiricamente através de elementos como a quantidade maior de páginas e de anúncios com relação a seus concorrentes, qualidade de impressão avançada, entre outros -, seduzia no sentido de se tentar compreender a sua cobertura específica, já que, pelo menos no aspecto numérico, apresentava-se como a mais interferente.

Além desses, o terceiro e mais importante elemento para a definição diz respeito à constatação de um padrão político-discursivo no jornal, que pode ser entendido como pró-estadunidense, marcado pelo diálogo entre traços do liberalismo e valores aristocráticos, e anticomunista<sup>2</sup>. Padrão este que determinou a vinculação dos editoriais do jornal aos esquemas formulados sobre Cuba pelas grandes agências de notícias estadunidenses, colaborativas ao governo daquele país, no momento peculiar de disputas da “guerra fria”.

A adesão do veículo à ideia de liderança incontestada dos Estados Unidos no

---

<sup>2</sup> O termo “padrão político-discursivo” foi cunhado a partir das conversas com o amigo Erahsto Felício, que também o utiliza na análise de objetos distintos daqueles que aqui são considerados. Ver, neste sentido, SOUSA, Erahsto Felício de. *Subalternos no caminho da modernidade: marginais, politização do cotidiano e ameaças à dominação numa sociedade subordinadora do sul da Bahia* (Itabuna, década de 1950). Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 2010.

bloco ocidental, e da sua conseqüente responsabilidade pelo impedimento de ingresso do comunismo no continente americano, ficaria evidenciada de maneira nítida em seus editoriais. E, neste sentido, a escolha de uma agência de notícias exclusiva, e oriunda daquele país, para a reprodução das notícias sobre Cuba, se conforma a esses declarados princípios. Ainda neste sentido, sua adesão à propaganda de combate ao “perigo vermelho” e à retórica estratégica que levou à deflagração do golpe civil-militar de 1964, também é importante, já que, neste contexto, Cuba figurou como o mais recorrente e próximo exemplo de perigo comunista.

Ou seja, estaremos aqui empenhados no sentido de tentar entender o jornal **A Tarde como um ator político**, que atuou na sedimentação de um discurso jornalístico repassado internacionalmente pela *Associated Press*, mas que se adequava aos campos de atuação ideológica deste jornal, definidos conjuntura e estruturalmente.

O recorte temporal está balizado entre 1959, quando se dão as primeiras representações sobre o triunfo da Revolução Cubana; e 1964, quando a propaganda anticomunista que a ela esteve associada converte-se em justificativa de Estado, deixando de figurar como campanha pró-golpe. Campanha esta na qual o exemplo geograficamente próximo da Revolução Cubana fora tomado como ameaça à segurança interna brasileira.

\* \* \*

O primeiro capítulo da dissertação assume uma condição de efetiva introdução teórica ao trabalho, no qual são apresentadas inicialmente questões relacionadas ao perfil institucional do *A Tarde*. A partir disso, tentamos articular um mapeamento dos campos possíveis de atuação ideológica deste jornal para, daí, relacioná-los às respostas conjunturais que o mesmo estabeleceu no período estudado. Nesse momento, também são avaliadas as relações entre as agências internacionais de notícias e a imprensa brasileira, além das contribuições de autores acerca do papel da imprensa como formuladora de consensos e sustentadora de uma hegemonia definida pelos interesses das classes dominantes.



No último subitem do capítulo, tentei ainda dimensionar a representatividade da Revolução Cubana - enquanto método insurrecional - para grupos de esquerda no Brasil; com o objetivo de avaliar, paralelamente, a potencialização de sua imagem, no seio da direita, de padrão revolucionário imitável por grupos contestadores no Brasil e, que, por isso mesmo, colocava em risco a estabilidade da ordem político-social vigente.

O capítulo seguinte dedica-se à análise de uma primeira fase de representações sobre a Revolução Cubana no *A Tarde*, demarcada, basicamente, entre o momento do triunfo rebelde, e a formalização da opção socialista declarada por Fidel Castro em abril de 1961. Nesta fase, a força imagética de um movimento saneador, que havia derrubado com o apoio da população de seu país um regime corrupto e desgastado, dividiu espaço com as críticas aos rumos que eram tomados pelos rebeldes, então convertidos em governo. Neste ínterim, as execuções promovidas pelos tribunais instalados nos primeiros dias pós-triunfo foram alvo de constantes e enfáticas críticas formuladas pelos textos jornalísticos. No ano de 1960, quando as ações em Cuba vão acentuando suas contradições com relação aos Estados Unidos e aproximando o país, comercialmente, da União Soviética, as especulações acerca do caráter ideológico do processo político que se efetivava na Ilha vão cada vez mais conjecturando acerca da possibilidade da escolha de uma opção de regime socialista por aquele governo.

O capítulo 3 avalia um conjunto de textos escritos pelo jornalista do *A Tarde* e geógrafo Milton Santos que, após acompanhar o então candidato à presidência Jânio Quadros, elaborou e publicou no vespertino em que atuava, treze artigos sobre as suas impressões acerca da revolução que ali se processava. O teor opinativo da coluna intitulada “Visita a uma revolução”, a qual abrigou as produções, rivalizaram, no entanto, de maneira clara, com as tendências editoriais exibidas pelo *A Tarde*, sobre Cuba, até aquele momento (abril de 1960). Tentaremos avaliar tanto o conteúdo dos textos - os quais, além de tomarem Cuba positivamente como um símbolo de independência para a América Latina, apresentaram pontos de vista inéditos para o leitor do *A Tarde* - quanto as condições que propiciaram a publicação do material. A coluna de Santos também pôs em discussão as manipulações envidadas pelas agências estadunidenses no

tratamento dado ao tema “Cuba”, denunciando-as e subvertendo-as.

No quarto capítulo, uma segunda fase de representações sobre Cuba é analisada, a qual percorre o período que vai da formalização do projeto socialista para a nação, que joga Cuba no centro da representação anticomunista do período, até a execução do golpe civil-militar que institucionalizaria o temor argumentado pelas grupos conspiradores acerca da possibilidade da construção de uma república nos moldes da cubana em território brasileiro. Neste capítulo, apresentamos o comportamento adesista do jornal *A Tarde* à tal campanha e a utilização da temática “Cuba” de maneira associada a um regime que estaria sendo planejado para que se impusesse ao Brasil por certos “agentes vermelhos”.

Por último, o quinto capítulo se propõe a empreender uma avaliação comparativa entre a cobertura do jornal que aqui temos tomado como espaço central da investigação, o *A Tarde*, e aquela que foi dada pelo *Jornal da Bahia*, a eventos e aspectos relacionados ao processo revolucionário em Cuba. Tal capítulo originou-se de uma constatação preliminar da existência de diferenças significativas entre as abordagens dos dois veículos, e que se vincularam tanto às origens das informações consumidas, quanto à composição da equipe de jornalistas e colaboradores de suas respectivas edições. Além disso, o fato reforça a ideia de que as formulações estratégicas sobre a Revolução Cubana produzidas pelas agências dos Estados Unidos, não se apresentavam como regras gerais, das quais a imprensa do período não poderia escapar.

## **JORNAL A TARDE, AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE NOTÍCIAS E HEGEMONIA INFORMATIVA NO CONTEXTO DA “GUERRA FRIA”: CUBA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA**

### 1.1. GRANDE IMPRENSA “FIEL À BOA TRADIÇÃO”: A *TARDE* EM CAMPOS-LIMITES DE ATUAÇÃO IDEOLÓGICA

Fundado em outubro de 1912 por Ernesto Simões Filho, bacharel em direito e jornalista, o jornal *A Tarde* não tardaria para, já na metade do século XX, tornar-se o veículo de maior poder de interferência política do Estado. Sua fundação acompanhou, em grande medida, as transformações da imprensa brasileira na transição de uma fase artesanal, que marcou as experiências jornalísticas do século XIX, para uma de caráter empresarial, que gradativamente viria a se consolidar ao longo do século XX. Em outras palavras, o *A Tarde*, na Bahia, expressava de maneira representativa a fase já organizada sob a ótica do capitalismo que assumia a atividade de imprensa no Brasil do início do século XX<sup>3</sup>. E, apesar de enfrentar dificuldades no primeiro ano de existência<sup>4</sup>, no seguinte atingiu o nível de empresa competitiva e “passou a ter [...] o mais completo parque gráfico da cidade, capaz de prestar serviços a terceiros”<sup>5</sup>.

Neste momento de transição, que se insere num quadro geral de redefinições da atuação da imprensa em todo o mundo, além das mudanças no tocante à montagem da estrutura de produção, o conteúdo jornalístico também passava por reorientações, cujos dois sentidos essenciais eram: “o que noticiar” e

---

<sup>3</sup> SANTOS, José Weliton A. dos. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1985. A periodização “imprensa artesanal - imprensa industrial”, considerada pelo autor, é baseada na divisão estabelecida por Nelson Werneck Sodré ao caracterizar as fases da imprensa no Brasil. Ver SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>4</sup> Nelson Varón Cadena, num artigo comemorativo publicado no periódico em ocasião de seus 70 anos, fez uma exposição de tais dificuldades. Segundo o autor, elas eram, principalmente, de ordem técnica (utilização de uma velha máquina *Marinoni* para impressão) e de ordem comercial (dificuldade de captar anúncios frente à disputa com jornais já consolidados na capital); ambas superadas em pouco tempo. CADENA, Nelson V. “A Tarde: uma empresa construída a partir de um novo conceito mercadológico”. *A Tarde*, Salvador, 14 de out. 1982, p. 2.

<sup>5</sup> SANTOS, José Weliton A. dos. *op. cit.*, 1985. p. 62.

“como noticiar”.

Sobre o primeiro ponto, José Weliton Aragão dos Santos avalia que a partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial, a imprensa baiana (acompanhando as transformações verificadas em outros locais do país) se reorganiza no sentido de conceder atenção a eventos que se desenrolavam no nível internacional. Desta forma, a importância das agências internacionais de notícias, em funcionamento desde meados do século XIX, será superlativada, criando demandas novas para a impressão dos jornais<sup>6</sup>. O autor reflete que, por exemplo, a Revolução Russa de 1917, que seria tema de inúmeros editoriais anticomunistas na imprensa baiana, no combate às tendências “maximalistas”, demonstra “a abertura dos jornais para outras preocupações que **não somente** as da política local”<sup>7</sup>.

Acerca do segundo eixo, o jornalismo baiano, também em conexão com as novas demandas jornalísticas, tentará, gradualmente, estabelecer um padrão discursivo de “imparcialidade” nos seus textos, afastando-se, na medida do possível, dos modelos anteriormente predominantes de discurso jornalístico, em geral panfletários e vinculados a projetos políticos (partidários ou não) bem definidos<sup>8</sup>. Tal prática será importante para o crescimento do público leitor e, conseqüentemente, do número de anunciantes, e também irá valorizar a produção de consensos, uma vez que, abrigado por uma pretensa isenção na fala, as narrativas jornalísticas tendem a tornar-se credibilizadas<sup>9</sup>. Ou seja, o discurso jornalístico, travestido de isenção, também se fantasiava de verdade incontestável. E o esforço era (e é) o de que a interpretação fosse entendida como o fato em si, através de um modo específico de expô-la. O *A Tarde* acompanhará tais tendências

---

<sup>6</sup> SANTOS, José Weliton A. dos. *op. cit.*, 1985.

<sup>7</sup> *Id. Ibid.*, p. 4. Grifo meu.

<sup>8</sup> No entanto, é importante verificar que, no geral, a grande imprensa da capital baiana esteve associada a partidos ou líderes políticos do Estado na primeira metade do século XX e, ainda que se verificasse um esforço de se atribuir isenção à descrição dos fatos (com citação de fontes, uso de falas de especialistas, etc.); em certos momentos, e na abordagem de certos temas, o recurso ao apelo político apaixonado irá se fazer presente de maneira aberta. Ver SANTOS, José Weliton A. dos. *op. cit.*, 1985.

<sup>9</sup> Ver SANTOS, José Weliton A. dos. *op. cit.*, 1985; e ALVES, Cristiano Cruz. *Um espectro ronda a Bahia: o anticomunismo na década de 30*. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA, Salvador, 2008. Vale frisar ainda que, no final dos anos 40 do século XX, a tentativa de se separar “objetividade” e subjetividade no conteúdo jornalístico irá delinear as preocupações dos teóricos da “Teoria da Responsabilidade Social da Imprensa”, a qual abordarei em momento oportuno da dissertação.

e, gradualmente, se consolidará tanto como um jornal preocupado com a reprodução noticiosa dos eventos internacionais, quanto atento aos modelos normativos do jornalismo, vigorantes a nível internacional.

Enquanto esteve vivo, até 1957, Simões Filho acompanhou de perto o que se publicava no seu vespertino. Nele, suas tendências político-ideológicas eram expostas, num ideário que mesclava princípios de defesa da soberania das leis e igualdade jurídica entre os homens, com traços elitistas, que afastavam-se da defesa de reformas estruturais na sociedade. Tais valores foram definindo os campos-limites das práticas discursivas do jornal, o qual foi assumindo, no aspecto editorial, os valores do seu dono; tornando-se, nas palavras de Pedro Calmon, “o retrato de seu fundador”<sup>10</sup>.

Em nota do dia 04 de abril de 1956 publicada no jornal, Simões Filho igualou o *A Tarde* ao “espírito bahiano, conservador, avêso a mudanças bruscas, fiel à boa tradição”<sup>11</sup>. Para o proprietário, que comentava naquela ocasião as mudanças gráficas por que passava o jornal, o vespertino deveria seguir sem extravagâncias, conservando antigos hábitos, já que “a Bahia é em tudo medida e discrição. 'A Tarde' não é e não quer ser outra coisa senão a sua sombra”<sup>12</sup>. Associando a retórica do moderno à apologia da tradição, o *A Tarde* acenava, a meu ver, um certo “conservantismo moderno”, típico das elites políticas baianas, tal como descreveu Dantas Neto<sup>13</sup>. E, entendendo que as representações, “descrevem a sociedade tal como (seus formuladores) pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”, tal como bem assinala Roger Chartier<sup>14</sup>, a nota demonstrava o caminho por ele escolhido a trilhar: as mudanças que a modernidade fosse impondo estariam sempre condicionadas à preservação das tradições. Para Simões Filho, uma posição condizente com o espírito baiano (do modo como ele o “lia” e o “dava a

---

<sup>10</sup> CALMON, Pedro. “Vozes da Bahia”. In: *A Tarde*, Salvador, 15 de out. 1962, p. 3. Pedro Calmon (1902-1985), político e jurista baiano, também foi autor de uma biografia de Simões Filho (CALMON, Pedro. *A vida de Simões Filho*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986) e costumava escrever textos de elogio ao jornal em ocasiões especiais.

<sup>11</sup> NOTAS diversas – A nova “A Tarde”. *A Tarde*, Salvador, 04 de abr. 1956, p. 4. A nota não está assinada mas foi atribuída a Simões Filho por CALMON, Pedro. *op. cit.*, 1986. p. 217.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Quebra da casca do ovo: a elite baiana e a obra do golpe de 1964*. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa\\_bahia\\_01.pdf](http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_01.pdf)>. Acesso em 09/05/2009.

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1990.

ler”<sup>15</sup>): “avesso a mudanças bruscas”.

Parece-me ainda coerente concordar que o centro da linha editorial do *A Tarde* era mesmo a defesa da ordem, ou a “defesa de uma ordem”, de um modelo de democracia, que, para Antonio Sérgio Guimarães, aparecia no jornal como “uma ordem capitalista onde se respeitem o direito à propriedade privada e as liberdades individuais do cidadão (ou seja, dos que têm direitos)”<sup>16</sup>. O *A Tarde*, então, apresentava um ideal de democracia liberal-burguesa centrada e reduzida basicamente na igualdade jurídica e no direito à propriedade e ao voto. Sendo este último previsto, invariavelmente, como a expressão mais sincera da satisfação ou insatisfação popular<sup>17</sup>.

Considero importante a avaliação das historiadoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, as quais, num artigo recente, nos fazem refletir acerca de uma problemática crucial quando tratamos da relação entre imprensa e história: será possível enquadrarmos um determinado jornal num projeto editorial específico ou numa posição política e ideológica geral apresentada por ele ao longo de sua trajetória?<sup>18</sup> Em outras palavras, será possível afirmar que o jornal “A” é liberal, enquanto o “B” é conservador, ou que o jornal “C” é liberal-conservador?

As autoras rejeitam a possibilidade, alegando a necessidade de se reconhecer, isto sim, os traços gerais apresentados pela linha editorial do veículo analisado em momentos específicos de sua história, sob condições específicas de circulação e sob o efeito de confrontos, tendências e disputas no seio de cada conjuntura histórica<sup>19</sup>. É mesmo neste sentido que temos tentado trabalhar, avaliando o comportamento do jornal no decorrer do período recortado para a presente pesquisa (1959-1964), no sentido de entender de que maneira o jornal repercutiu, deu a ler, os eventos considerados na pesquisa.

---

<sup>15</sup> Considerando as terminologias utilizadas por Chartier (*Id. Ibid.*)

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Antônio S. *Formação e crise da hegemonia burguesa na Bahia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1982. p. 69.

<sup>17</sup> Não é prioritária aqui a discussão sobre os limites do sufrágio em meio ao modelo capitalista, mas é importante ressaltar que questões como propaganda partidária com verba privada e, principalmente, o poder da mídia corporativa como promotora de campanhas, integram, ao meu ver, algumas dessas contradições.

<sup>18</sup> CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.

<sup>19</sup> *Id. Ibid.*

No entanto, entendo que também seja plausível a busca de uma solução analítica que dê conta de caracterizar o veículo em seus campos-limites discursivos apresentados. Ou seja, sua trajetória, suas participações em determinados eventos políticos, as pressões externas, os valores de seu dono, de seus redatores e editores, seus vínculos políticos (ainda que variáveis), as escolhas das fontes de informação, acabam definindo um campo de atuação ideológica demarcada por limites “possíveis”, que no caso do *A Tarde*, transitava, de acordo com o momento, entre os valores do liberalismo clássico e o elitismo. Assim procedendo, parece-me improvável que o *A Tarde* pudesse, em algum momento específico de sua trajetória (até o momento estudado), apresentar uma linha editorial que pudéssemos classificar como “de esquerda”, por exemplo<sup>20</sup>.

Assim, ainda que seja evidente, como já o dissemos, que as posições não eram estáticas e poderiam inclusive demonstrar contradições, a linha editorial girou em torno de um padrão político-discursivo predominante, que naquela conjuntura aparecia substanciado pela articulação entre uma identidade do jornal marcada por valores liberais não raramente associados a traços de conservadorismo; e o ingrediente importante das tendências anticomunistas dos textos noticiosos que lhes eram enviados, num contexto no qual a polarização entre esquerda e direita figurava como uma constante no discurso jornalístico.

Ou seja, na presente pesquisa, busca-se apresentar um certo padrão político-discursivo ou ideológico-informativo apresentado pelo jornal *A Tarde* especialmente no momento histórico que se convencionou chamar de Guerra Fria. Assim, tentaremos dar conta de avaliar que posições o jornal *A Tarde* adotou diante de uma disputa tão acirrada e que afetava diretamente o trabalho da imprensa, uma vez que as representações (variáveis) sobre inúmeros temas também estavam direta ou indiretamente vinculadas ao conflito em questão. No centro da avaliação, e como mote ilustrativo, estará um tema cujas abordagens refletiram de maneira importante as pretensões de hegemonização ideológica do período: o triunfo e a trajetória da Revolução Cubana em seu primeiro quinquênio.

---

<sup>20</sup> Seguindo as pistas de Norberto Bobbio, vamos tomar aqui o conceito de esquerda consagradamente vinculado às noções de busca pela transformação social, de valores igualitários e de não-aceitação da desigualdade como algo natural. Ver BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

\* \* \*

É fato que as empresas jornalísticas tendem a defender os interesses dos grupos ou indivíduos que as detêm. Mas, no caso específico do *A Tarde*, o invariável interesse de Simões Filho pelo conteúdo do jornal, mesmo em momentos em que o empresário esteve dedicado ao trabalho de Ministro da Educação e Saúde, durante o governo Vargas, demonstra um sistemático esforço do proprietário em acompanhar da maneira mais plena possível o quê e como se imprimia em seu vespertino. Ou seja, mais do que uma orientação geral ou uma política editorial definida e acompanhada pelo dono, o *A Tarde*, conviveu, até 1957, com a presença marcante de seu fundador no processo de elaboração<sup>21</sup>. Seu cuidado em interferir até mesmo nas posições das colunas, manchetes e reprodução de textos do serviço telegráfico no *A Tarde* ficam demonstrados, por exemplo, nas suas diversas cartas endereçadas à redação, das quais travei contato com aquelas remetidas ao então diretor Ranulfo Oliveira, no período de 1938 a 1957<sup>22</sup>.

Em artigo jornalístico recente, Francisco Viana, lembrando seu trabalho no jornal, no final dos anos 60, avaliou de maneira ilustrativa as características do jornal que o abrigava:

Vivia de fama, da reputação modelada nos tempos do Dr. Simões Filho, o liberal conservador que fundou o jornal. Seus olhos, nada ingênuos, fixavam em duas instituições basilares: a Igreja e as Forças Armadas. Mas equilibrava-se ao centro e seus movimentos gravitavam no rumo do liberalismo clássico. Seu redator-chefe, o venerando Jorge Calmon era um esteio contra o obscurantismo do regime. Anticomunista, orgulhava-se de proteger os jornalistas de esquerda ou contrários ao regime. Enfim, um jornalista honrado que acreditava genuinamente no modelo liberal de fazer jornal.<sup>23</sup>

Na fala do jornalista, Simões Filho é representado no diálogo entre os traços

---

<sup>21</sup> Acredito que tal participação não se dava de forma diária, mas, ainda assim, constante.

<sup>22</sup> O acervo privado de Simões Filho está guardado no Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon, em Salvador.

<sup>23</sup> VIANA, Francisco. "Uma época de ouro". In: *Revista digital Terra Magazine*, 3 de out. 2009. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,O14017443-E16783,00-Uma+epoca+de+ouro.html>. Acesso em 01/04/2010.



liberais e conservadores. E o *A Tarde*, através de seu redator-chefe, é vinculado ao modelo liberal de se fazer jornal. De acordo com tais princípios, num regime de livre mercado sem interferência do Estado, as ideias também devem circular livremente através dos jornais e a verdade é o resultado do “livre” embate daquelas<sup>24</sup>. Além disso, o jornal também deve assumir um papel de “vigilante e fiscalizador do Estado, de esclarecimento e orientação e posteriormente de representação do indivíduo cidadão na sua mediação com o governo”<sup>25</sup>. Entende-se que o jornalista Francisco Viana refere-se a esses aspectos quando fala da crença genuína do então redator-chefe Jorge Calmon em tal modelo<sup>26</sup>.

Tal modelo liberal-clássico de se fazer jornalismo foi largamente criticado, principalmente por setores progressistas e/ou socialistas, no sentido de que se apoiava na ilusão de que as ideias poderiam circular livremente em veículos de comunicação cada vez mais ligados aos grupos econômicos que os sustentavam e dependentes de informações mercantilizadas, formatadas por agências de notícias transnacionalizadas.

Na década de 40, as críticas descritas se associaram às que foram formuladas contra a imprensa estadunidense por conta de sua cobertura tendenciosa e influente durante a Segunda Guerra. Personalidades do mundo empresarial e acadêmico reuniram-se, então, para discutir uma orientação geral a ser seguida pela imprensa liberal, diante de tantas contradições. Foi criada, assim, em 1942, a “Comissão Hutchins”, que tentava avaliar a função da imprensa na sociedade moderna<sup>27</sup>.

Fortemente inspirada na “Teoria da Responsabilidade Social”, de filiação liberal, que refletia sobre o papel social das empresas na sociedade, a Comissão

---

<sup>24</sup> Tal como explicado por SERRA, Sônia. “Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da 'Imprensa Popular'”. In: *Anais do II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política*. Belo Horizonte, 2007.

<sup>25</sup> *Id. Ibid.*

<sup>26</sup> Em 1965, Jorge Calmon definiu o sujeito-jornalista como ‘... o depositário do contrato feito pela sociedade com uma instituição particular – a imprensa – para que proteja o interesse público, fiscalize os governos, denuncie os abusos, clame contra as violências, ampare as liberdades, advogue pelos desprotegidos, zele pelo Direito, propugne pelo progresso, pela prosperidade coletiva para a construção pacífica e harmoniosa do futuro’. CALMON, Jorge. “Discurso de Posse”. Salvador, *Revista da Academia de Letras da Bahia*. nº 21. p. 85-93 *apud* MATTOS, Sérgio. *Jorge Calmon (1915-2006): o jornalismo e o jornalista*. Mesa-Redonda. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=565FDS007>. Acesso em 17/04/2010.

<sup>27</sup> SERRA, Sonia. artigo citado, 2007.

tentou articular uma “Teoria da Responsabilidade Social da Imprensa”. No geral, a teoria mantém os traços característicos do modelo liberal clássico, sendo os jornais ainda entendidos como cães-de-guarda atentos a possíveis desmandos dos governos; mas acrescenta alguns pontos importantes como o privilegiamento do esclarecimento público, com utilização de distintas fontes de informação, além da necessidade de serem separados “opinião” e “fato” no discurso jornalístico. Ou seja, apoiada na ideia da neutralidade da fala, a teoria regulava que os jornais deveriam distinguir “objetivamente”, para o leitor, os textos jornalísticos “informativos” (notícias, notas, reportagens e entrevistas), pretensamente imparciais; dos textos jornalísticos “opinativos” (editoriais, comentários, artigos, resenhas e colunas), nos quais a posição de um autor ou do jornal é evidenciada de forma direta<sup>28</sup>.

No Brasil, a teoria, ainda segundo Serra, encontrou forte bloqueio na intensa partidarização dos jornais. Mas, ainda assim, algumas de suas normatizações foram adotadas por jornais brasileiros, o que pode ser observado de maneira clara quando se avalia a evolução das abordagens jornalísticas na segunda metade do século XX. Para os jornais, interessados no aumento constante do público-leitor, era importante a adaptação de seus impressos aos modos como estes eram produzidos nos grandes “centros” mundiais.

\* \* \*

Ao longo do século XX, o jornal *A Tarde* acompanhou os grandes embates políticos do restrito nível de tomada de decisões do poder estadual baiano, concentrado em Salvador; tornando-se, em vários momentos, mais que testemunha, ator das principais vicissitudes políticas que interessaram ao Estado ao longo do século.

Em 1920, oito anos após seu surgimento, o *A Tarde* evidenciou sua força já alcançada como ator político no episódio conhecido como “Revolução Sertaneja”. O evento, que confrontou coronéis do interior do Estado contra o grupo político de J.

---

<sup>28</sup> SERRA, Sonia. artigo citado, 2007.

J. Seabra, contou com o trabalho empenhado do jornal, ao contribuir para a desestabilização do governo de Antonio Muniz (1916-1920), aliado de Seabra; e ao superdimensionar, em prol dos coronéis, a evolução dos acontecimentos no interior do Estado. E, ainda que o desfecho do evento não tenha sido o esperado para Simões Filho, o processo demonstrou o poder de atuação que detinha o *A Tarde* já naquele período<sup>29</sup>.

Durante a década de 30, o jornal também evidenciou sua importância política ao se tornar veículo principal da campanha “autonomista” empreendida por políticos baianos vinculados aos interesses da elite econômica do estado, que naquele momento se indispunha ao projeto varguista de centralização e dirigismo estatal; posição que resultou no exílio de Simões Filho durante os momentos iniciais do governo de Getúlio Vargas<sup>30</sup>. Nos anos seguintes, nas décadas de 1940, 50 e 60, o *A Tarde* tornou-se palco do entrelaçamento entre o projeto liberal-burguês em ascensão e os limites e contornos impostos pelas oligarquias do estado, passando assim a conciliar os ideais desenvolvimentistas que o liberalismo carregava com as prerrogativas de uma sociedade marcadamente aristocrática, sustentadas pelas velhas elites baianas.

Com tais características, *A Tarde* chegou à metade do século XX como a maior empresa jornalística da Bahia, com sucursais no Rio de Janeiro e Aracaju, 16 páginas diárias, número elevado de jornalistas e colaboradores, lotado num imponente prédio na Praça Castro Alves, impressão de alta qualidade para a época, e com um aspecto de jornal cosmopolita. Tendo realizado assinaturas com agências nacionais e internacionais de notícias, também se destacava pela amplitude dos temas e fatos abordados, acompanhando, inclusive, a tendência da grande imprensa brasileira à época, de dedicar suas primeiras páginas, em geral, aos temas internacionais. Assim, ao longo de sua trajetória, o jornal *A Tarde* foi se consolidando como um veículo de força frente a uma “opinião pública” baiana e

---

<sup>29</sup> O interesse maior dos coronéis, e também do *A Tarde*, era o de impedir a vitória eleitoral provável de Seabra e forçar uma intervenção federal no governo de Antonio Muniz, anulando assim as eleições. Com as notícias manipuladas que vinham da Bahia, a intervenção se deu, porém em favor de Muniz. A eleição de Seabra foi garantida e foi estabelecido um acordo com os coronéis, cujas condições lhes foram bastante favoráveis. Ver SAMPAIO, Consuelo N. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. 2. ed. Salvador: Edufba, 1999 e SANTOS, José Weliton A. dos. *op. cit.*, 1985. p. 100-112.

<sup>30</sup> SAMPAIO, Consuelo N. *op. cit.*, 1999.

soteropolitana<sup>31</sup>.

## 1.2. A REVOLUÇÃO CUBANA COMO REPRESENTAÇÃO JORNALÍSTICA

Quando, nos primeiros dias de 1959, os rebeldes da *Sierra Maestra* tomaram as principais cidades de Cuba, sepultando definitivamente a desgastada ditadura de Fulgêncio Batista, a imprensa internacional celebrou<sup>32</sup>. Nos textos das já consolidadas agências internacionais de notícias, reproduzidos largamente nos principais jornais do mundo, o tom elogioso e celebrativo predominou. A transmissão telegráfica das notícias possibilitou a cobertura dia-a-dia do processo nos principais veículos de comunicação do globo e, para estes, a vitória dos revolucionários em Cuba representava positivamente a derrubada de mais uma ditadura no hemisfério.

As notícias sobre os eventos em Cuba chegaram ao Brasil unicamente através destas empresas noticiosas estrangeiras. Os jornais brasileiros, em geral, não possuíam correspondentes em outros países e, desta forma, recebiam as notícias internacionais através de empresas contratadas para prestar tal serviço. Na virada dos anos 1950-60, dominavam o serviço as estadunidenses *Associated Press (AP)* e *United Press International (UPI)*; e as européias *Reuters* e *Agence France-Presse (AFP)*, emitindo suas formas de ver o mundo e impondo suas eleições de temas pertinentes para os mais diversos países.

---

<sup>31</sup> Os números acerca da circulação dos jornais de Salvador nos anuários estatísticos do IBGE para o período estão agrupados em periódicos “vespertinos” e “matutinos”, não sendo possível, por isso, chegarmos à tiragem do jornal para o período. Recorremos, assim, tanto aos dados mencionados acima, como às informações de alguns autores que confirmam o que o exercício empírico demonstra: que o *A Tarde* era o jornal de maior circulação do período (Por exemplo, CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: Edufba, 1999. p. 115).

<sup>32</sup> O *New York Times*, principal jornal estadunidense, por exemplo, declarou: “As notícias que o presidente Fulgêncio Batista teria celebrado o Ano Novo fugindo de Havana para o abrigo preparado pelo seu companheiro-ditador, Trujillo, na República Dominicana, foi bem recebida no país. Nós saudamos o sucesso do movimento liderado pelo devotado Fidel Castro, o qual Herbert L. Mathews, deste jornal, descreveu há aproximadamente dois anos como disposto a lutar por ‘uma nova ordem para Cuba: radical, democrática e portanto anticomunista’”. (FIDEL Castro's Cuba. *New York Times*, 18 de jan. 1959, p. e12). Disponível parcialmente em: <http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F30812F93D5C1A7B93CAA8178AD85F4D8585F9&scp=5&sq=fidel+castro&st=p>. Acesso em 16/09/2009. Tradução do autor.

Pelo grau de organização e estrutura que apresentavam (e ainda apresentam), essas agências internacionais podem ser melhor definidas como “agências transnacionais de notícias”, dada “sua racionalidade de empresa privada que persegue a expansão contínua e a otimização a longo prazo dos lucros”<sup>33</sup>. Entendendo que tais empresas têm seus interesses essencialmente vinculados aos países e estruturas aos quais estão conectadas ou instaladas (dados os benefícios econômicos advindos destas relações), sua interferência na construção do mundo através das interpretações noticiosas tendem a assumir a feição desejada por estes espaços institucionais de origem<sup>34</sup>.

Ao passo em que foram se desenvolvendo os sistemas de envio de informações pelo mundo e aumentando os veículos clientes destas produtoras de notícias por todo o globo, as suas representações definiam o contato do crescente número de leitores com uma maneira específica de ver o mundo, mas percebida em geral como o fato em si. Tal como expressa Margarethe Born Steinberger, numa análise da mídia contemporânea, os jornais possuem uma capacidade maior do que a de traçar mapas ou contornos gerais do mundo, mas a de produzir socialmente o mundo através da ampla circulação destas representações<sup>35</sup>.

Para o presente trabalho, interesse-me particularmente pela *Associated Press*, agência escolhida pelo jornal *A Tarde* para a transmissão das notícias sobre o tema da revolução cubana ao longo do período estudado<sup>36</sup>. Por isso, faz-se relevante a apresentação ainda que introdutória do perfil geral desta agência específica. Para tanto, utilizei uma série de estudos promovidos pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET) e publicados num livro

---

<sup>33</sup> SOMAVÍA, Juan. “A estrutura transnacional de poder e a informação internacional: elementos para a definição de políticas face às agências transnacionais de notícias”. In: MATTA, Fernando Reyes (org.). *A informação na nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 38.

<sup>34</sup> SOMAVÍA, Juan. “A estrutura...”. In: MATTA, Fernando Reyes (org.). *op. cit.*, 1980. p. 38.

<sup>35</sup> STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia – jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

<sup>36</sup> Apesar de algumas poucas notícias e imagens terem sido remetidas pela *United Press International (UPI)*, na quase totalidade dos textos os créditos de emissão são mesmo concedidos à *Associated Press (AP)*, tal como declara a nota presente em inúmeras edições do *A Tarde* do período: “As informações telegráficas de 'A Tarde' procedem dos nossos correspondentes no país e das agências 'Asapress' e 'Telepress' e as estrangeiras da '**Associated Press**'” (grifo meu). Ver, por exemplo: *A Tarde*, 08 de jun. 1960, p. 1.

intitulado “A informação na nova ordem mundial”, de 1980<sup>37</sup>.

*Da AP para o A Tarde: caixa de ressonância da propaganda anticomunista*

A AP foi fundada em 1848 através de um sistema cooperativo envolvendo proprietários de jornais estadunidenses. Em janeiro de 1870, dada sua considerável inserção alcançada, compôs, juntamente com a *Reuters* e a *Havas*, o primeiro de uma série de acordos entre as agências internacionais para dividir os locais de atuação comercial no mundo. Em 1927, outro acordo assinado entre as três referidas agências mais a *United Press*, definiu o direito da AP de estender seus serviços à América do Sul<sup>38</sup>.

Os vínculos da *Associated Press* com o governo estadunidense eram fundamentais para a permanência do crescimento comercial da mesma. Após a Segunda Guerra, tal ligação assumiu um caráter mais institucionalizado, uma vez que a dinâmica imposta pela Guerra Fria levou a AP e a UPI a reproduzirem a propaganda oficial difundida pelo governo dos Estados Unidos de combate aos “inimigos” comunistas. As contribuições das duas agências ao governo estadunidense e à propaganda anticomunista renderam-lhes a possibilidade de inserir-se em mercados cada vez mais amplos. Matta considera então que

Os anos sessenta foram uma soma de exemplos da vinculação entre as poderosas AP e UPI (...). A forma e qualificação dos fatos na crise do Congo, em todos os movimentos nacionalistas do Terceiro Mundo, no tratamento da Revolução Cubana, na crise de São Domingos, na Guerra do Vietnam, para citar alguns exemplos, demonstraram que os novos gigantes da informação internacional correspondiam aos interesses políticos e econômicos do foco onde se situavam seus quartéis gerais: Nova York.<sup>39</sup>

A escolha da *Associated Press* como agência telegráfica condizia com os traços liberais e o caráter marcadamente anticomunista do jornal *A Tarde*. Vinculando-se ao projeto estadunidense de bloqueio à penetração comunista na América, reproduziu os estereótipos e as propagandas advindas das agências

<sup>37</sup> MATTA, Fernando Reyes (org.). *op. cit.*, 1980.

<sup>38</sup> MATTA, Fernando Reyes. “A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação”. In: MATTA, Fernando (org.). *op. cit.*, 1980.

<sup>39</sup> *Id. Ibid.*, p. 72.

daquele país, no combate ao “perigo vermelho”.

Para a viabilização da difusão da ideologia oficial propugnada pelos EUA no contexto da Guerra Fria, fez-se necessária a articulação de uma rede ampliada de exportação de notícias e da ideologia nelas contidas. O processo de fabricação de consensos era assim possibilitado pela ação conjunta de gabinetes oficiais norte-americanos, agências internacionais de notícias e de publicidade colaborativas e interessadas em benesses advindas de tal articulação, e jornais conveniados, espalhados pelo mundo. Entre estes, o *A Tarde*. Por isso considero que, de maneira estrutural, o veículo baiano mais repassou as ideias e as imagens confeccionadas sobre Cuba pela correspondência noticiosa internacional do que propriamente criou e elaborou de maneira original um quadro específico e próprio acerca do fenômeno cubano.

No entanto, longe de tentar avaliar as representações do *A Tarde* como meras reproduções fidedignas de uma propaganda estadunidense via *AP*, considero que há especificidades a serem analisadas, sobre as quais me ative ao longo do trabalho. Especificidades que não se restringem à cobertura sobre Cuba, mas que aparecem na propaganda anticomunista geral. Assim, do ponto de vista empírico, seria um absurdo avaliar as notícias sobre Cuba no *A Tarde* como isenta de particularidades. No entanto, seria igualmente insustentável defender que tal cobertura conviveu de maneira paralela e independente com aquela que foi conduzida pelas agências telegráficas, pois se faz evidente que dela se alimentou.

Deste modo, mesmo considerando que inúmeros editoriais foram produzidos pelo *A Tarde* analisando os passos do novo governo estabelecido em Cuba; suas impressões, informações e tendências, no entanto, acompanharam em grande medida o teor impresso pelas notícias telegráficas. Por isso interpreto o fenômeno tal como designou a historiadora Elisa Servín num trabalho sobre o anticomunismo nos jornais mexicanos: que a imprensa serviu de “caixa de ressonância” da propaganda ideológica fabricada nos gabinetes do governo estadunidense e repassada internacionalmente pelas agências noticiosas deste e de outros países<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> SERVÍN, Elisa. “Propaganda y Guerra Fria: la campaña anticomunista en la prensa mexicana del medio siglo”. *Signos Históricos*. Jan-Jun. n. 011. Universidade Autónoma Metropolitana – Iztalpalapa: Distrito Federal, México, 2002, p. 9-39.

E, mesmo com a crescente expansão da televisão, a imprensa escrita ainda mantinha-se como um “território chave das batalhas ideológicas” determinadas pela Guerra Fria<sup>41</sup>.

### *Controle estrangeiro sobre a imprensa brasileira*

Para Nelson Werneck Sodré, as transforma es ocorridas na imprensa brasileira a partir da segunda metade do século XX, acompanhando as transforma es no seio do capitalismo mundial e, no país, das conseq ncias da chamada Revolu o Brasileira; são suficientes para as inserirmos num quadro de “crise”, entendendo o autor que tal quadro materializa-se “quando as formas antigas já não satisfazem ou não correspondem ao conteúdo, e vão sendo quebradas, sem que se tenham definido ainda plenamente as novas formas”<sup>42</sup>.

A partir de uma fundamenta o marxista, o autor avalia que esta crise tem como plano de fundo determinante uma etapa do capitalismo avançado em que grandes empresas jornalísticas tendem a monopolizar o serviço da informa o, dadas as dificuldades de concorrência impostas às pequenas e alternativas iniciativas. Além disso, a constante dependência da imprensa a conjunturas favoráveis de câmbio e impostos para importa o de papel, disponibilidade de anunciantes, manuten o de um maquinário cada vez mais avançado, entre outras coisas; aparecem como atenuantes fundamentais de tal quadro crítico.

Outro traço essencial desta fase   o controle opinativo das notícias por grupos estrangeiros vinculados ao imperialismo estadunidense. Para Sodré, dois são os instrumentos essenciais para a efetiva o deste controle: um primeiro determinado pelas **agências internacionais de publicidade**, intermediárias do repasse de verbas   mídia impressa e falada por empresas estrangeiras anunciantes; e um outro que se refere ao controle do envio de informa o pelas **agências internacionais de notícias**, contratadas por veículos nacionais.

Sodré expõe que, em algumas ocasiões, as primeiras foram responsáveis pela organiza o de campanhas vinculadas aos interesses de seu país de origem,

---

<sup>41</sup> SERV N, Elisa. artigo citado, 2002, p. 11.

<sup>42</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *op. cit.*, 1999.



utilizando como instrumento de pressão o repasse das verbas dos anúncios publicitários. Para exemplificar, o autor discorre sobre a operação levada a cabo pela grande mídia brasileira contra as pretensões varguistas de controle petrolífero pelo Estado, e a campanha contra a auto-sustentabilidade energética da ferrovia Central do Brasil, na qual, segundo o autor, o jornal *Diários Associados* fora o principal articulador da defesa da subordinação energética da ferrovia à empresa estrangeira *Light*, além de outras situações semelhantes. Nesses casos, a mídia nacional servira de instrumento para as ações estratégicas do imperialismo frente à realidade nacional<sup>43</sup>.

Em 25 de outubro de 1962 a revista carioca *Política e Negócios (PN)*, através de seu editorial, abordou a questão da propaganda anticomunista estimulada pelas empresas de publicidade representantes de empresários estrangeiros, através do envio de vultosas somas em momentos politicamente oportunos. O texto possui um conteúdo e um tom raro no conjunto da produção jornalística daquele período. Dele reproduzo dois trechos:

Na verdade, dinheiro de procedência estrangeira rola em quantidade generosa por esse Brasil. E não é mandado para cá como auxílio econômico. *Chega, farto, quando eleições se aproximam*. Mas está sempre comparecendo, na sua missãozinha de fazer os brasileiros adotarem um certo *way of life*.

(...)

*Mas que diz ufano: 'sou anticomunista!'*. E não sabe nem do que está falando. Dinheiro dessa procedência também financia uma fabulosa indústria no país, a do anticomunismo. E safadíssima, pois que é decalcada na premissa de que o Brasil já está praticamente comunizado. Por isso os dólares vêm. E os relatórios vão. *Para inglês ver? Não, americanos.*<sup>44</sup>

O editorial está interessado em expor a relação íntima estabelecida entre o dinheiro estrangeiro da publicidade e a “safadíssima” campanha anticomunista

---

<sup>43</sup> Na presente pesquisa, no entanto, possíveis relações estabelecidas entre as agências de publicidade compradoras de espaços no jornal *A Tarde* e sua linha editorial assumem uma forma meramente hipotética, dada a falta de sustentação empírica. Motivo que me constrange a afirmar que tal interferência direta tenha de fato ocorrido. Apesar disso, a utilização de capitais estrangeiros para negociações de conteúdo jornalístico em outros jornais brasileiros está bem demonstrada por SODRÉ, Nelson Werneck. *op. cit.*, 1999.

<sup>44</sup> *Política e Negócios*, Rio de Janeiro, 25 de out. 1962. *apud* SODRÉ, Nelson Werneck. *op. cit.*, 1999. p. 422-423. Os grifos em itálico são do original.

capitaneada por grupos interessados em tais verbas, os quais, no texto, aparecem como acusadores levianos de uma certa comunização brasileira.

Vale frisar que ao longo da década de 50 e início dos anos 60, este tipo de debate esteve associado à proibição pela Constituição de 1946 do controle estrangeiro sobre a imprensa nacional, a qual definia inclusive a exclusividade de orientação intelectual da imprensa a brasileiros, o que era desrespeitado por dois tipos de ações: um de burla, através das agências internacionais de notícias, fornecedoras em larga escala de textos a jornais brasileiros (orientando assim intelectualmente as opiniões); e outro de infração direta à lei, efetivada através da circulação de revistas como a *Seleções* e a *Visão*, propriedades de empresários estadunidenses circulando livremente pelas bancas brasileiras<sup>45</sup>. A denúncia do editorial acima citado vincula-se a este tipo de questionamento.

A problemática do controle opinativo exercido pelas agências internacionais de notícias na imprensa brasileira, por sua vez, também já se configurava como uma pauta de questionamentos nesses anos. Em 1962, por exemplo, uma publicação intitulada “Imprensa brasileira: vultos e problemas”, escrita pelo jornalista Fernando Segismundo, denunciava a “falta de objetividade” das agências telegráficas<sup>46</sup>. Citando o editorial “Uma pergunta”, do *Jornal do Brasil*<sup>47</sup>, em que as agências *Associated Press*, *United Press* e *France Press* eram criticadas pela cobertura tendenciosa, o jornalista comentava:

Ao passo que pronunciamentos contrários a Cuba vinham narrados na íntegra por aquelas agências, notícias referentes ao futuro da ONU, ao movimento sindical africano e aos esforços de paz desenvolvidos no Vietnã do Sul eram totalmente omitidos. Terminava o *Jornal do Brasil* pedindo providências, a fim de que os povos não percam, de todo, a confiança nos órgãos de informação pública.<sup>48</sup>

Para Sodré, no entanto, seria solução possível para esse problema a constituição de uma agência brasileira organizada pelo Estado para fins de recolhimento de notícias do exterior e envio para os jornais brasileiros. No entanto,

---

<sup>45</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *op. cit.*, 1999.

<sup>46</sup> SEGISMUNDO, Fernando. *Imprensa brasileira: vultos e problemas*. Rio de Janeiro: Alba, 1962.

<sup>47</sup> UMA pergunta. Editorial. *Jornal do Brasil*, 26 de jan. 1952. apud SEGISMUNDO, Fernando. *op. cit.*, 1962. p. 5.

<sup>48</sup> SEGISMUNDO, Fernando. *op. cit.*, 1962. p. 5.

figurando como traço essencial do discurso liberal brasileiro a negação de toda e qualquer interferência do Estado nas páginas dos jornais, tal empreitada fica dificultada. Para Sodré, “essa solução a nossa grande imprensa não aceita: prefere depender de organizações estrangeiras do que de uma organização nacional de que participe o Estado”, o que, segundo o autor, fora tentado durante o governo Jânio Quadros e convenientemente arquivado<sup>49</sup>.

### *Dimensões do “político” e a noção de representação*

Algumas reflexões teóricas parecem úteis para uma instrumentalização na análise dos veículos de imprensa como ferramentas de sedimentação de um dado discurso. A primeira delas advém de Noam Chomsky, intelectual estadunidense que, além dos estudos na linguística, tem se dedicado à análise política das ações imperialistas promovidas pelos Estados Unidos<sup>50</sup>. Para este autor, é componente essencial do atual modelo democrático definido por uma classe minoritária dominante, a utilização de um determinado “sistema doutrinário” para a manutenção do afastamento da população em geral do nível de tomada de decisões, e para a implantação de justificativas para ações autocráticas do Estado. Entre os componentes deste sistema, está a propaganda, possibilitada pela utilização de veículos de imprensa, por exemplo<sup>51</sup>.

Assim, a discussão acerca do papel e das ações de dominação cultural exercidas pelos grandes veículos de imprensa contemporâneos deve estar aliada, entre outras coisas, à análise do modelo de democracia pretensamente ideal

---

<sup>49</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *op. cit.*, 1999. p. 416. O autor, muito provavelmente, se refere à implantação do Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) durante o governo Jânio Quadros, que previa a supervisão das rádios, emissoras e agências de notícias atuantes no país. Outros decretos do período também tentavam orientar o conteúdo veiculado pela imprensa, tais como a exibição de um filme nacional para cada dois estrangeiros, a proibição do sensacionalismo nas exposições, cenas eróticas e outras regulações.

<sup>50</sup> Interesse-me aqui pelo Chomsky analista e militante político, já que o próprio intelectual admite ter dificuldades em encontrar pontos comuns entre os seus estudos de linguista e as suas reflexões sobre questões políticas. Ver o documentário *Consenso Fabricado*: Noam Chomsky e a mídia, de Marc Acbar e Peter Wintonick, produzido em 1992.

<sup>51</sup> Tal idéia é apresentada em vários livros e artigos de Chomsky. Aparece bem elaborada em, por exemplo: CHOMSKY, Noam. *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999 e CHOMSKY, Noam. *Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda*. trad. Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

implementado nos países integrados ao capitalismo globalizado: um modelo liberal representativo no qual uma “classe especializada” e legitimada pela instituição legal do voto tem garantido o afastamento do “rebanho assustado” das esferas de poder na sociedade, absorvido por entretenimentos ou, num outro campo, por mitos políticos fabricados intencionalmente e reproduzidos exaustivamente em aparelhos doutrinários interligados<sup>52</sup>. O controle se dá não através da força, tal como num estado totalitário, mas através de um processo de fabricação massiva de consensos e verdades<sup>53</sup>.

Como exemplo, o autor analisa os processos de formulação de consensos de legitimidade para as intervenções dos EUA em outras nações. Em “Controle da Mídia”, Chomsky avalia a importância da extensiva propaganda neste âmbito e seu elemento central naquele país: a disseminação do medo. A criação de um “outro” perigoso, mau e ameaçador tem sido o recurso central para a construção de uma necessidade de intensificação militar. Assim fora com a Guerra do Vietnã e as invasões mais recentes dos EUA no Oriente Médio. Chomsky alega que a população não possui interesse, *a priori*, de participar de campanhas externas envolvendo violência, terror e morte; a não ser quando há uma ameaça terrível impossível de se conter por outros meios. Forja-se, assim, com a utilização dos dispositivos disponíveis, um inimigo externo grandioso cuja contenção demanda uma ação de força<sup>54</sup>.

Além disso, considero pertinente a utilização do conceito de “hegemonia social”, cunhada pelo intelectual italiano Antonio Gramsci, como contribuição teórica para a pesquisa. A análise do autor permite a compreensão acerca do papel de determinados aparelhos empenhados no processo de construção de consenso e de

---

<sup>52</sup> Sobre este trecho, duas questões: 1) Não pretendo aqui discutir comparativamente diferentes modelos de organização social e os graus de participação popular nos mesmos, tal como pode parecer tentador. Também não considero a democracia burguesa o único modelo que prevê o afastamento da população do que temos chamado de “nível de tomada de decisões”. Neste momento, interesse-me apenas em avaliar o discurso elitista dos teóricos liberais, sustentando o que entendemos como democracia no mundo ocidental contemporâneo, a partir das contribuições de Noam Chomsky; e 2) As expressões “classe especializada” e “rebanho assustado” foram extraídas do texto de CHOMSKY, Noam. *op. cit.*, 2003. Trata-se de um recurso bastante utilizado por este autor de utilizar termos criados por teóricos da democracia e defensores de princípios liberais e, redimensionando-os, conferir-lhes o *status* de conceitos em suas análises.

<sup>53</sup> CHOMSKY, Noam. *op. cit.*, 2003.

<sup>54</sup> *Id. Ibid.*

consolidação da hegemonia. As escolas, as igrejas, as universidades, além da imprensa, neste sentido, constituem, para Gramsci, a “sociedade civil”, formadora de opinião e sedimentadora de uma dada ideologia; enquanto a “sociedade política” é formada pelos sistemas implementados juridicamente pelo Estado. Na presente análise, é compreensível o entendimento do veículo de imprensa estudado e das agências a ele vinculadas como exemplos destes citados aparelhos componentes da sociedade civil. Para Gramsci, os estratos intelectuais vinculados a tais dispositivos são “comissários” do grupo dominante nos expedientes da hegemonia social<sup>55</sup>.

É também a partir das contribuições de Gramsci que encaro a dimensão do “político” no presente trabalho, uma vez que, podendo considerar razoável a classificação deste como um expediente de “história política”, teremos que entender aqui o espaço político como o palco de disputas e ações de diferentes classes sociais, nem sempre relacionadas a demandas no nível estatal, mas que também se operam no seio da sociedade civil, a partir da utilização de ferramentas diversas. Ou seja, interessando-me aqui pelo tema do controle da mídia, pretendo conceder uma **dimensão política à análise do papel social da imprensa**.

Penso, nestes termos, que a mídia em geral tende, a partir de estratégias dos grupos no poder, a se tornar mecanismo de sustentação de determinados programas, planos conjunturais ou projetos de sociedade. Sob a condição de empresas e/ou grupos de associados, os grandes veículos de comunicação tendem, na sociedade capitalista, a vincularem suas tendências opinativas prioritariamente às estratégias de benefício econômico e, assim, a reproduzirem enunciados sustentadores do *status quo* em que se inserem e do qual se beneficiam. As ameaças estruturais ao modelo de organização social são também ameaças a estes veículos<sup>56</sup>. Concordando com Gramsci, entendo que é a partir destes vínculos intransponíveis que a imprensa auxilia na construção de uma hegemonia ideológica burguesa, justificadora e legitimadora de uma dada estrutura

---

<sup>55</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

<sup>56</sup> Tal idéia não anula, no entanto, a verificação de que há veículos que, mesmo sustentando-se através de ferramentas básicas da sociedade capitalista (consumo, propaganda comercial...), questionam a mesma. Ou seja, neste parágrafo, não estou me referindo a veículos de comunicação vinculados a projetos anti-capitalistas, mas a empresas jornalísticas tipicamente liberais.

social.

Tenho utilizado ainda o conceito de “representação” para me referir ao objeto desse estudo: a cobertura jornalística sobre Cuba em suas tendências, ambiguidades e evoluções. Estou aqui interessado na utilização deste termo tal como nos apresenta o historiador francês Roger Chartier: como “apreciações do real”, discursos não-neutros envidados por indivíduos ou grupos, que utilizam determinados métodos e se orientam por estratégias específicas para construí-los. Para Chartier, desse modo,

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.<sup>57</sup>

Neste sentido, “representação”, no presente trabalho, refere-se a uma interpretação da realidade definida invariavelmente pelos interesses e tendências dos atores e grupos que a compõem. No nosso caso, a imprensa liberal. Busca-se aqui uma compreensão acerca do esforço envidado por essa imprensa no sentido de tentar universalizar suas representações e assim impor seu domínio (consenso) através delas. Estas, traduzindo posições, paralelamente, descrevem a sociedade tal como seus formuladores “pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>58</sup>.

As contribuições de Chartier filiam-se a uma perspectiva de investigação histórica que, indo além da concepção da verdade documental, a qual valoriza o documento como elemento de apreensão da realidade; concebe o “real” como algo que é de fato existente, mas que nos é apresentado sob a forma de tais “representações”. Concentrando-se, então, na avaliação destas, o objetivo central passa a ser o de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>59</sup>.

### *O impacto da Revolução Cubana à esquerda*

Para a esquerda brasileira, o triunfo da Revolução Cubana ajudou a catalisar

---

<sup>57</sup> CHARTIER, Roger. *op. cit.*, 1990. p.17.

<sup>58</sup> *Id. Ibid.*, p. 19.

<sup>59</sup> *Id. Ibid.*, p. 16-17.

uma série de renovações no pensamento acerca das estratégias de luta possíveis para a realidade nacional<sup>60</sup>. Em verdade, o golpe civil-militar de 1964, que deixara atônito o Partido Comunista Brasileiro (PCB), principal grupamento de esquerda do período, levou correntes dissidentes a recusarem as táticas empreendidas pelo partido e a buscarem soluções outras para a derrubada da ditadura militar recém-instalada. A luta armada passou a ser uma resposta à intensa militarização do governo e às ações de violência por ele empreendidas, e intensificadas a partir de 1968: cassações, prisões, torturas e assassinatos.

A teoria do foco guerrilheiro, sintetizada a partir da experiência da Revolução Cubana e difundido no Brasil principalmente pelos textos de Ernesto Che Guevara e de Regys Debray<sup>61</sup>, neste sentido, figurava como metodologia possível ao afirmar que as condições materiais para o início do processo revolucionário na América Latina já estariam dadas e que as condições subjetivas seriam criadas a partir da situação revolucionária criada pelos primeiros rebeldes no foco guerrilheiro<sup>62</sup>. Distanciava-se, assim, da visão mantida pelo PCB, cuja posição avaliava a burguesia nacional como um grupo de atores importantes para uma primeira fase anti-imperialista da revolução e também determinada a extinguir os resquícios feudais da sociedade brasileira, através da construção, com este setor, de uma frente estratégica de lutas. Posição que, no entanto, não descartava a possibilidade da luta armada como meio de atuação, em uma situação que a exigisse<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup> É evidente que não pretendo reduzir a ação das organizações de esquerda no Brasil aos vínculos com os acontecimentos externos ligados aos movimentos comunistas e/ou populares. No entanto, é inegável a força com que o exemplo cubano interferiu nas discussões no seio das organizações comunistas brasileiras. Esta ressalva também é feita por SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana nas organizações comunistas brasileiras*. Tese de Doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2005.

<sup>61</sup> Ver, principalmente, GUEVARA, Ernesto Che. "A guerra de guerrilhas". In: *Obras completas*. São Paulo: Edições Populares, 1981 e DEBRAY, Regis. *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, s/d.

<sup>62</sup> SALES, Jean Rodrigues. *op. cit.*, 2005.

<sup>63</sup> Extremamente significativa, neste sentido, a declaração de Luis Carlos Prestes, em entrevista concedida em Salvador, em março de 1960: "Nossa linha política hoje é a do legalismo, que não exclui a fidelidade à Revolução. Revolução não é violência, como se diz muito na América Latina e no Brasil. A revolução é modificação de regime político. Em países como a China, a solução foi a luta armada. Onde há algumas liberdades, o que interessa é utilizar os recursos legais para com êle conquistar a emancipação econômica. **É certo, porém, que o inimigo pode usar a violência. Diante disso, haveria nova situação e, então, ninguém menos pacífico do que nós**". Obtido de: PARA Prestes (na Bahia) OPA é instrumento para guerra contra a Rússia. *Jornal da Bahia*, Salvador, 27 e 28 de mar. 1960, 1º caderno, p. 1. Grifo meu.

O foquismo convocava, por sua vez, a ação imediata dos grupos e indivíduos dispostos a pegar em armas para o início da revolução popular nos países da América Latina. Além disso, ao criticar a burocracia e as delongas discursivas dos partidos comunistas, a teoria angariava adeptos no Brasil entre militantes de esquerda que demonstravam desacordo com as posições da direção do PCB de atribuição de possibilidades revolucionárias ao processo democrático, denunciadas por estes setores como imobilismo. Tais posições, ratificadas pela “Declaração de Março de 1958”, ponto de ruptura entre militantes no seio da organização, seriam, porém, mantidas mesmo após o golpe<sup>64</sup>.

Jean Rodrigues Sales avalia que sofreram influência direta da revolução cubana e da teoria foquista, por exemplo, as seguintes agremiações revolucionárias brasileiras no pós-64: Partido Comunista do Brasil (PC do B), Ação Popular (AP), Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), Aliança Libertadora Nacional (ALN), entre outros grupos<sup>65</sup>. O autor também dedica uma parte de sua tese à análise das ligas camponesas que, antes mesmo da implantação da ditadura militar, organizaram núcleos de treinamento armado, inspirados nas teorias cubanas do foco guerrilheiro<sup>66</sup>.

Quero frisar que o presente trabalho se interessa centralmente no impacto da revolução cubana à direita, ou seja, como ela foi encarada por setores que defendiam, entre outros princípios, o alinhamento incondicional aos Estados Unidos e à ideologia por este país propugnada, em defesa do dito “mundo livre”. E, mais especificamente, como ela foi noticiada pela imprensa vinculada a tais posições. No entanto, quis mencionar o impacto dela junto à esquerda brasileira como maneira de dimensionar a importância do evento para a América Latina, área estratégica para a manutenção da hegemonia estadunidense e também para ressaltar o perigo que ela representava no imaginário anticomunista, dado o seu exemplo espetacular,

---

<sup>64</sup> Para uma crítica memorialística e documentada das posições do PCB no contexto do golpe, ver GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

<sup>65</sup> Para uma análise da influência do modelo de guerra de guerrilhas cubano especificamente para a ALN e seu principal líder, Carlos Marighella, ver FERREIRA, Muniz. “Carlos Marighella: revolução e antinomias”. In: NOVA, Cristiane e NOVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 221-255.

<sup>66</sup> SALES, Jean Rodrigues. *op. cit.*, 2005.



heróico e geograficamente próximo. Deste modo, ao influenciar as estratégias de luta de segmentos da esquerda brasileira, o exemplo cubano cristalizou-se como ameaça concreta de desestabilização da ordem político-social em vigor no Brasil, catalisando com isso a mobilização das classes dirigentes e de seus representantes no combate à influência daquela Revolução.

## REPRESENTAÇÕES SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA ANTES DA VINCULAÇÃO FORMAL AO SOCIALISMO: NA CONCILIAÇÃO ENTRE O FEITO HERÓICO E O “BANHO DE SANGUE”

### 2.1. O FEITO HERÓICO: PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES DO TRIUNFO REBELDE

No dia dois de janeiro de 1959, o jornal *A Tarde* dedicou grande parte de sua capa ao tema do triunfo da revolução em Cuba, marcado pela chegada dos rebeldes em cidades importantes do país no dia anterior. A marcha rumo a Havana também fora anunciada pelo jornal, o qual informava que

Na madrugada de hoje, as forças triunfantes de Fidel Castro anunciavam que estava sendo convocada uma demonstração gigante, no Parque Central de Havana, para a tarde de hoje, a fim de pedir a entrega da presidência da República ao ex-juiz Manuel Urrutia.<sup>67</sup>

A matéria versava sobre diferentes aspectos das situações que determinaram a vitória das “forças triunfantes de Fidel Castro” sobre os batalhões do governo, além de ter se preocupado em abordar as comemorações dos cubanos exilados no Brasil, fugitivos da ditadura de Batista que, “com lágrimas de alegria e brados de ‘Viva Cuba en Libertad’”, “celebraram manifestações realizadas na sede da embaixada de Cuba”, festejando “com alegria, incontidos, o inesperado presente de Ano Novo, a queda do ditador Fulgencio Batista.”<sup>68</sup> Com texto remetido pela *Associated Press (AP)*, o jornal noticiava ainda que

Despachos procedentes de Havana dão conta de que o presidente Fulgencio Batista, depois de entregar o poder a uma Junta Civil e Militar, fugiu para o exterior, possivelmente para a República Dominicana, depois do colapso das forças que combatiam os rebeldes de Fidel Castro.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> VITORIOSA após dois anos de luta a Revolução Cubana. *A Tarde*, Salvador, 02 de jan. 1959, p. 1.

<sup>68</sup> *Ibid.*

<sup>69</sup> *Ibid.*

Na mesma edição, além da matéria principal da capa, o jornal também dedicou seu editorial ao tema. Intitulado “Uma ditadura a menos”, o texto abordava o balanço de fim de ano das agências internacionais de imprensa, que descreviam as lutas de libertação da América Latina como uma “saudável melhoria dos seus costumes políticos, varrendo regimes de força e os substituindo por formas de governo democráticas”. A “lista”, iniciada por experiências como a luta da “Venezuela liberal ao (contra o) ditador Jimenez”, se completaria, segundo o texto, pelo exemplo de Cuba. O triunfo rebelde em Cuba era inserido, portanto, numa conjuntura de “reformas nos hábitos da vida pública” pela qual passava a América Latina. Um jornalismo sugerindo simpatia à causa rebelde cubana fazia-se evidente no texto, o qual impôs ao evento em Cuba o caráter de capítulo da saga épica que havia sido até ali a história do povo cubano<sup>70</sup>.

O editorial possui importância significativa por dois motivos essenciais: 1) apresentou, a partir das seleções realizadas pelo jornal, um “balanço” dos textos das agências internacionais sobre o evento cubano e 2) “oficializou”, de forma imediata, a posição do jornal acerca da chegada dos revolucionários ao poder, uma vez que tal espaço, pretensamente, asseguraria este expediente. Segue um extrato que considero importante do texto:

O episódio de Fidel Castro é mais um lance dramático dessa saga cubana. Representou, por 25 meses, a reação popular à oligarquia de Batista, o famoso sargento, como ele era conhecido e escarnecido pela imprensa mundial. Vinha se agüentando no poder há vários lustros, governando o país como se fora uma pequena fazenda de sua propriedade particular. Isso feriu os bríos nacionais, até que esse sentimento se materializou, passando das reações subterrâneas para um movimento de guerrilhas que, sem auxílio externo de qualquer natureza, foi ganhando terreno, até obter a vitória final.<sup>71</sup>

O caráter de “reação” conferido ao movimento é bastante significativo, e, acompanhando a tendência geral das opiniões midiáticas com relação ao tema, referendava o caráter negativo da ditadura derrubada. A imagem construída de Fulgêncio Batista como um oligarca autoritário também era corroborada pela

---

<sup>70</sup> UMA DITADURA a menos. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 02 de jan. 1959, p. 4.

<sup>71</sup> *Ibid.*

alegoria da “pequena fazenda” utilizada no texto. Num espaço do jornal cuja pretensão é a de ser exclusivo para a emissão de “opiniões”, o *A Tarde* caracterizou a Revolução Cubana como um “lance dramático”, popular e legítimo.

Sobre a divisão entre matéria e editorial, vale a pena a consideração de que o discurso jornalístico, ao pretender impor-se como neutro, divide espacialmente a “notícia” da “opinião” nos impressos. O editorial “Uma ditadura a menos” trazia a mesma linha ideológica geral apresentada pelas notícias da capa. A utilização, no entanto, de grupos de palavras como “despachos procedentes de Havana” buscam o afastamento do teor opinativo na matéria, impondo o caráter de neutralidade ao que é dito. O editorial, no entanto, trazido na página 4 e ao lado da logomarca do jornal, definia a posição tomada pelo *A Tarde*, supostamente a partir da leitura do “fato” narrado naquela outra página do exemplar.

Desta forma, em tal espaço “opinativo”, o jornal tratou a vitória do movimento revolucionário conduzido por Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Camilo Cienfuegos, Raul Castro e tantos outros, como um processo de superação popular frente a uma ditadura corrupta. O respaldo da população e o vigor do apoio dos cubanos ao exército rebelde também foram descritos. As referências ao sentimento de integração nacional gerado pelo levante amparavam o discurso simpático ao êxito rebelde, sendo Fulgêncio Batista representado como o símbolo do atraso oligárquico e autoritário, então superado.

Importante notar que o editorial concentrou-se na descrição dos fatos que levaram à derrubada de Fulgêncio Batista e da chegada dos rebeldes às cidades cubanas, não aparecendo no texto, no entanto, preocupações em tentar avaliar as contradições estruturais da sociedade cubana que propiciaram o aparecimento, o crescimento e o êxito de um movimento revolucionário armado que acabara chegando ao poder, depois de derrubar um governo que contava com auxílios estadunidenses. Numa avaliação casuística, o “motivo” principal daquela revolução aparecia no editorial como a existência de uma ditadura que “feriu os brios nacionais”. Assim, a revolução cubana era apresentada ao leitor como um *evento*, no qual figuravam heróis, vilões e um final feliz; e não como um *processo histórico*, ápice da intensificação de contradições sociais na realidade cubana.

De fato, não parece sensato esperar, naquela primeira semana pós-triunfo,

de qualquer jornal brasileiro do período uma análise apurada da realidade neocolonial cubana, a qual submeteu o país aos interesses imperialistas dos Estados Unidos após a emancipação frente à Espanha; que mencionasse as vinculações de vários presidentes cubanos com o governo e com empresas estadunidenses, ou que avaliasse satisfatoriamente a situação de penúria a que estavam submetidos diversos camponeses por conta da desigualdade intensa na distribuição de terras, entre tantos outros elementos que se vinculam à criação de condições para a estruturação e êxito do movimento revolucionário em Cuba<sup>72</sup>. Eram dias de “indefinição”, e a reprodução sistemática dos textos enviados pelas agências estrangeiras tornava o quadro da Revolução Cubana marcado pela superficialidade da exposição, esta concentrada no caráter espetacular atribuído ao episódio. Por isso, não considero a cobertura do *A Tarde*, nesse primeiro instante, particular, por ter assumido tal padrão discursivo.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, ao tratar da deposição de Batista, concentrou-se no clima de euforia e de instabilidade social pela qual passou a cidade de Havana no dia 1º de janeiro, após a fuga do presidente, e a situação dos apreensivos cidadãos estadunidenses que lotavam os hotéis cubanos ansiosos em sair da Ilha. O jornal utilizou, na ocasião, textos das agências *France-Presse (FP)*, *United Press International (UPI)* e *Associated Press (AP)* para veicular as informações sobre os acontecimentos em Cuba, e ressaltou as primeiras declarações de Batista após a fuga, que atribuíam à tática da guerra de guerrilhas o principal motivo para a vitória dos rebeldes<sup>73</sup>.

O jornais cariocas *Tribuna da Imprensa* e *Correio da Manhã*, por sua vez, apresentaram as aclamações do povo cubano ao movimento que ali triunfava, além de mencionar a simpatia conquistada pelos rebeldes ao longo do processo que

---

<sup>72</sup> Para a avaliação deste quadro, ver, entre outros, HARNECKER, Martha. *Fidel: a estratégia política da vitória*. trad. Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2000; FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007; MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998 e SADER, Emir. *A revolução cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

<sup>73</sup> FORÇAS de Castro em Havana. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 de jan. 1959, p. 1. Vale frisar que o jornal *O Estado de São Paulo*, de maneira peculiar, enviou, em ocasiões esporádicas, correspondentes a Cuba ao longo de 1959.

lograra êxito<sup>74</sup>.

Em Salvador, um outro jornal de grande circulação, o *Jornal da Bahia*, se dedicou às informações acerca dos detalhes da chegada dos rebeldes a Havana, a caça aos partidários de Batista por parte dos revolucionários e ao reconhecimento de outros países ao novo governo, utilizando essencialmente, neste momento, correspondências da *Agence France-Presse*. Numa crônica do dia 09 de janeiro intitulada “E Viva Cuba”, e impressa neste jornal baiano, o jornalista Rubem Braga analisou:

Mas a virada do ano teve uma coisa boa: deu por terra com mais um ditador, o Batista de Cuba. Êle reuniu seus ministros na noite de São Silvestre e disse que resolvera renunciar “para evitar derramamento de sangue”. De seu próprio sangue, naturalmente, porque o dos outros êle derramou largamente através de anos de ditadura.<sup>75</sup>

Assim, é possível verificar que os veículos brasileiros, no geral, recorreram aos enquadramentos das agências de notícias internacionais para noticiar a chegada dos rebeldes ao poder. Suas abordagens, apesar de apresentarem algumas distinções por conta das diferenças das agências utilizadas, mantinham-se restritas à descrição dos fatos ligados ao triunfo rebelde, silenciando quanto às contradições sociais que o tornaram uma realidade irreversível, e apresentando-o positivamente, em notas e editoriais, como a derrubada de mais uma ditadura na América e o embrião de um possível renovado governo democrático. Além disso, creio ser possível afirmar que só a partir das demonstrações graduais de radicalização do processo revolucionário cubano com medidas populares e nacionalistas é que irá se imprimir, em alguns veículos, textos com abordagens mais aprofundadas sobre a situação da Cuba pré-revolucionária. Deste modo, se nos primeiros instantes a Revolução Cubana figurou na imprensa de forma desvinculada do processo histórico que a condicionou; a partir do aumento das contradições com os Estados Unidos (ainda no início de 1959) e da busca por uma avaliação do caráter ideológico que fundamentou aquele movimento, alguns jornais

---

<sup>74</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 5 de jan. 1959, p. 1; e *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de jan. 1959, p. 1.

<sup>75</sup> BRAGA, Rubem. “E Viva Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 de jan. 1959, 2º caderno, p. 1.

procurarão avaliá-lo enquanto o ponto extremo de um processo histórico sedimentado pelas contradições geradas pelo imperialismo<sup>76</sup>.

Além disso, é preciso se avaliar que as representações sobre Cuba na imprensa mundial até aquele instante estiveram bastante vinculadas às reportagens e entrevistas feitas por alguns jornalistas estadunidenses acerca do Movimento 26 de Julho e das ideias e argumentos expostos por Fidel Castro no contato com eles. Em 1957 foi realizada a primeira e mais significativa destas, quando o jornalista do *New York Times*, Herbert Matthews, além de desmentir as informações dadas por Fulgência Batista de que o movimento rebelde estaria liquidado e de que Fidel Castro estaria morto, atestou, depois de conversar longamente com Castro, que aquele se tratava de um movimento “radical, democrático e portanto anti-comunista”. Na reportagem, também envidou elogios à personalidade de Castro, às suas ideias e ao modo hospitaleiro como foi recebido por ele e pelos rebeldes na *Sierra Maestra*<sup>77</sup>.

Neste sentido, o quadro geral da Revolução em seu caráter de evento imediato, apesar de vinculado a sentidos de exaltação do êxito daquele movimento, figurou de maneira descolada do processo histórico que o condicionou. Reitero que tais enquadramentos são perceptíveis nos primeiros dias após o triunfo rebelde, tornando-se mais diversificados, no entanto, de acordo com as particularidades editoriais de cada jornal, já em fins de janeiro de 1959. No caso do *A Tarde*, foram raras as investidas de aprofundamento do tema Revolução Cubana, vigorando, no período estudado, a tendência da superficialidade dos dados apresentados e da não-conexão da Revolução com as históricas relações de dominação efetivadas pelos Estados Unidos frente à Ilha. No entanto, avaliando até aqui a imediata recepção da imprensa ao triunfo rebelde de 1º de janeiro de 1959, é possível verificar que a cobertura do veículo que tomamos como centro da análise, celebrativa porém superficial, não se tratou de uma particularidade.

---

<sup>76</sup> Falaremos disso com mais ênfase no Capítulo 5.

<sup>77</sup> MATTHEWS, Herbert. “Cuban rebel is visited in hideout”. *New York Times*, New York City, 24 de fev. 1957, p. 1 e 34. A importância da reportagem e dos artigos de Matthews para a consolidação de uma imagem bastante positiva de Fidel Castro e do movimento 26 de julho entre os anos de 1957 e 1959 foi analisada por DEPALMA, Anthony. *O homem que inventou Fidel: Cuba, Fidel e Herbert L. Matthews do New York Times*. trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\* \* \*

Além dos textos, a iconografia também detinha uma importância significativa na cobertura do tema. Fotografias, ilustrações e suas respectivas legendas contribuía para a representação do caráter heroico do movimento, nos primeiros dias de 1959. Na capa de cinco de janeiro de 1959, uma fotografia remetida pela *UPI* foi publicada acompanhada de uma legenda que traduzia o sentido épico e heróico adotado pelo jornal na descrição da “saga cubana”. A seguir, reproduzo a imagem e transcrevo a legenda:



**Ilustração 1** – Legenda original transcrita: “A luta de que foi teatro o território da república cubana, envolveu homens, mulheres e crianças numa demonstração de que era geral o desejo de dias melhores para a nação do Caribe. Nesta fotografia temos uma mulher combatente e um ancião também combatente, membros da própria coluna Fidel Castro. Todos participaram das atividades revolucionárias que viram coroados os seus esforços no raiar do novo ano. (Foto: U.P.I.)”. (*A Tarde*, Salvador, 05 de jan. 1959, p. 1).

Para o *A Tarde*, parecia não restar dúvidas de que o sentimento otimista gerado pelos combatentes da *Sierra Maestra* generalizara-se pelo país. A participação do povo simples cubano era, na representação do jornal, o que conferia legitimidade à luta. Na foto remetida pela *United Press*, a presença de uma mulher e de um ancião parece conferir um caráter de unidade quase mítica ao movimento, uma vez que ilustrava a superação de barreiras de idade e sexo na luta



por “dias melhores”. O termo “todos” figura oportunamente na legenda como meio de ressaltar o caráter de integração sugerida pela fotografia.

Vale ressaltar que a Revolução Cubana, no ano de seu triunfo, ainda não figurava no *set* de assuntos diretamente relacionados ao comunismo, estando este ainda vinculado centralmente às ações da União Soviética. Sua imagem geral no cenário internacional, forjada pela grande mídia, era, isto sim, de um movimento popular, revolucionário, e aparentemente afastado do modelo tipicamente marxista-leninista. Os textos jornalísticos apontavam nesta direção, apesar de especularem a possibilidade dos rebeldes terem entre eles, um comunista, Ernesto Che Guevara:

Perguntaram a um alto funcionário do Departamento de Estado se Ernesto Guevara, médico argentino e um dos altos oficiais do movimento revolucionário cubano era comunista, ou simpatizante. O funcionário respondeu que havia muitos informes sobre as tendências comunistas de Guevara, mas que um amigo íntimo do líder rebelde assegurara que pelo contrário, Guevara era inclusive anti-comunista.<sup>78</sup>

Neste sentido, a fabricação do consenso sobre a realidade cubana em 1959 era determinada pelo desenho de um quadro que envolvia heroísmo, moralidade e aversão ao comunismo. Uma vez que o “outro” comunista representava o mal, sua vinculação a um movimento tão celebrado mundialmente deveria ser rechaçada. O reconhecimento internacional estava, assim, implicitamente condicionado, no discurso do jornal, à não-vinculação de Cuba com a União Soviética ou a qualquer outra “ditadura comunista”. Uma pequena reportagem de sete de janeiro informava que o governo brasileiro reconheceria o novo governo cubano, dada a convicção dos políticos brasileiros de que “Manuel Urrutia e Fidel Castro farão um governo liberal e favorável à entrada no país de capitais estrangeiros”<sup>79</sup>.

Em nove de janeiro de 1959, um texto da *AP* remetido de Havana foi publicado no *A Tarde* abordando uma entrevista concedida por Fidel Castro, através da qual o representante cubano afirmava que o governo provisório cubano não demonstrava interesse em manter relações com ditaduras de qualquer tipo. O texto concluía então que se tratava de uma indicação de Castro de que Cuba não

---

<sup>78</sup> ESTABELECIDO oficialmente o govêrno provisório de Cuba. *A Tarde*, Salvador, 03 de jan. 1959, p.1.

<sup>79</sup> BRASIL reconheceu novo govêrno de Cuba. *A Tarde*, Salvador, 07 de jan. 1959, p. 1.

manteria relações com a União Soviética, sintetizada através do trecho: “o herói da revolução cubana indicou que o regime provisório não manterá relações diplomáticas com a União Soviética nem com as demais nações comunistas”. A utilização do termo “indicou”, aliada à inexistência de referências de Fidel Castro diretamente à URSS, sugerem que a conclusão central pertencia à agência no processo de elaboração do texto, cujo subtítulo anunciava: “Não manterá relações com a Rússia”<sup>80</sup>.

Moniz Bandeira ressalta que o interesse maior de Castro era o de manter uma posição independente de filiações ideológicas, atribuindo um caráter próprio, autônomo para a revolução. Ao afirmar que “la Revolución Cubana no es capitalista ni comunista, es una revolución propia, tiene una ideología propia”, Fidel Castro objetivava, para o autor, encontrar uma saída talvez social-democrática para o estabelecimento de um governo efetivamente popular que negasse a democracia formal do tipo liberal<sup>81</sup>. Fugindo, assim, da bipolaridade típica do contexto da Guerra Fria, Fidel tanto negava o totalitarismo, o que era interpretado ou “dado a ler” por setores da opinião pública como demonstração de que não manteria relações com o bloco soviético, quanto rechaçava o liberalismo capitalista. Suas declarações foram recebidas, tal como estamos preocupados em expor, com simpatia pela América Latina<sup>82</sup>.

A atenção estadunidense envidada ao processo revolucionário cubano naqueles primeiros dias era considerável. A destituição do desgastado regime de Fulgêncio Batista e a sua substituição por um governo revolucionário poderia, para os EUA, representar a continuidade do projeto de dominação da Ilha, alicerçado, desta vez, na possível cooptação de um governo popular e moralmente renovado. Tal como expressa Che Guevara em relação a essa questão num de seus escritos,

---

<sup>80</sup> FIDEL Castro entra em Havana como um triunfador. *A Tarde*, Salvador, 09 de jan. 1959, p. 1.

<sup>81</sup> O trecho é atribuído a Castro por Moniz Bandeira e foi publicado no jornal *El Mundo*, Havana, em 09 de maio de 1959. (MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998). Além disso, numa gravação em áudio datada de abril de 1959, Fidel Castro anuncia: “Eu sei o que o mundo pensa de nós, que nós somos comunistas, e é claro que eu devo dizer muito claramente que nós não somos comunistas”. A gravação foi realizada pela *UPI* e está disponível em [http://www.upi.com/Audio/Year\\_in\\_Review/Events-of-1959/Cuban-Revolution](http://www.upi.com/Audio/Year_in_Review/Events-of-1959/Cuban-Revolution). Acesso em 14/07/2010.

<sup>82</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op.cit.*, 1998.

“durante algum tempo o imperialismo apostou nisso, mas perdeu dolorosamente”<sup>83</sup>.

Para Motta, por exemplo, de forma conjugada ao imediato êxito do movimento guerrilheiro em Cuba no ano de 1959, pode-se até mencionar uma “simpatia americana no início”. Entretanto, “quando seu governo se encaminhou para medidas nacionalistas e antiimperialistas, porém, houve a ruptura, processo consumado com a transformação do regime castrista num modelo marxista-leninista”<sup>84</sup>.

## 2.2. CRÍTICAS AO “BANHO DE SANGUE”

Ao longo do período analisado neste tópico, o quadro positivo da Revolução Cubana no jornal, apesar de ter sido predominante nos primeiros dias de 1959, passou a dar espaço crescente às críticas, principalmente àquelas voltadas às execuções promovidas pelos tribunais revolucionários aos criminosos da ditadura derrubada de Fulgêncio Batista. A crítica do *A Tarde*, expressa através de editoriais como “Vitória ensangüentada” e “O preço da liberdade”, repudiou as condenações, caracterizando-as como “sumárias” e desnecessárias; incompatíveis com o êxito heroico dos rebeldes. Do primeiro editorial citado, transcrevo os seguintes extratos:

Como o Congresso e a imprensa norte-americanos, traduzindo um sentimento aliás mundial, verberassem o procedimento dos atuais detentores do poder na República de Cuba, estes procuram lavar sua testada com a alegação de que “pelo menos 20.000 pessoas foram sacrificadas, torturadas e perseguidas pelo terrorismo de Batista e seus “sequazes”.

(...)

Na verdade a vocação com que se apresentam aos olhos do mundo ameaça os revolucionários cubanos de perderem a aura de simpatia que os cercava. Oxalá passe depressa a euforia sanguinária e o novo regime possa logo entregar-se às tarefas de reconstrução do país, punindo os liberticidas, mas agindo com tolerância e humanidade, como deve ser entre irmãos.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> GUEVARA, Ernesto Che. “Cuba, exceção histórica?”. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara: Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 60.

<sup>84</sup> MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 231.

<sup>85</sup> VITÓRIA ensangüentada. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 17 de jan. 1959, p. 4.

No primeiro trecho, chama atenção a demarcação de uma atitude moral tomada pelas instituições estadunidenses na denúncia ao recém-instalado governo cubano. A legitimação da atitude é efetivada através da argumentação de que o “sentimento” expresso pelos EUA era “mundial”, ou seja, compartilhado por um grupo indefinidamente amplo de pessoas e instituições ao redor do mundo. Vê-se que, concordando com o tom geral expresso pela cobertura das agências estadunidenses de notícias, o *A Tarde* posicionou a poderosa nação do norte como um centro irradiador de uma mensagem moralmente legítima de crítica, mesmo que ainda cautelosa, às execuções em Cuba. Ainda nesse trecho, percebe-se uma relativa desqualificação do argumento central do governo cubano na defesa da continuidade dos julgamentos e das execuções. O termo “testada”, que, em sentido figurado significa erro ou tolice, invalida, *a priori*, possíveis argumentações do governo cubano defendendo os processos.

Sobre o segundo trecho, vale considerar que em primeiro lugar a tese central era a de que a “aura de simpatia” que conquistara o êxito rebelde estava ameaçada, mas não definitivamente comprometida com as execuções públicas. Além disso, a punição aos criminosos de Batista não era algo rechaçado. O texto apresenta-os como “liberticidas” e, assim, passíveis de punição. No entanto, a tarefa de reconstruir o país é colocada como elemento ideal a nortear os anseios do novo governo, em detrimento das ações revolucionárias punitivas. Ao final, o trecho evoca a moralidade e o sentimento fraternal como variáveis importantes na condução dos trabalhos, necessárias para a contenção da “euforia sangüinária” dos rebeldes.

O caráter conciliatório da representação impede a afirmação de que já se fazia visível, em 1959, uma intensificação de um oposicionismo ao regime cubano. Há aí um diálogo claro entre a simpatia conquistada durante a luta, e a crítica às condenações capitais. Neste sentido, parece pertinente concluir que para o *A Tarde*, aderindo às tendências ideológicas das agências estadunidenses, os limites para a lógica revolucionária estariam situados na garantia de vida a todos os militares e policiais envolvidos nos crimes da ditadura de Fulgêncio Batista. Deste modo, a crítica às condenações aparece como parte integrante de um modelo que,

para o jornal e para setores dos EUA, seria o ideal para a concretização do processo revolucionário em Cuba. Para Moniz Bandeira, no entanto, grande parte das críticas oriundas de círculos estadunidenses “mais acobertavam oposição ao caráter revolucionário do regime instalado em Cuba do que qualquer consideração pelos direitos humanos”<sup>86</sup>. Devo concordar.

Segundo o mesmo autor, foram cerca de 550 pessoas condenadas à morte na fortaleza de *La Cabaña* acusados de assassinato, tortura e estupro de cerca de 20.000 pessoas durante a ditadura deposta<sup>87</sup>. As conferências e entrevistas de Fidel Castro exibindo fotografias e testemunhos de casos de violência cometidos pela polícia e pelo exército na era Batista não foram exploradas pelo *A Tarde*<sup>88</sup>. A mensagem implícita era a de que qualquer argumento do novo governo em defesa das condenações à morte estaria desqualificado pela ação “sanguinária” dos tribunais revolucionários, um “banho de sangue”, tal como expresso pelo jornal em várias ocasiões<sup>89</sup>.

### 2.3. POR UMA “CONSCIÊNCIA DEMOCRÁTICA”

À medida que as ações da Revolução Cubana, através do novo governo instalado, tornavam-se mais “revolucionárias”, as críticas editoriais se intensificavam. Para o jornalismo do *A Tarde*, o formato de revolução requerido para a questão cubana deveria apoiar-se nos pressupostos de uma “consciência democrática”, da qual se considerava um representante e da qual, para ele, o governo cubano se afastava cada vez mais, isolando-se da solidariedade internacional. No editorial “Liberticida”, de 19 de maio de 1960, o jornal criticou o

---

<sup>86</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 187.

<sup>87</sup> O autor levanta a possibilidade de haver algum exagero neste número de vítimas da ditadura de Batista informado por Fidel Castro. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 187.

<sup>88</sup> Medeiros Lima, jornalista à época, afirmou que no período Batista eram comuns os casos de tortura, seguida de castração. Após isso, o torturado era incendiado e jogado ao mar ou enterrado num terreno baldio. Moniz Bandeira faz referência ao texto de Lima (“Batista na Escola Nazista”) que fora publicado no jornal *Última Hora*, em 04 de nov. 1959. Ver MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 187.

<sup>89</sup> Expressão utilizada, por exemplo, na matéria BANHO de sangue em Cuba: cerca de 150 já foram passados pelas armas. *A Tarde*, Salvador, 13 de jan. 1959, p. 1.

fechamento do jornal *Diário de la Marina*, de Havana, avaliando-o como “um ataque frontal à liberdade de opinião” e que distinguiu Cuba “mais e mais, do conjunto das nações americanas, cuja consciência democrática repele todo e qualquer gesto que ofenda aqueles altos princípios”<sup>90</sup>.

No dia 31, um outro editorial era dedicado à questão da imprensa em Cuba, desta vez relacionado ao fechamento do jornal cubano *Prensa Libre*. Neste, o *A Tarde*, conclamando os membros da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) a unirem-se contra os ataques à liberdade de imprensa, abriu espaço para a publicação integral do último editorial produzido pelo jornal cubano, que não chegara a ser publicado. O texto transcrito, de clara tendência anticomunista, falava ao povo cubano:

Se se comete esse crime contra nós, contra ti, Cuba amadíssima, que se saiba em cada família cubana, em cada coração cubano, que tudo sacrificamos: nossos bens, nossa segurança pessoal e a dos nossos filhos, por não querer submeter-nos aos que querem substituir com o trapo vermelho a insígnia da estrela solitária.<sup>91</sup>

Mais tarde, a ação do *A Tarde* foi entendida pela SIP como “digna de ser imitada por todos os periódicos do continente”, através de seu diretor-executivo James Canel, que enviara correspondência congratulatória ao jornal baiano. O elogio foi publicado na primeira página do vespertino, a 2 de agosto de 1960. Antes disso, no dia 15 de junho, o *A Tarde* também publicou uma mensagem transmitida por José Ignacio Rivero, diretor-proprietário do *Diário de la Marina*, através da qual o empresário agradecia aos jornais que se opuseram ao fechamento do seu periódico<sup>92</sup>.

Gradativamente, as ações do governo cubano iam se distanciando das vislumbradas por alguns setores liberais para o governo que se instalara. E, mais uma vez, dados importantes eram ignorados. No caso dos jornais fechados, seus históricos e seus vínculos com a ditadura derrubada em nada foram abordados<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup> LIBERTICIDA. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de mai. 1960, p. 5.

<sup>91</sup> TODOS por um. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 31 de mai. 1960, p. 5.

<sup>92</sup> DIRETOR do 'Diário de la Marina' agradece apôio. *A Tarde*, Salvador, 15 de jun. 1960, p. 5.

<sup>93</sup> No mês anterior, Milton Santos, após visita a Cuba, publicou um artigo com um nível maior de informações sobre os perfis dos jornais cubanos. Ver SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução - Os jornais”. *A Tarde*, Salvador, 20 de abr. 1960, p. 5 e 16. No capítulo 2, faço uma análise específica

Os editoriais do *A Tarde* apontavam ainda para a legitimação dos Estados Unidos como nação senhora dos destinos dos povos ocidentais, responsável pela guarda contra o “perigo vermelho” e representante de um ideal de sociedade e de um estilo de vida do qual o jornal se classificara como defensor. Neste sentido, a adesão a um projeto estadunidense de liderança no hemisfério, apresentou-se clara. Ao destacar suas responsabilidades como “líder do bloco ocidental”, o jornal demarcava uma posição diante das tendências bipolares em que o contexto específico forjava. Isto deve ser entendido como dado importante na investigação acerca da reprodução, neste jornal, dos enquadramentos formulados pelas empresas de notícias daquele país.

No quesito diplomacia, por exemplo, o jornal destacou que os EUA deveriam articulá-la de modo que “não tenha que confessar seus equívocos, embora o reconhecimento do erro não seja um desdouro”. Ainda para o jornal, no mesmo texto, “a escolha de um estilo de vida, nas condições do mundo atual, depende tanto da determinação dos povos quanto de conjunturas a eles estranhas” e, uma vez que “O mundo não quer ser comunizado, os Estados Unidos, como líder do bloco ocidental, têm uma grande responsabilidade na preservação da liberdade da democracia, como a entendemos nós e eles próprios”<sup>94</sup>. Assim, refletindo nestes marcos, referendava a posição reivindicada pelos EUA e expressa através da Doutrina Truman de nação guardiã do mundo ocidental contra o avanço comunista, lembrando-os de sua “grande responsabilidade” neste aspecto.

Fazendo jus a tal posição e, mais ainda, concordando com a linha diplomática que “não tenha que confessar seus equívocos”, o *A Tarde* silenciou quanto ao apoio dos Estados Unidos à ditadura de Batista, inclusive com o envio de armas antes e durante a luta contra os rebeldes. As íntimas relações entre o embaixador dos EUA em Havana Arthur Gardner e Batista, que envolviam desde partidas de canastra a cerimônias públicas de concessões de armamentos, tinham rendido ao governo cubano, entre 1955 e 1957, “sete blindados, uma bateria de obuseiros leves para uso em montanhas, 4.000 foguetes, 40 metralhadoras

---

dos escritos de Milton Santos sobre a Revolução Cubana publicados no *A Tarde* ao longo do mês de abril de 1960.

<sup>94</sup> O PERIGO é comum. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 25 de jun. 1960, p. 5.

pesadas, 3.000 fuzis semi-automáticos M-1, 15.000 granadas de mão, 5.000 morteiros e 100.000 balas calibres 50, de alta potência, para metralhadoras”<sup>95</sup>. Além disso, a CIA colaborou na constituição do *Buró de represión a las Actividades Comunistas (BRAC)*, que perseguiu, prendeu e torturou suspeitos de atividades revolucionárias.<sup>96</sup>

As acusações de envolvimento orgânico entre a ditadura de Batista e a representação estadunidense em Cuba eram constantemente enfatizadas por Castro, que costumava indagar por que os EUA não se opuseram de forma tão incisiva, como aquela que se via, aos crimes de Batista realizados de maneira extensiva e de amplo conhecimento da população cubana. O silêncio do *A Tarde*, neste íterim, era também o silêncio da *Associated Press*, motivado por razões de “segurança do Estado”. Quando foram concedidos espaços para tais questionamentos aos dirigentes de Cuba, faltaram dados importantes como os mencionados acima e/ou as acusações foram agrupadas no que o jornal intitulou de “sentimento anti-americanista” ou campanha de “injúrias” de Cuba contra os Estados Unidos<sup>97</sup>.

\* \* \*

A partir do que foi exposto, é possível se delinear as configurações desse que temos considerado como um primeiro período de representações sobre a Revolução Cubana no jornal *A Tarde*, recortado, basicamente, entre 1959 e 1961. Nesta fase, as declarações oficiais do governo cubano ainda não vinculavam de maneira direta o país ao modelo socialista preconizado pela União Soviética, apesar das aproximações entre os dois países até ali efetivadas. O relativo esforço de Fidel Castro em não estabelecer aproximações entre o modelo cubano e qualquer outro existente, entretanto, foi gradualmente dando espaço à demarcação de uma posição antagônica aos interesses estadunidenses, caracterizada pelas

---

<sup>95</sup> SZULC, Tad. *Fidel – Um retrato crítico*. São Paulo: Best Seller, 1986 *apud* MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 152.

<sup>96</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 158.

<sup>97</sup> Tal como em: ESTIMULADO em Cuba sentimento anti-americanista. *A Tarde*, Salvador, 17 de jan. 1959, p. 1. ou FIDEL Castro prossegue na política de injúrias contra os Estados Unidos. *A Tarde*, Salvador, 20 de jan. 1961, p. 1.



nacionalizações de empresas com sede nos EUA e pelos acordos econômicos cada vez menos esporádicos com a União Soviética. E, diante disso, ao longo do ano de 1960, as primeiras sanções ligadas à compra de açúcar foram efetivadas pelo governo estadunidense contra Cuba. Aumentavam-se as contradições e a imprensa começava gradativamente a associar Cuba ao modelo socialista, ainda que na ausência de uma declaração confirmatória.

Concordo com Steinberger ao afirmar que os jornalistas brasileiros responsáveis pela cobertura de assuntos internacionais, quando impossibilitados de fazerem-se presentes aos locais mencionados e conseqüentemente dependentes dos textos noticiosos distribuídos em massa pelas agências de notícias, costumam adotar as representações ali contidas como verdades. Neste sentido, além do leitor, o jornalista também absorve a linha interpretativa das empresas noticiosas e passa a construir suas notas, colunas e editoriais pautadas nestas tendências<sup>98</sup>. Assim, quando comparamos as notícias traduzidas da *AP* no *A Tarde* com os editoriais sobre os mesmos temas, percebemos que não há variação significativa quanto às informações e o teor ideológico geral das notas. Muito menos textos críticos com relação à cobertura das referidas agências.

No entanto, no caso do *A Tarde*, é preciso que se avalie que a adoção das tendências informativas dos textos da *AP* se conformaram aos campos de atuação ideológica deste jornal e aos princípios por ele defendidos em editoriais diversos. Além disso, considero que, neste caso, tal adoção não se explica primordialmente pela impossibilidade de se multilateralizar as fontes informativas, mas por clara e declarada identificação ideológica com o padrão político-discursivo dos textos recebidos. Em outras palavras, a reprodução do teor opinativo dos telegramas fornecidos não pode ser vista como inocente, pois perpassa basicamente primeiro por uma identificação e, a partir desta, por uma decisão de reproduzi-los.

Gradativamente, a exaltação moral jornalística ao triunfo rebelde passou a dialogar com a crítica às ações do novo governo tais como as execuções de indivíduos acusados de cometerem crimes vinculados à ditadura de Batista. De maneira conjugada, o crescente atrito entre Cuba e EUA determinou uma

---

<sup>98</sup> STEINBERGER, Margarethe Born. *op. cit.*, 2005.

otimização da propaganda contra-revolucionária difundida pela *Associated Press* e repassada pelo jornal *A Tarde* que, a partir delas, fundamentou suas opiniões. Também paralelamente, os editoriais do *A Tarde* passaram a levantar as contradições entre o modelo democrático do qual se declarava defensor e as ações do regime revolucionário. Ampliando-se as contradições, forjava-se uma nova fase de representações sobre Cuba no jornal, marcada pela utilização massiva de termos condenatórios e/ou pejorativos, radicalizada a partir da declaração socialista cubana de abril de 1961, ápice de um processo que vinha se sedimentando desde o triunfo rebelde.

## **“VISITA A UMA REVOLUÇÃO”: UM REPRESENTANTE DO A TARDE EM CUBA? (ESCRITOS DE MILTON SANTOS, 1960)**

Diante de um formidável movimento de opinião como foi e está sendo a atual revolução de Fidel Castro, o estrangeiro tem de usar de cautela, se quer emitir opinião ou julgamento. Mas, a oportunidade de viver no próprio cenário dos acontecimentos, (...), permite uma tomada de consciência muito mais autêntica do que ensejam as interpretações, não raro deformadas que chegam de outras fontes. Isso, sem dúvida, não exclui a observação de ser estritamente pessoal o depoimento aos leitores da “A Tarde” sobre o que vimos em Cuba.<sup>99</sup>

Em 1960 concorriam às eleições presidenciais os candidatos Henrique Teixeira Lott, Jânio Quadros e Adhemar de Barros. No mês de março, o embaixador cubano no Brasil dirigiu aos dois primeiros um convite a uma visita ao seu país, em nome daquele governo. Após consultar seus principais assessores e sua base política, e tendo observado posições que ressaltavam a importância de aceitar o convite como meio de redimensionar sua imagem junto a setores progressistas que o viam como um representante das elites e dos trustes, Jânio, diferente de Lott, o aceitou<sup>100</sup>. Protegera-se das críticas de alguns setores que consideravam sua ida a Cuba como inoportuna diante das posições contrárias aos Estados Unidos tomadas por aquele país, alegando que “um candidato à presidência da República não pode ignorar fatos políticos do mundo contemporâneo”<sup>101</sup>.

Importante notar que, naquele contexto, figurava como o candidato “nacionalista”, obtendo declaração de apoio inclusive de setores da esquerda - incluindo a do então clandestino PCB (Partido Comunista Brasileiro), Teixeira Lott.

<sup>99</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Os fundamentos históricos e econômicos”. *A Tarde*, Salvador, 13 de abr. 1960, p. 5.

<sup>100</sup> Sobre o convite e as ponderações da base de Jânio Quadros acerca do tema, ver QUINTANEIRO, Tania. *Cuba e Brasil: da revolução ao golpe (1959-1964): uma interpretação sobre a política externa independente*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988. p. 30-33.

<sup>101</sup> Afirmou ainda que: “Vou, pois, sem partidarismos nem paixões, conhecer causas, diretrizes e propósitos da revolução cubana para fazer o meu juízo e, assim, bem informado, servir à nossa terra. O temor e a ignorância nada constroem”. (‘A FEDERAÇÃO é um mito’: diz a ‘A Tarde’ em Fortaleza o candidato Jânio Quadros. *A Tarde*, Salvador, 30 de mar. 1960, p. 1).

Assim, sua recusa fora recebida por alguns com algum grau de surpresa, já que os setores progressistas em geral mantinham uma posição favorável ao regime cubano, que gradativamente se consolidava<sup>102</sup>. A comitiva, formada por políticos da base de apoio de Quadros, além de quatorze jornalistas convidados, esteve em Cuba em fins de março de 1960 e contou com a presença do geógrafo e então jornalista do *A Tarde* Milton Santos<sup>103</sup>. De janeiro de 1959, quando triunfou o Movimento 26 de Julho em Cuba, até aquele momento, pouquíssimos periódicos brasileiros enviaram jornalistas seus para observar o que se passava em Cuba, cuja imagem chegava por aqui moldada pelas tendências das agências internacionais de informação<sup>104</sup>. Tratou-se, assim, de um evento bastante peculiar para o período e o primeiro contato direto efetivado entre membros das redações de vários importantes veículos brasileiros, e Cuba. Na foto e legenda reproduzidos na página seguinte, que foram publicadas no *A Tarde* no início de abril, o regozijo do jornal por enviar um “representante” seu para Cuba com Jânio.

---

<sup>102</sup> Mais tarde, no entanto, o PCB formularia suas críticas ao modelo de revolução propugnado pelos dirigentes cubanos, representado pela teoria do foco guerrilheiro, mantendo, entretanto, o friso da importância daquele movimento para a América Latina. Ver, neste sentido, SALES, Jean Rodrigues. *op. cit.*, 2005. Sobre a recusa de Lott, Milton Santos diria: “É mais fácil compreender porque Fidel Castro fez convite a ambos candidatos de presidenciais para virem a Cuba, do que as razões de Lott para recusá-lo” (SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução - Dois coelhos, duas cajadadas”. *A Tarde*, Salvador, 09 de abr. de 1960, p. 5).

<sup>103</sup> Além de Milton Santos, viajaram com Jânio jornalistas como Luiz Alberto Moniz Bandeira, Rubem Braga, João Dantas, Castelo Branco, Fernando Sabino, Maurício Alves, Carlos Mesquita, Emir Nogueira, entre outros. (O CANDIDATO popular à presidência do Brasil foi ver Cuba de perto. *A Tarde*, Salvador, 29 de mar. 1960, p. 3; e JÂNIO: consciência dos povos repeliria uma agressão contra Cuba. *Jornal da Bahia*, Salvador, 31 de mar. 1960, 1º caderno, p. 1).

<sup>104</sup> Dentre os periódicos brasileiros que enviaram jornalistas para Cuba para a realização de matérias no período analisado, cito a Revista *Manchete* (nos primeiros dias após a queda de Batista) e *O Estado de S. Paulo* (em momentos diversos ao longo do período). Ainda assim, trataram-se de visitas, e não de correspondência jornalística constante, o que era desempenhado, invariavelmente, pelas agências internacionais.



**Ilustração 2** – Legenda original transcrita: “*A TARDE NA COMITIVA DE JÂNIO*’ – Pouco antes de tomar o avião que o levou a Cuba, o sr. Jânio Quadros recebeu os cumprimentos do prof. Milton Santos, no aeroporto internacional do Galeão. O representante de “A Tarde”, que aparece na fotografia acima com os srs. Leandro Maciel, Jânio Quadros e a srta. Dirce Maria (Tutú), filha do candidato popular, foi apresentado ao ex-governador paulista pelo jornalista Joel Presídio, chefe do Serviço de Imprensa da Executiva Nacional da Campanha Jânio Quadros. O candidato presidencial teve palavras de exaltação para este jornal e seu grande fundador, fazendo questão de documentar o encontro com a chapa fotográfica que aparece acima.” (A Tarde, Salvador, 02 de abr. 1960, p. 1).

### 3.1. NA APARENTE CONTRADIÇÃO, O RETRATO AMPLO DAS INDEFINIÇÕES

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Bahia, em 1926. Morou em diversas cidades do estado até que, em 1948, já em Salvador, formou-se em direito. Mais tarde dedicou-se aos estudos na área de Geografia, lecionando por algum tempo esta disciplina no Colégio Municipal de Ilhéus, e obtendo, em 1958, o título de Doutor nesta área pela Universidade de Estrasburgo (França). Ao regressar ao Brasil, lecionou na Universidade Federal da Bahia, onde fundou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais e passou a trabalhar também como jornalista do jornal *A Tarde*, expediente que cumpriria até 1964<sup>105</sup>. Fora, na

<sup>105</sup> Para uma biografia coletivamente construída de Milton Santos, ver SOUZA, Maria A. Aparecida de (org.). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

visita de Quadros a Cuba, como o “representante de A Tarde” indicado pelo então redator-chefe Jorge Calmon, e assinou uma série de artigos que fora publicada no jornal ao longo do mês de abril de 1960<sup>106</sup>.

Sua evidente simpatia com o novo regime marcou a coluna intitulada “Visita a uma revolução”, em que Santos avaliou, a partir de observações e diálogos travados em Cuba, em textos com certa riqueza de detalhes, determinados temas como: imprensa em Cuba, opositores da revolução, tribunais revolucionários, entre outros<sup>107</sup>.

Alguns aspectos tornam o expediente relevante para o que estamos propostos a discutir neste trabalho. Destes, o fato dos escritos do intelectual ter evidenciado uma tendência opinativa que não acompanhava as críticas já envidadas pelo jornal a aspectos do novo regime cubano (em editoriais e reportagens) é central. Além disso, duas outras dimensões são importantes: a quebra de certo monopólio informativo das agências de notícias internacionais na cobertura do caso cubano, uma vez que em nenhum outro momento do período 1959-1964 o *A Tarde* enviou jornalistas seus para cobrir o processo revolucionário; e a denúncia, nestes escritos, de deturpações noticiosas intencionalmente fabricadas pelos “meios de propaganda”, com relação ao que se passava em Cuba naqueles anos<sup>108</sup>.

Foram, ao todo, 13 textos publicados ao longo do mês de abril de 1960. Santos ganhara um espaço na página 5 e outro na última página (16). Nos escritos, o jornalista procurou analisar fenômenos importantes da nova realidade cubana isentando-se de determinados valores e modelos que já apareciam de maneira clara na linha editorial do *A Tarde* até aquele momento.

Neste sentido, poderíamos, de imediato, questionar: por que motivo o *A Tarde* teria publicado o material, já que rivalizava com opiniões do vespertino, já

---

<sup>106</sup> Ver CALMON, Jorge. “O jornalista Milton Santos”. In: SOUZA, Maria A. Aparecida de (org.). *op. cit.*, 1996. p. 62-64.

<sup>107</sup> Achei importante mencionar o grau detalhado da abordagem de Santos por se tratar de uma primeira distinção dos textos, quando comparados às notícias até então impressas pelo jornal, cujas informações geralmente careciam de dados complementares.

<sup>108</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Cuba e os Estados Unidos”. *A Tarde*, Salvador, 29 abr. 1960, p.5 e 16.

explanadas, por exemplo, em editoriais como “O preço da liberdade”<sup>109</sup> e “Excessos de propaganda”<sup>110</sup>. Mesmo com uma posição conciliatória com relação a Cuba, evitando textos inteiramente condenatórios e ressaltando alguns aspectos positivos do levante liderado pelo Movimento 26 de Julho, o jornal já havia demonstrado uma oposição ao modelo político que gradualmente ia se implementando na ilha, chegando inclusive a classificar como demonstração negativa a ida do então candidato à presidência Jânio Quadros a Cuba naquele momento<sup>111</sup>.

Infelizmente, não podemos contar com a contribuição oral dos indivíduos diretamente envolvidos neste evento: autor dos textos, diretor e redator-chefe. No entanto, sobre tais motivos, cabem algumas especulações pautadas na leitura atenta dos manuscritos e na percepção das transformações graduais das tendências opinativas do *A Tarde* com relação a Cuba, ao longo do período analisado.

Primeiro: apesar de não considerá-lo determinante, aponto o fato de o jornal ter anunciado como seu representante oficial o professor Milton Santos naquela comitiva. Suas contribuições e impressões eram, assim, naturalmente aguardadas por leitores e colegas<sup>112</sup>. Segundo: o paradoxo aparente entre os escritos de Santos e a tendência opinativa do jornal até ali evidenciada - pautada em grande parte nas representações contidas nas matérias enviadas via telégrafo ou avião pelas agências noticiosas estadunidenses - ilustrava uma situação mais ampla de indefinições gerais da imprensa mundial com relação à realidade cubana. Tratava-se de uma etapa claramente anterior a uma outra que se iniciaria a partir de 1961 com a determinante sucessão dos fatos: invasão da Baía dos Porcos, declaração socialista e rompimento radical de relações entre Estados Unidos e Cuba. Nesta segunda fase, a imprensa liberal, receptiva ao discurso anticomunista emanado pela linha opinativa dos textos das agências transnacionais de notícias, passou a tratar Cuba como ameaça à América, modelo de ditadura ilegítima e centro de

---

<sup>109</sup> O PREÇO da liberdade. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de jan. 1959, p. 3.

<sup>110</sup> EXCESSOS de Propaganda. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 02 de abr. 1960, p. 5.

<sup>111</sup> *Id. Ibid.*

<sup>112</sup> Assim informou o *A Tarde*: “O dr. Milton Santos demorar-se-á em Cuba durante cerca de 10 dias. No seu regresso, publicará na “A Tarde” uma série de artigos sobre a situação na referida república, analisando com a lucidez e imparcialidade que caracterizam seus trabalhos, as condições políticas, sociais e econômicas ali vigentes, tomando como ponto de referência os atos do govêrno Fidel Castro”. (REDATOR de ‘A Tarde’ vai a Cuba. *A Tarde*, Salvador, 28 de mar. 1960, p. 3).

“campos de concentração”<sup>113</sup>. Assim, a gravidade e/ou importância que possamos dar hoje a esta aparente incoerência editorial não estaria dada àquele momento.

Também é importante frisar que, de acordo com o modelo liberal de produção jornalística e da Teoria da Responsabilidade Social da Imprensa, cujos pressupostos orientavam de maneira significativa a produção jornalística do período, um dos fundamentos de um regime jornalístico responsável é a impressão de textos com visões distintas acerca de um mesmo tema, o que levaria o leitor a uma melhor compreensão sobre o assunto tratado. Tal perspectiva também contribuía para o estabelecimento de uma certa brecha, que, em momentos específicos, evidenciavam a heterogeneidade da produção jornalística, abrindo espaço para o dissenso frente ao esforço de homogeneização da linha editorial, naquele momento marcada, no *A Tarde*, pela crítica a aspectos do novo regime em Cuba<sup>114</sup>. Creio que não se trata de um princípio que se fazia efetivo invariavelmente enquanto método, como busca metodológica constante por parte do jornal, mas creio ser útil entendê-lo como um elemento possivelmente considerado antes da publicação do material produzido por Santos, que se diferenciava da linha expressa editorialmente como opinião do jornal sobre a revolução cubana<sup>115</sup>.

Além disso, podemos especular a combinação das explicações citadas ou até mesmo a inexistência de uma controvérsia gerada pela leitura dos textos de Milton Santos pelos seus colegas editores, antes de serem publicados. Neste sentido, é mais compreensível que a situação confirme a heterogeneidade do processo de produção jornalística que a existência de um possível confronto ideológico-informativo consciente pelos indivíduos envolvidos. Entretanto,

---

<sup>113</sup> O FIGURINO de Havana. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 22 de mar. 1964, p. 5.

<sup>114</sup> Sobre a heterogeneidade da produção jornalística em meio a homogeneidade da linha editorial, ver MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

<sup>115</sup> Não é impossível também que Milton Santos tenha redigido algum dos editoriais sobre Cuba antes da sua viagem com Quadros. Se isto aconteceu, e, mais ainda, se algum dos textos que temos avaliado como críticos a Cuba no período 1959-1960 é de autoria de Santos, os que foram publicados na coluna “Visita a uma Revolução” marcaram uma ruptura com aqueles que foram publicados anteriormente. Além disso, é preciso se destacar que a publicação de textos assinados, onde se assume a autoria e a responsabilidade intelectual pelas ideias veiculadas (como na coluna de Santos), confere ao jornalista um lugar de enunciador diferenciado daquele que lhe confere o papel de redator da “opinião” do jornal (na elaboração de um editorial), do qual se incumbe numa ou noutra situação, e nas quais devem ser levadas em consideração questões para além das opiniões pessoais.



controvertida ou não, a distância opinativa pode ser claramente percebida, constituindo-se assim como um ponto de ruptura frente ao discurso dominante forjado até então acerca do tema, no jornal.

### 3.2. SOBRE OS TEMAS TRATADOS

No primeiro artigo da série, “Dois coelhos, duas cajadadas”, o autor avaliou as possíveis repercussões da visita do candidato que acompanhava em Cuba. Levantava, neste sentido, a possibilidade de Quadros “incompatibilizar-se com a área pro-norte-americanos da opinião brasileira”<sup>116</sup>. Uma classificação justa acerca de setores da opinião pública, e inclusive aplicável na avaliação do comportamento do *A Tarde* naqueles anos. É fato que a anunciada viagem de Jânio Quadros havia motivado a publicação de inúmeras notas no jornal, escritas por alguns colunistas colaboradores. Nestas, a tendência geral era, utilizando a terminologia de Santos, de incompatibilidade.

Em 16 de março, por exemplo, o *A Tarde* publicou a opinião contrária do então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro D. Jaime de Barros a viagens de parlamentares brasileiros a Cuba, cujas notícias “são as mais descontraídas”<sup>117</sup>. Dias após, a coluna do jornalista Cruz Rios, que apesar de ver em Jânio Quadros um símbolo de uma nova mentalidade política brasileira, desvinculada de valores externos; avaliava, no entanto, que “para guardar a coerência com o panorama político de sucessão o sr. Jânio Quadros não deveria ir a Cuba”. Para o colunista, caberia ao Marechal Lott, apoiado pelos “bolchevistas indígenas”, isto sim, aceitar o convite. Ao final, entretanto, também considerava a viagem, em seu aspecto positivo, como símbolo de desvinculação ideológica, para ele característica de Jânio Quadros<sup>118</sup>.

Mas a opinião do *A Tarde* sobre a controvertida viagem ficara mesmo

---

<sup>116</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução - Dois coelhos, duas cajadadas”. *A Tarde*, Salvador, 09 de abr. 1960, p. 5.

<sup>117</sup> DUAS opiniões do cardeal D. Jaime. *A Tarde*, Salvador, 16 de mar. 1960, p. 1.

<sup>118</sup> RIOS, Cruz. “Ao correr da pena – especial para *A Tarde*.” *A Tarde*, Salvador, 28 de mar. 1960, p. 4.

registrada no exemplar de 2 de abril de 1960. Nele, no espaço editorial, o jornal fazia um balanço das candidaturas de Jânio e Lott, avaliando o primeiro como um “irrequieto candidato” que, ao tomar atitudes como a de aceitar o convite a Cuba, “está desperdiçando a melhor oportunidade de sua carreira em demonstrações negativas”. Em contrapartida, fazia referência elogiosa à equipe assessora de Lott que aconselhou o candidato a não aceitar o convite cubano, “o que repercutiu muito bem diante da declaração do líder cubano de que 'a democracia da América Latina era um mito'”<sup>119</sup>.

Milton Santos, no entanto, procurava ver a revolução cubana por um outro prisma, ponderando inclusive sobre a ausência de eleições e outros elementos típicos do modelo democrático representativo, apontando, por exemplo, o “receio” por parte dos dirigentes de que “a corrupção azinhavre a vontade do povo, permitindo a subida ao poder de políticos sem compromisso com a revolução, ou que facilmente se rendam aos grandes interesses comerciais”<sup>120</sup>, concedendo, assim, espaço raro no jornal para as justificativas do governo rebelde, neste quesito. A simpatia marcava os textos, tanto na avaliação positiva do contato com aquele país quanto na atribuição de um caráter de “símbolo” ao movimento, ressaltando elogiosamente sua luta contra o imperialismo sustentado pela ação de grandes empresas:

Não há quem se ponha em contacto direto com os fatos que recuse a êsse movimento a sua grande importância. Tem o valor de um símbolo, na luta contra a pobreza e o subdesenvolvimento, que às vezes se confundem com a própria luta contra os trustes internacionais, que sugam o resultado do trabalho dos povos.<sup>121</sup>

Santos demonstrava convicção acerca do caráter não-comunista da revolução cubana, acusando “camadas da opinião brasileira” de, levianamente, confundirem as posições “anti-trustes” do governo cubano com “tolerância em relação ao comunismo ou à Rússia soviética”<sup>122</sup>. Acusaria ainda os trustes de

---

<sup>119</sup> EXCESSOS de Propaganda. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 2 de abr. 1960, p. 5.

<sup>120</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Cuba e os Estados Unidos”. *A Tarde*, Salvador, 29 de abr. 1960, p. 5.

<sup>121</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – A Revolução continua”. *A Tarde*, Salvador, 14 de abr. 1960, p. 5.

<sup>122</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução - Dois coelhos, duas cajadadas”. *A Tarde*, Salvador, 9

vincular Cuba com “certas ideologias e métodos que a maioria dos governos e a maior parte da população das Américas repele, como, por exemplo, o comunismo”<sup>123</sup>. Não seria possível, no entanto, afirmar que Milton Santos manteve uma posição anticomunista neste período e nestes escritos, já que, em nenhum momento, o afastamento teórico de Cuba do comunismo por este autor culminou com uma crítica ao Estado socialista, da maneira como ficava evidente, por exemplo, em outros textos analisados do período e publicados no próprio *A Tarde*.

Milton Santos também analisou as bases históricas do domínio estadunidense sobre a ilha de Cuba, apontando alguns dados sobre as ligações entre empresas e homens públicos dos EUA com a ditadura de Fulgêncio Batista<sup>124</sup>. Fez, neste sentido menção à “emenda Platt”, que converteu Cuba numa nação praticamente tutelada pelos Estados Unidos em 1901 e que gerou no povo cubano um sentimento de oposição às aspirações imperialistas do vizinho rico. Também avaliou, no mesmo texto, a concentração intensa de propriedades de terras que marcava a economia cubana antes do advento revolucionário, observando que “enquanto apenas 1 por cento dos proprietários possuía mais da metade das terras agrícolas, a grande maioria dos camponeses não dispunha de um palmo de gleba para plantar”<sup>125</sup>.

Na coluna, o autor realiza uma conexão direta entre os EUA e a situação a qual estava submetido o povo cubano antes de janeiro de 1959, o que costumava ser evitado nos textos da *AP* desde os primeiros dias do governo rebelde. As bases de dominação neocolonial estadunidense na Ilha após o desgaste do sistema colonial espanhol não costumava figurar nos textos noticiosos e nos editoriais do *A Tarde* até aquele momento. Fulgêncio Batista e o seu respectivo regime de corrupção e terror apareciam como elementos isolados do processo histórico que o condicionou, vinculados a uma certa ambição e traços autoritários pessoais. Deste modo, quebrando o silêncio acerca do tema no *A Tarde* e conectando a situação revolucionária cubana às contradições deste país com os vizinhos Estados Unidos,

---

de abr. de 1960, p. 5.

<sup>123</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Cuba e os Estados Unidos”. *A Tarde*, Salvador, 29 de abr. de 1960, p. 5.

<sup>124</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Os fundamentos históricos e econômicos”. *A Tarde*, Salvador, 13 de abr. 1960, p. 5 e 16.

<sup>125</sup> *Id. Ibid.*

Santos escreveu que

(...) revolução social, pretendendo distribuir mais justiça em seu próprio país, não podia deixar de atingir os Estados Unidos, cujas empresas residentes em Cuba tinham interesses muito profundamente ligados à situação moral, política e econômica que a revolução iria derrubar.<sup>126</sup>

Em outro artigo, entra no pantanoso terreno do tema dos tribunais revolucionários, argumento-chave para as críticas do governo estadunidense e da imprensa liberal entre 1959-1960. Ao avaliar a posição geral do governo cubano com relação ao tema, Santos, após considerar os limites e contradições inerentes aos tribunais, apontando o problema deles instalaram-se diante de um clima revolucionário, expressa, no entanto, que

os cubanos, porém, apontam esse Tribunal Revolucionário como um motivo de elogio, não de crítica. Ora, dizem todos, seria muito mais perigoso e grave se se deixasse o povo indignado fazer justiça por suas próprias mãos. O Tribunal julga os acusados, mandando-os depois cumprirem as penas a que se sujeitaram. Não houve um só trucidamento, linchamento ou assassinato.<sup>127</sup>

Percebe-se que o autor apresenta duas dimensões relacionadas ao evento que não figuravam entre as representações contidas nas notícias e editoriais impressos pelo *A Tarde* até aquele momento. A primeira diz respeito a conceder espaço ao argumento dos dirigentes cubanos na abordagem do sentimento de indignação presente no seio do povo cubano, capaz de abrir brecha para vinganças não-legais. A outra aparece no friso da inexistência de ações sumárias promovidas pelo governo ou pelo povo cubano, sejam elas de “trucidamento, linchamento ou assassinato”. Efetivamente, Milton Santos veiculara o argumento de cubanos que viam os tribunais enquanto método de contenção da violência, e não de exacerbação da mesma, tal como eram apresentados pelos editoriais do *A Tarde* até aquele momento.

Já no artigo sobre a reforma agrária cubana, como complemento às

---

<sup>126</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Os fundamentos históricos e econômicos”. *A Tarde*, Salvador, 13 de abr. 1960, p. 5.

<sup>127</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – A revolução continua”. *A Tarde*, Salvador, 14 de abr. 1960, p. 5.

informações até então difundidas pelas agências noticiosas, que não apontavam os detalhes acerca das expropriações para a utilização de latifúndios em Cuba para fins de reforma agrária, Santos explicou os três métodos possíveis para a conversão. O primeiro seria o da compra das terras pelo Instituto de Reforma Agrária de Cuba (INRA). Neste caso, o valor-base para a operação seria aquele declarado por último pelo proprietário ao fisco para fins de recolhimento de impostos. A título de exemplo, Santos citou o caso da *United Fruit* que “agora esbraveja porque, de acordo com as suas próprias declarações, o govêrno de Fidel Castro só vai lhe pagar menos de um quinto do que, agora, alega ter direito”<sup>128</sup>. A segunda maneira seria o da expropriação de terras pertencentes a ex-funcionários do Estado ou afins que, processados, não puderam explicar a origem do dinheiro para a compra das propriedades. Havia ainda um terceiro método: o da expropriação das terras de alguém acusado de corrupção ou roubo, antes mesmo da conclusão das investigações. Em caso de inocência comprovada, o latifundiário receberia uma indenização pela conversão<sup>129</sup>.

De toda a análise empreendida pelo articulista, a partir da leitura do conjunto dos artigos, a discussão mais diretamente ligada ao que temos nos esforçado em abordar de maneira central na presente pesquisa é mesmo a expressa na sua coluna do dia 29 de abril. Nela, a questão da propaganda exercida pelas agências de notícias a partir de demandas de grupos internacionais é diretamente abordada. Caso raríssimo nos exemplares do *A Tarde* analisados, a denúncia feita por Santos contra as “deturpações” contidas nas notícias sobre Cuba difundidas na imprensa internacional põe em discussão, por conseguinte, a sistemática fabricação de consensos sobre o tema, transmitidos pelos “meios de propaganda”, mas orientado, para ele, pelos trustes internacionais<sup>130</sup>.

---

<sup>128</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Dividindo as terras”. *A Tarde*, Salvador, 25 de abr. 1960, p. 5.

<sup>129</sup> *Id. Ibid.*

<sup>130</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – Cuba e os Estados unidos”. *A Tarde*, Salvador, 29 de abr. 1960, p. 5 e 16. “Raríssimo” porque em apenas um outro texto, do jornalista Fernando Sabino - que apesar de não ser funcionário do *A Tarde* enviava textos ao diário e esteve em Cuba com Jânio Quadros - pude verificar, impresso no jornal baiano, tal consideração. Disse ele: “Como separar o verdadeiro do falso nas notícias que nos chegam? Os jornalistas que estiveram em Cuba recentemente puderam verificar com os próprios olhos como aquele país está submetido a um verdadeiro cerco de notícias falsas ou tendenciosas que dali se espalham para o resto do mundo”. (SABINO, Fernando. “A próxima invasão”. *A Tarde*, Salvador, 23 de abr. 1960, p. 2).

Neste aspecto, no entanto, Santos não vincula tal ação às demandas dos órgãos governamentais estadunidenses, tal como temos considerado válido entender, tratando-a apenas como atividades orientadas pelos interesses de determinados grupos empresariais afetados pelas ações do novo governo cubano. Assim, a denúncia isentava o governo estadunidense de participação no referido expediente, o que considero um limite do texto, já que tenho aqui considerado a utilização consciente dos veículos de comunicação pelos EUA (neste caso) como instrumento-chave no contexto da Guerra Fria, concordando com a historiadora Elisa Servin<sup>131</sup>. Mais ainda, percebo tal utilização como componente da atividade de hegemonia cultural-informativa, exercida para além das fronteiras nacionais e, no caso cubano, justificadora de ações contra-revolucionárias já em curso naquele momento<sup>132</sup>.

Milton Santos também escreveu sobre a imprensa em Cuba. E abordou, de maneira central, os jornais de oposição, analisando de que maneira se dava a relação entre a Revolução e estes. Situou, assim, os dois jornais oposicionistas circulantes: o *Diário de la Marina* e o *Prensa Libre*, e explicou a prática da “coletilla” ou “aclaración”, em que o comitê de empregados publicava nestes jornais, quando havia discordância com relação às opiniões emitidas, uma tarja na parte inferior da página apresentando tal oposição.

Também citou, em linhas gerais e a partir de informações do governo, alguns aspectos políticos dos jornais, como as benesses ofertadas ao *Prensa Libre* durante a ditadura de Batista, adquiridas “por meios tortuosos”, além da corrupção da família Carbó, proprietária do jornal. Sobre o *Diário de la Marina*, levantou as acusações a ele feitas sobre a “oposição aos ideais populares” e sua “subserviência aos interesses estrangeiros”. Não eram, friso, constatações de Milton Santos, mas considerações sobre as acusações feitas pelo governo e pelo povo em geral aos jornais. Terminava Santos dizendo que se “do ponto de vista

---

<sup>131</sup> SERVIN, Elisa. *artigo citado*, 2002.

<sup>132</sup> João Roberto Martins Filho avalia que, após nove meses de governo cubano, ainda em 1959, os Estados Unidos já haviam concluído que o processo revolucionário em Cuba precisava ser contido. Prosseguindo, o autor analisa que “A assinatura dos acordos comerciais com a URSS, em fevereiro de 1960, apenas agravou a situação. Um mês antes, a CIA já se decidira pela derrubada de Fidel.” (MARTINS FILHO, João Roberto. “Os Estados Unidos, a revolução cubana e a contra-insurreição”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 12, jun. 1999. p. 67-82).

teórico” havia liberdade de imprensa, “de um ponto de vista prático é temerário responder afirmativamente”, já que os proprietários não dispõem de meios “para impedir que em suas gazetas sejam chamados de mentirosos, mendazes e antirevolucionários”<sup>133</sup>. Discussões e dados novos para o leitor do *A Tarde*.

No último texto da série, Milton Santos procurou avaliar as perspectivas que se anunciavam para Cuba, opinando que se “no plano interno, a revolução está vitoriosa”, no cenário das relações internacionais, a situação mostrava-se complicada. Observando as crescentes oposições do país caribenho frente aos EUA, Santos considerou a possibilidade, naquele momento bem perceptível, da deflagração de um boicote envidado pela nação do norte, o que “poderia conduzir Cuba a grandes dificuldades”. Para contornar o problema, sugeria Santos que fosse concedido

o apoio maciço dos países latino-americanos, não apenas de um ponto de vista moral, mas de maneira efetiva, forçando um comércio mais amplo que os tirasse das dificuldades. Mas, respondamos com franqueza, será lícito esperar que venha isso a acontecer? Não parece provável.<sup>134</sup>

Concluía o artigo voltando a atribuir a Cuba o caráter de “símbolo, que os outros povos dêste hemisfério passiva ou ativamente reconhecem”. E referia-se ainda à necessária vigilância da opinião pública latino-americana com relação a possíveis investidas contra a ilha, lembrando a importância do cuidado na estratégia dos Estados Unidos com relação a Cuba, zona de fricção.

Trata-se, evidentemente, de uma representação bem diversa daquelas engendradas pelos editoriais do *A Tarde*; pois mesmo considerando que nos primeiros dias de 1959 a exaltação foi a tônica do discurso daquele jornal, a crítica parcial e a cautela passariam a dominar as opiniões a partir da ênfase do discurso anti-imperialista por parte de Cuba. Tomar Cuba como um símbolo, em abril de 1960, num texto impresso num jornal declaradamente pró-estadunidense, parece-me algo ousado.

Percebe-se que a referência aos países vizinhos americanos se dá aqui sob

---

<sup>133</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma Revolução – Os jornais”. *A Tarde*, Salvador, 20 de abr. 1960, p. 16.

<sup>134</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – s/t”. *A Tarde*, Salvador, 30 de abr. 1960, p. 5.

a forma de conclave de apoio ao regime instalado no país caribenho – dadas as dificuldades previstas -, diferente do que viria a ser veiculado por um editorial do *A Tarde* do mesmo mês, atribuindo às nações americanas o dever de lutarem pelos “altos princípios” democráticos contra o ataque frontal à liberdade de imprensa, promovido pelo governo cubano em ocasião do fechamento do jornal *Diário de La Marina*<sup>135</sup>. Além disso, se Santos vê aqui Cuba em sua possibilidade de aproximação aos países americanos a partir de seu exemplo, os textos escolhidos para figurarem como “opinião” do *A Tarde* a vêem como um modelo em constante afastamento da consciência democrática típica de uma América que, não querendo comunizar-se, deixar-se-ia capitanear pelos Estados Unidos da América e pelo seu estilo de vida e valores<sup>136</sup>.

É importante ressaltar que a busca de Milton Santos por análises mais pormenorizadas da situação de Cuba pode ser vinculada também a um certo espírito de investigação científica do qual não podemos dissociar do jornalista-geógrafo. Sua argumentação marcada pela utilização de dados diversificados, fontes atualizadas e espírito argumentativo contrastava com as tendências superficiais e carentes de informações complementares que marcavam os textos jornalísticos sobre Cuba impressos pelo *A Tarde* até então. Não seria sensato separarmos uma certa obstinação por uma objetividade científica, mais ligada ao cientista-geógrafo Milton Santos, da prática do jornalista. Creio que não são divisões cartesianamente demarcadas no exercício da escrita e da argumentação e podem aqui ser apontadas como um dos possíveis condicionantes da situação jornalística que se configurou.

### 3.3. LEITURAS DO RETORNO

Que revolução é essa? Poderá o leitor perguntar. Revolução comunista? Revolução de rapazes que se diriam imberbes, não fossem os bastos pêlos que escondem, no seu rosto, a mocidade? Revolução de poetas e sonhadores? É uma revolução romântica, no sentido mais puro da palavra, onde todos acreditam num futuro

---

<sup>135</sup> LIBERTICIDA. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de mai. 1960, p. 5.

<sup>136</sup> Ver O PERIGO é comum. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 25 de jun. 1960, p. 5.



mais belo: revolução de idealistas. É uma revolução moralizada e moralizadora: não há notícias de abusos, até agora praticam o que pregaram.<sup>137</sup>

A simpatia de Santos com o governo cubano e com a situação vista durante aquele breve período em Cuba, que ora aparece na forma de exaltação das qualidades morais dos dirigentes cubanos e ora no friso do apoio maciço da população ao novo governo, fez-se evidente. As atribuições negativas que começavam gradativamente a compor a tendência predominante dos comentários jornalísticos liberais brasileiros – seja nas qualificações de Fidel como um caudilho ou na atribuição do caráter sumário e imoral aos tribunais revolucionários - não figuraram nos escritos do professor que, apesar de não vincular-se em termos teóricos, em nenhum dos textos, a correntes de pensamento de esquerda; mostrou-se receptivo a posições favoráveis a Cuba, naquele momento difundidas por alguns setores progressistas<sup>138</sup>.

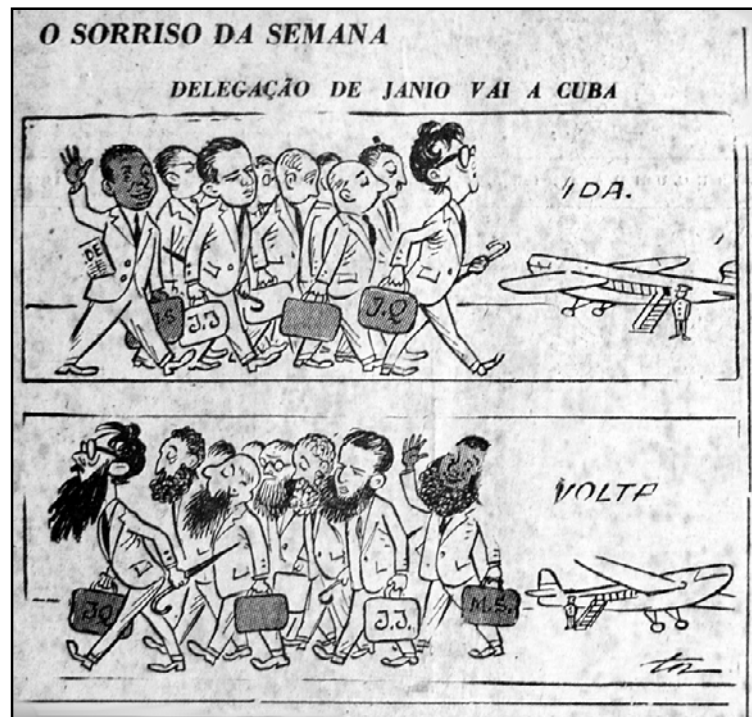
Ao retornar, fora atribuído pelo jornal, inclusive, uma certa influência exercida pela visita ao país do Caribe e pelo contato com os seus dirigentes, como importantes para um retorno repleto de boas impressões. Na charge do dia 4 de abril, Milton Santos, Jânio Quadros e Juracy Magalhães Junior - político baiano da UDN que havia acompanhado a delegação como membro da base de apoio de Quadros -, identificados pela caricatura e pelas iniciais de seus nomes desenhadas nas respectivas malas, retornam barbudos e influenciados pelo regime cubano, da visita àquele país<sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> SANTOS, Milton. “Visita a uma revolução – A revolução continua”. *A Tarde*, Salvador, 14 de abr. 1960, p. 16.

<sup>138</sup> Bem mais tarde, Santos afirmaria a influência marxista sobre o seu pensamento e sua metodologia de análise da realidade: “Eu me considero um marxista (...). Sobre tudo hoje, porque com a globalização, o que sobrou do socialismo fundado em realidades profundas como no caso da China, por exemplo; e no mundo ocidental, que nós aprendemos mais a conhecer, interpretar e analisar, se tornou todo ele capitalista... Então, se tudo se torna capitalista, obrigatoriamente se instala a contradição”. Ver o documentário TENDLER, Silvio. *Encontro com Milton Santos ou o mundo globalizado visto do lado de cá*. [Documentário em DVD – 86 minutos]. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, 2006. Apesar disso, seria precipitado ou exagerado afirmar que tal posição já estaria demarcada em 1960, ou que pressupostos marxistas teriam sido considerados quando Milton Santos escreveu os textos aqui analisados.

<sup>139</sup> Com o então deputado Juracy Magalhães Júnior fora realizada uma entrevista pelo *A Tarde*, no qual o político discorreu sobre as origens da Revolução Cubana, num tom não menos elogioso que o evidenciado nos textos de Milton Santos: “O observador imparcial que chega a Cuba nota a seriedade e a salutar intenção de propósitos que ornaram o carácter dos líderes revolucionários”. MAGALHÃES Jr., Juracy. “A Revolução Cubana nasceu nos campos”. Entrevista concedida. A



**Ilustração 3:** DELEGACÃO de Janio vai a Cuba. *A Tarde*, Salvador, 04 de abr. 1960, p. 2.

Num contexto de Guerra Fria, onde posições intermediárias pareciam impossíveis diante da polarização esquerda/direita, as menções elogiosas de Milton Santos ao governo cubano que gradativamente radicalizava sua ruptura com os Estados Unidos, com ações como a nacionalização de importantes refinarias de petróleo como a *Shell* e a *Texaco*, aumentando, paralelamente, suas parcerias comerciais e políticas com a União Soviética; pôde ter soado como esquerdismo para alguns setores, os quais já haviam conferido a Fidel Castro a imagem de um caudilho esgotado mentalmente<sup>140</sup>.

Em 19 de abril de 1960, enquanto prosseguia a publicação dos textos de Milton Santos, a coluna assinada pelo jornalista Mario Piva, no jornal *A Tarde*, criticava enfaticamente o modelo de nacionalismo reivindicado por determinados setores da esquerda brasileira. No texto “Meu nacionalismo é assim”, o autor

---

*Tarde*, Salvador, 13 de abr. 1960, p. 2.

<sup>140</sup> O PREÇO da liberdade. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de jan. 1959, p. 3.

posicionou-se da seguinte maneira:

Sou nacionalista porque defendo a liberdade em todos os quadrantes da vida brasileira. Sou nacionalista pela livre empresa, contra a estatização na órbita econômica e contra a subordinação do homem como simples peça da máquina estatal. Sou nacionalista por convicção e, não, por inspirações nascidas de ideologias extremistas.<sup>141</sup>

A crítica ao que o colunista classificou, mais a frente no texto, como “nacionalismo de casaca vermelha” balizava-se, entre outros elementos, na tolerância aos capitais estrangeiros, desde que resistentes à sua exploração. Ao final do texto, insere a temática “Cuba”, ao afirmar: “não aceito o nacionalismo que tem como bandeira um caudilho como Fidel Castro”<sup>142</sup>.

O texto é enfaticamente anticomunista. A referência a Cuba, neste caso, aparece relacionada às posições das correntes tidas como nacionalistas e que, para o autor, importava “idéias de nações extremistas”. Mesmo figurando ainda de maneira indireta e especulativa no *set* de assuntos ligados ao comunismo internacional, como um possível futuro aliado soviético, podemos, no entanto, verificar a relação teórica já estabelecida pela dita “área pro-norte-americanos da opinião brasileira” entre Cuba e setores progressistas brasileiros, agrupados, no texto de Piva, no conjunto dos “falsos nacionalistas” vermelhos. Para Piva, tomar Fidel Castro como um exemplo ou uma “bandeira” era mesmo inaceitável<sup>143</sup>.

Analisando de maneira estrutural, sinto-me a vontade para afirmar que as opiniões de Piva representavam, naquele momento, muito mais a linha editorial do veículo que o empregava do que as tendências expressas pelos textos de Milton Santos aqui avaliados<sup>144</sup>. Trato como o elemento-chave de tal consideração o incômodo demonstrado pelos textos com o que *A Tarde* tratava como “sentimento

---

<sup>141</sup> PIVA, Mário. “Meu nacionalismo é assim”. *A Tarde*, Salvador, 19 de abr. 1960, p. 6.

<sup>142</sup> *Id. Ibid.*

<sup>143</sup> Vale ressaltar que Fidel Castro já havia sido tema de um outro texto de Piva, publicado a 7 de março, em que o autor, buscando motivos para a ação de jovens estudantes cariocas que estenderam um retrato de Castro na fachada da UNE durante a visita do presidente estadunidense Eisenhower ao Brasil, indagou: “Teriam sido motivos de ordem econômica? Mas, como? Que pode esperar o Brasil do governo de Fidel Castro? Que estenda o pescoço à canga moscovita como está agindo o tirano de Cuba? Dos Estados Unidos, cujo presidente nos visitava na época, podemos esperar muito. Não somente de auxílios materiais, mas também na defesa dos postulados democráticos”. (PIVA, Mário. “Não consegui entender”. *A Tarde*, Salvador, 07 de mar. 1960, p. 6).

<sup>144</sup> Ver subítem “Por uma ‘consciência democrática’”, do capítulo anterior.

anti-americanista” cubano<sup>145</sup>. O fato de Milton Santos não ter esboçado qualquer reserva ao governo cubano por conta destas posições, a meu ver, insere-o num setor opinativo diferenciado; solidário, no geral, a Cuba. Tal solidariedade não ficara restrita ao campo teórico ou do mero discurso jornalístico. Em 26 de julho de 1960, alguns meses após seu regresso do país caribenho, Milton Santos participava de uma sessão pública de solidariedade ao governo cubano na sede da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia, noticiada no *A Tarde* com o negativo título: “Comemoração fria de uma revolução sangrenta”<sup>146</sup>.

Assim, utilizando-me da formulação de Betânia Mariani de que “a prática jornalística é heterogênea durante seu processo de produção, mas resulta em uma enunciação homogeneizada quanto ao produto final”<sup>147</sup>, não podemos avaliar que tais incongruências comprometiam a linha editorial homogeneizada do jornal, a qual esteve marcada pela crítica cada vez menos cautelosa ao se abordar o tema “Cuba”. Assim, ainda que nos pareça *a priori* curioso e interessante o fato, o produto final jornalístico ainda mantinha-se homogêneo, definido por uma construção sistemática do quadro da Revolução Cubana promovida pelo jornal até ali, através dos textos da *Associated Press* publicados diariamente e de editoriais cada vez mais enérgicos contra as ações revolucionárias processadas em Cuba.

Entendo ainda que as análises de Santos, apesar de contrapostas às posições críticas demarcadas pelo jornal com relação a Cuba, demonstram um quadro de indefinições no campo político-ideológico em que esteve abrigada a Revolução até aquele ponto. E nesse quadro, a Revolução Cubana mantinham-se, do ponto de vista jornalístico, como um fenômeno interessante, porém ameaçado de sucumbir à euforia sanguinária e/ou aos acenos da União Soviética.

Além disso, o fato de Santos ter assinado a coluna e observado ser estritamente pessoal o que abordara sobre Cuba já no primeiro artigo, também integra a tendência jornalística de separação entre a “opinião” e o “fato”. Ao publicar textos elogiosos a Cuba, o *A Tarde* demonstrava que, ainda que discordasse, garantia ao jornalista o direito de se expressar. No entanto, as informações,

---

<sup>145</sup> ESTIMULADO em Cuba sentimento anti-americanista. *A Tarde*, Salvador, 17 de jan. 1959, p. 1.

<sup>146</sup> COMEMORAÇÃO fria de uma revolução sangrenta. *A Tarde*, Salvador, 27 de jul. 1960, p. 1.

<sup>147</sup> MARIANI, Bethania. *op. cit.*, 1998. p. 93.

evidentemente, não comprometiam a linha editorial geral assumida pelo *A Tarde* em relação a Cuba. A assinatura na coluna retira o jornalista da posição enunciadora pretensamente neutra do relato jornalístico. Traduz-se, assim, como uma opinião. E, naquele contexto, figuraria como contrária não só a uma outra opinião (do jornal, através de seus editoriais), mas contrária ao “fato”, relatado pelas matérias da *AP*; já que o discurso jornalístico impresso na construção das matérias ditas “não-opinativas” pretende-se detentor da capacidade de narrá-lo sem paixões.

\* \* \*

Em alguns relatos biográficos, sugere-se relação direta entre a ida de Milton Santos a Cuba com as perseguições a ele direcionadas após o golpe civil-militar de 1964<sup>148</sup>. Durante o tempo em que esteve em Havana, o geógrafo manteve diálogos cordiais com o candidato Jânio Quadros e, conquistando deste simpatia e alguma identificação no campo político, fora convidado a participar de seu governo depois de eleito, ocupando a subchefia do gabinete Civil.

Antes de vincularmos de maneira direta a experiência política da visita a Cuba com a prisão e o auto-exílio forçado em 1964, precisamos tomar ciência de que, além do primeiro cargo político no governo Jânio Quadros, Santos ocupou ainda, de 1963 a 1964, a presidência da Comissão de Planejamento econômico (CPE) durante a gestão de Lomanto Júnior como governador da Bahia. Nesta pasta, passou a posicionar-se em defesa das ideias de planejamento econômico desenvolvidas por economistas como Rômulo Almeida, as quais contrariavam os velhos esquemas econômicos das elites baianas<sup>149</sup>.

Neste sentido, considero pertinente a avaliação de Fernando Pedrão, ainda que o autor tenha adotado certo exclusivismo de motivo, acerca das conclusões

---

<sup>148</sup> Tal relação aparece, por exemplo no texto de Délio Pinheiro: “Todavia uma viagem a Cuba com o presidente da República e vários intelectuais – fato que na época não parecia nem inusitado nem perigoso – o colocaria, algum tempo depois, no *Index* do regime militar. Em 1964 inicia-se uma longa noite que duraria vinte anos”, em PINHEIRO, Délio J. F. “Milton Santos e a Bahia de belas gravatas e verdades encobertas”. In: SOUZA, Maria A. Aparecida de (org.). *op. cit.*, 1996. p. 179-183.

<sup>149</sup> Para uma análise das ideias de Rômulo Almeida, ver ALMEIDA, Rômulo Barreto. *Rômulo: voltado para o futuro*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia, 1986.

“míopes” dos articuladores e/ou apoiadores do golpe civil-militar na Bahia ao avaliar as posições econômicas de Santos na CPE como um risco aos planos econômicos já vislumbrados, “identificando planejamento com esquerdismo e tomando a oposição à estrutura oligárquica como simétrica à luta com o capital industrial”<sup>150</sup>.

Diante destes aspectos, considero sensato avaliarmos conjuntamente todas as complexidades políticas advindas destas tomadas de posições e cargos, na busca de explicações (ainda que parciais) para o ingresso de Milton Santos nos registros da ditadura que acabava de se instalar e no seu conseqüente auto-exílio após temporada numa cela do 19º Batalhão de Cavalaria (19º BC), em Salvador, de onde saíra após um princípio de derrame<sup>151</sup>.

Não pretendo aprofundar-me ainda mais neste terreno. Fui até este ponto apenas para que evitemos estruturações teóricas precipitadas e parciais, atribuindo casuisticamente um único elemento às desventuras de Milton Santos após a ação dos golpistas de 1964.

\* \* \*

Os escritos de Milton Santos aqui analisados, além de despertar uma inevitável curiosidade por se tratar de um expediente incomum no conjunto da obra de um geógrafo de prestígio internacional, ilustram um quadro específico. Uma fase de indefinição, na qual Cuba aparece representada pelo diálogo conciliatório entre o feito heroico do Movimento 26 de Julho – ao derrubar uma ditadura criminosa -, as execuções promovidas pelos tribunais revolucionários e um profundo anti-imperialismo já demarcado por aquele governo que, no entanto, ainda não havia se materializado como declaração por uma opção socialista.

A meu ver, as representações conciliatórias características desta conjuntura possibilitaram, de maneira central, a abertura do espaço de publicação para os textos que, mesmo rivalizando com a linha editorial do *A Tarde* e da maioria de seus

---

<sup>150</sup> PEDRÃO, Fernando. “Uma injustiça atinada”. In: SOUZA, Maria A. Aparecida de (org.). *op. cit.*, 1996. p. 58-60.

<sup>151</sup> Em conversa com o autor, Maria Auxiliadora de Souza, que conviveu com Milton Santos, afirmou que o mesmo jamais falou abertamente sobre o episódio da prisão, fazendo apenas, ocasionalmente, menções metafóricas sobre o tema.

colaboradores, puderam ser impressos. Ainda que não esteja certo de que os textos criaram uma real polêmica quando encaminhados para publicação, considero que, numa fase posterior de radicalização da propaganda anticomunista no Brasil – às vésperas do golpe que derrubaria o presidente João Goulart - e da vinculação direta de Cuba a um modelo socialista imitável pelos outros países do continente, tal expediente estaria inviabilizado pela nova conjuntura de polarização no plano ideológico.

Também chama a atenção a sobriedade analítica de Milton Santos ao evitar enquadramentos teóricos ou o estabelecimento de vínculos ideológicos tentadores num momento em que as condições conjunturais empurravam o discurso jornalístico para tomadas de posições cada vez mais inflexivelmente demarcadas. Ciente destas tendências, Santos não só as subverteu - avaliando Cuba para além dos enquadramentos correntes (ainda que especulativos e indefinidos nesta fase) - como soube situar o tema no terreno das batalhas ideológicas e midiáticas. Claro que sem o grau de teorização que alcançaria suas observações sobre a informação como mecanismo da chamada “globalização”, ao final de sua vida<sup>152</sup>.

Nesta linha, seguiu apresentando dados inéditos ao leitor do *A Tarde*, quebrando a exclusividade das agências internacionais na cobertura sobre o tema, denunciadas por Santos como “deturpadoras de notícias”, a serviço de empresas insatisfeitas com os rumos e perspectivas que se apresentavam para Cuba.

O material é, assim, um produto jornalístico da primeira avaliação coletiva *in locu* de representantes de empresas jornalísticas brasileiras na Cuba revolucionária. No caso de Milton Santos, é também testemunho do contato entre um intelectual progressista e uma realidade política nova para a América Latina. Contato este que determinou uma apreensão simpática da conjuntura cubana. Tão simpática que os textos possivelmente soaram como esquerdismo para setores cujas posições já não toleravam a campanha antiimperialista promovida por Cuba frente ao gigante vizinho, baluarte, para estes grupos, de certos “postulados democráticos”<sup>153</sup>.

---

<sup>152</sup> Neste sentido, ver SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

<sup>153</sup> PIVA, Mário. “Não consegui entender”. *A Tarde*, Salvador, 07 de mar. 1960, p. 6.

Interessante, finalmente, mencionar que, mais de quarenta anos mais tarde, Milton Santos refletiria diante de uma câmera sobre o tema do controle da informação pelas agências internacionais. Ainda que estivesse tratando-o de maneira conectada à análise do fenômeno da globalização contemporânea, a observação mostra-se perfeitamente aplicável para os fenômenos que aqui temos discutido:

A chamada “mídia” tem um papel de intermediação que a gente talvez não possa dizer que é inocente, mas não parte dela realmente, ou não é dela o poder. O poder é de um pequeno número de agências internacionais da informação, estreitamente ligadas ao mundo da produção material, ao mundo das finanças e que controla de maneira extremamente eficaz a interpretação do que está se passando no mundo. E de uma forma que se torna clara quando a gente pega os jornais e vê a repetição quase que servil das mesmas fotografias, das mesmas manchetes, das mesmas ideias, dos mesmos debates; que indicam que alguma coisa está por trás de tudo isso.<sup>154</sup>

Penso que o poder ao qual se refere Milton Santos é o de impor os contornos do mundo e de sustentar imagens, interpretações e estereótipos como verdades. Se, na sociedade “globalizada” de hoje é identificado por Santos tal poder exercido por essas agências, observa-se que tal condição já se fazia verificável durante os anos da chamada “Guerra Fria”, quando tais empresas já apareciam em caráter transnacional. Consolidando-se como hegemônicas do ponto de vista informativo, as agências de notícias passaram a dominar os espaços jornalísticos, prestando um serviço à “mídia” em geral. Esta, por sua vez, possui efetivamente um papel de intermediação, como aponta Santos, o qual não pode, concordo, ser entendido como inocente, já que os valores adotados tendem a se adequar ao perfil institucional das empresas compradoras dos textos.

---

<sup>154</sup> TENDLER, Silvio. *op. cit.*, 2006. A entrevista foi gravada em 4 de janeiro de 2001, 5 meses antes de Milton Santos falecer.



## **“OS VERMELHOS DE LÁ E DE CÁ”: CUBA NO CENTRO DA REPRESENTAÇÃO ANTICOMUNISTA (1961-1964)**

### 4.1. CUBA COMO AMEAÇA À AMÉRICA: A DECLARAÇÃO SOCIALISTA COMO MARCO DA INTENSIFICAÇÃO DAS CRÍTICAS À REVOLUÇÃO

Em abril de 1961, Fidel Castro, num discurso proferido em meio ao enterro dos cubanos mortos após os primeiros ataques aéreos promovidos por exilados cubanos treinados e armados pela CIA, declarou o caráter socialista daquele governo: “Esta es la revolución socialista y democrática de los humildes y para los humildes”, disse ele<sup>155</sup>.

A declaração fora o ápice de um quadro que vinha se sedimentando desde os primeiros dias de 1959. Ao longo deste período, Cuba estatizou 75% de sua indústria, além de diversos outros setores, incluindo o de serviços públicos, ferindo diretamente os interesses dos grupos empresariais estrangeiros (principalmente dos EUA) instalados na ilha. Ao passo que promovia reformas estruturais e de caráter popular, o regime cubano também vinha se aproximando da URSS através de parcerias comerciais. Em fevereiro de 1960, o primeiro acordo entre os dois países desencadeou a primeira do que viria a ser uma série de sanções econômicas impostas por Washington<sup>156</sup>. Escancaravam-se, assim, as contradições entre Cuba e Estados Unidos e o governo da Ilha oficializava que encontrara na opção socialista a resposta aos seus anseios de efetiva emancipação nacional e à busca de um rompimento definitivo com um passado neocolonial, no qual os Estados Unidos foram os principais beneficiários. Tal como considerou Florestan Fernandes,

A “revolução contra a ordem” tornou-se, alternativamente, uma

---

<sup>155</sup> Extraído de MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, p. 295. O discurso de Fidel Castro, que fora proferido em 16 de abril de 1961, está disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos>>. Acesso em 17/08/2008.

<sup>156</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998.

realidade permanente e em aceleração constante. Porque não havia nada mais a salvar do capitalismo e só o socialismo respondia ao radicalismo nacional e democrático da maioria.<sup>157</sup>

Para Moniz Bandeira, a declaração de Castro tinha ainda, em meio aos confrontos, o intuito maior de “constranger a URSS a defendê-la (Cuba) contra a invasão em curso, organizada pelos EUA”<sup>158</sup>. De fato, no dia 18, a URSS publicou nota condenando a invasão e afirmando estar pronta, “no caso de não cessar a intervenção, a dar toda a ajuda necessária à República de Cuba”<sup>159</sup>.

Os exilados contaram com o suporte técnico da CIA e, depois de prepararem cerca de 1.400 homens em regiões da América Central (principalmente na Guatemala), puderam desembarcar no litoral sul de Cuba, na região da Baía dos Porcos, a 17 de abril de 1961<sup>160</sup>. Aparentando não valorizar muito o fator surpresa, e objetivando, provavelmente, resultados adesistas com a propaganda, a invasão já havia sido anunciada pelos exilados cubanos desde o início daquele mês<sup>161</sup>. Mesmo antes, no dia 30 de março, um ofício confidencial do encarregado brasileiro de negócios em Havana, Carlos Jacyntho de Barros, endereçado a Afonso Arinos de Melo Franco, já alegava saber dos preparativos da invasão e afirmava ser inconcebível que o governo cubano não o soubesse<sup>162</sup>. Os exilados encontraram, então, tropas cubanas organizadas que, cerca de dez horas depois do desembarque, já haviam dominado a situação, aprisionado vários contra-revolucionários e afundado dois navios que conduziram os invasores até a Ilha<sup>163</sup>.

---

<sup>157</sup> FERNANDES, Florestan. *op. cit.*, 2007. p. 35.

<sup>158</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 296.

<sup>159</sup> Segundo o *A Tarde*, a nota foi lida pelos locutores da Rádio de Moscou no dia 18. Além disso, a posição também foi expressa por Nikita Krushchev, então primeiro-ministro da URSS, em carta a John F. Kennedy. PROGRIDE a invasão de Cuba. *A Tarde*, Salvador, 18 de abr. 1961, p. 1.

<sup>160</sup> Vale ressaltar que, num primeiro momento, o presidente John F. Kennedy, em meio à invasão, negou qualquer participação do governo estadunidense e da CIA no processo, tendo que, posteriormente, reconhecer sua responsabilidade no fiasco. Moniz Bandeira faz uma análise muito bem documentada do papel dos gabinetes oficiais dos EUA na invasão. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 253-294.

<sup>161</sup> No dia 9 de abril, o “líder anti-castrista” José Miró Cardona reuniu a imprensa em Nova York para anunciar que uma invasão, cuja data não poderia obviamente revelar, estava sendo preparada e convocava o povo cubano para apoiá-lo. CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS cubanos intensificam preparativos para invasão iminente da ilha. *A Tarde*, Salvador, 10 de abr. 1961, p. 2.

<sup>162</sup> Ofício nº 51/600, confidencial, Carlos Jacyntho de Barros, encarregado de Negócios, ao chanceler Afonso Arinos de Melo Franco, Havana, 30 de mar. 1961. apud MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 273.

<sup>163</sup> A luta, no entanto, durou no total cerca de setenta e duas horas. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998.

A tentativa de invasão foi um fiasco, mas a rápida contenção das tropas invasoras por parte do exército cubano não pôde, por questões práticas, ser noticiada no dia seguinte pelo jornal *A Tarde*. Anunciava ele que as comunicações diretas com Cuba achavam-se interrompidas em decorrência dos bombardeios e da batalha. As notícias eram, assim, remetidas de Miami, local onde se encontravam as principais forças de oposição à Revolução, pela agência *Associated Press*. As informações valorizavam as ações dos invasores, declaravam êxitos sucessivos e anunciavam deserções no exército de Castro. Baseando-se ainda nas informações oriundas dos exilados, levantavam a possibilidade de que “a cidade de Santiago, a segunda mais importante de Cuba, talvez a esta hora já esteja nas mãos dos invasores”<sup>164</sup>. Para o leitor, embriagado pela força das informações unilateralmente reproduzidas, o desfecho mais provável seria a queda do regime cubano dali a algumas horas.

O texto falava, assim, de um lugar demarcado, que era o centro de organização e residência das forças anticastristas, e repassava a fala daí advinda como fato. E, sem confrontar informações, impossibilidade que derivava da interrupção dos principais meios de comunicações com Havana, reproduzia as leituras superestimadas dos organizadores da invasão. Ou seja, informando unilateralmente, construía uma realidade também unilateral, porém amparada num discurso pretensamente neutro. Repassando as informações reunidas pela *Associated Press*, o *A Tarde* reproduzia as perspectivas otimistas e/ou irrealis – tal como demonstraram os estudos posteriores sobre a evolução do evento<sup>165</sup> – dos exilados.

Emir Sader, em seu livro “A Revolução Cubana”, publicado em 1985, esteve atento à questão da cobertura da imprensa com relação à tentativa de invasão, afirmando que:

Nas 72 horas que duraram os combates, as agências de imprensa dos EUA – United Press e Associated Press, fundamentalmente – se encarregaram de cumprir sua parte no plano, difundindo as

---

<sup>164</sup> PROGRIDE a invasão de Cuba. *A Tarde*, Salvador, 18 de abr. 1961, p. 1.

<sup>165</sup> Um trabalho-referência neste campo é o de GLEIJESES, Piero. “Ships in the night: the CIA, the White House and the Bay of Pigs”. In: *Journal of Latin American Studies*. nº 27, Cambridge University Press, 1995.

versões mais distorcidas da evolução da situação. A revolta popular contra o governo de Fidel Castro, os bombardeios feitos por aviões rebeldes da própria Força Aérea de Cuba, a morte de Raúl Castro, o bombardeio de Havana nos chegavam ao Brasil, fazendo parte ativa da ação de agressão militar contra a Ilha.<sup>166</sup>

Sader trata a cobertura tendenciosa como “parte ativa da ação de agressão”, fazendo-nos refletir acerca da importância de uma frente ideológico-informativa que, também atuante durante o processo de invasão, serviria como meio de divulgação unilateral do avanço dos contra-revolucionários e também, a meu ver, como um possível meio de estímulo ao que os organizadores entendiam como um iminente levante popular contra o regime revolucionário cubano. Reforçando esse argumento, frise-se que durante a invasão o fator “divulgação” fora bastante valorizado pelas forças contra-revolucionárias, que preocuparam-se em equipar-se com uma poderosa emissora de ondas de rádio, cujas informações eram captadas pelos correspondentes internacionais e repassados para os jornais assinantes de seus serviços<sup>167</sup>.

No dia seguinte, no entanto, os textos já anunciavam o êxito das tropas do governo e as prisões dos invasores por ele efetuadas. Garantiam, no entanto, que “nenhum americano desembarcou com os invasores”<sup>168</sup>. E no dia 27 de abril ainda mantinha a informação de que os primeiros bombardeios aos aeroportos cubanos foram realizados por cubanos dissidentes, que teriam se rebelado e partido de Cuba depois de bombardear os aeroportos com aviões cubanos. Tal como foi revelado pela própria imprensa dos EUA logo posteriormente, os aviões eram estadunidenses, foram pintados improvisadamente com a bandeira de Cuba e os pilotos vieram direto da Guatemala, bombardearam os aeroportos e seguiram para Key West, na Flórida, Estados Unidos, onde encenaram um pedido de asilo<sup>169</sup>.

O *A Tarde*, no entanto, ignorando as discussões sobre o tema, as quais já

---

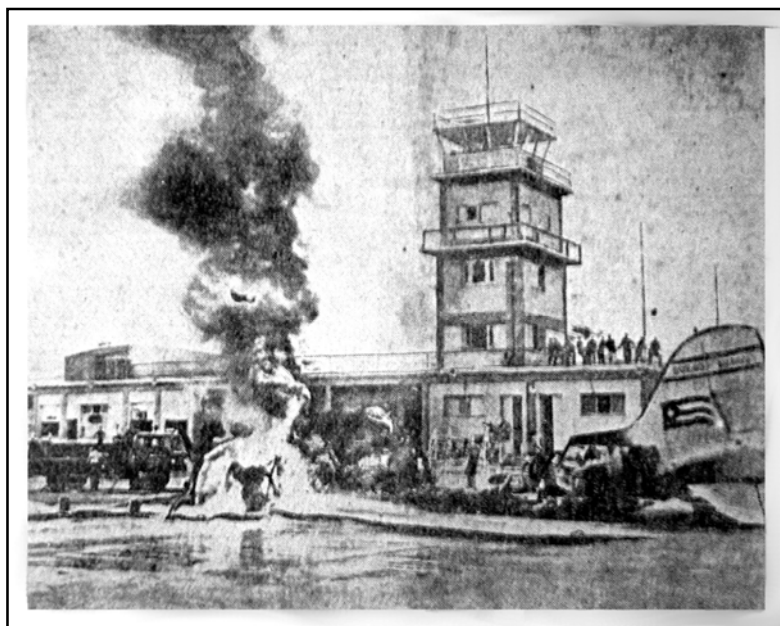
<sup>166</sup> SADER, Emir. *op. cit.*, 1985. p. 53-54.

<sup>167</sup> Entre as notícias do dia 17 de abril, o próprio jornal *A Tarde* reproduziu um texto enviado de Miami que dizia: “A poderosa emissora que as forças anti-castristas estão usando anunciou que as oito ‘estranhas embarcações’, cuja presença nas imediações do local de desembarque foi descoberta ontem à noite, eram apenas unidades da marinha de Cuba, que tentavam desertar e buscavam estabelecer contato com os anti-fidelistas”. PROGRIDE a invasão de Cuba. Salvador, *A Tarde*, Salvador, 18 de abr. 1961, p. 1.

<sup>168</sup> PROGRIDE a invasão de Cuba. Salvador, *A Tarde*, Salvador, 18 de abr. 1961, p. 1.

<sup>169</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *op. cit.*, 1998. p. 286.

havam sido travadas na Assembleia da ONU dez dias antes e mencionadas no próprio jornal<sup>170</sup>, nem sequer conjecturou sobre as inúmeras denúncias de que esses ataques foram promovidos pelos EUA, preferindo repassar mensagens como a que abaixo segue transcrita, acompanhada da fotografia na qual figurava como legenda:



**Ilustração 4** – Legenda original transcrita: “Na semana que precedeu a invasão de Cuba pelos contra-revolucionários de Miró Cardona, aviadores do governo cubano abandonaram as fileiras castristas fugindo para o exterior. Antes, porém, aproveitaram a oportunidade para bombardear alguns aeroportos governistas, entre eles o de Santiago de Cuba, cuja foto (da Associated Press para “A Tarde”) dá uma ideia do estado em que ficou.” (CASTRO transformaria Cuba na primeira república socialista da América. *A Tarde*, Salvador, 27 de abr. 1961, p. 1).

A utilização consciente dos meios de divulgação no sentido de se construir um consenso em relação à invasão foi levado às vias da negação da participação

<sup>170</sup> Vale a pena transcrever o trecho onde foi veiculada a informação sobre as denúncias acerca da participação dos EUA na invasão: “Os bombardeios contra os aeroportos cubanos deram ao regime de Fidel Castro combustível para seu debate de hoje na Organização Mundial, sôbre as acusações cubanas de agressão, contra os Estados Unidos. / O ministro das Relações Exteriores de Cuba, Raul Roa, se prepara para lançar seu ataque, hoje, perante a Comissão Política da Assembleia Geral. / O chefe da delegação americana, Adlai Stevenson, prepara-se para dar resposta, imediatamente, às acusações cubanas e negará enfaticamente que o governo dos Estados Unidos planeja a agressão ou atos de intervenção contra Cuba.” (CUBA invadida por contra-revolucionários. *A Tarde*, Salvador, 17 de abr. 1961, p. 1). Explorarei esse trecho com mais afinco no capítulo 5.

estadunidense no evento, cuja possibilidade, ainda que considerada em textos noticiosos publicadas no *A Tarde*, foram tratadas, no geral, como novas denúncias cubanas frente aos Estados Unidos, as quais, classificadas como injúrias ou agressões, já faziam parte do quadro geral de representações sobre o governo cubano, em que este assumia o papel de agressor. Constatase aqui o que afirma Betânia Mariani ao se referir à mídia contemporânea: que, ao agir sobre o momento, a fabricação de uma representação social fortemente marcada por um esquema discursivo que prevê a isenção, tende a perdurar, ainda que confrontado com a realidade.

O alinhamento à argumentação estadunidense era tão irrestrito que mesmo as ações de censura de outros países às declaradas pretensões estadunidenses de invasão a Cuba em caso de necessidade, foram relativizadas<sup>171</sup>. E o editorial de 25 de abril, por exemplo, que tratava da declaração conjunta dos governos brasileiro e argentino contra as intervenções de um país por outro e pelo respeito à soberania e à auto-determinação, confundiu de maneira astuta acusados e acusadores, agredidos e agressores. E, sem fazer qualquer ressalva às declaradas pretensões de Kennedy, avaliou:

A concretização de tais propósitos impõe-se, sejam quais forem os esforços necessários, na defesa do mais inestimável dos bens a que podem aspirar os povos livres deste continente: a paz com dignidade e justiça. E, impõe-se sem demora ante os sucessos verificados em Cuba, cujo govêrno, por circunstâncias conhecidas, abriu umas das portas do hemisfério à penetração comunista, pondo em perigo a estabilidade democrática das demais nações americanas.

Aceitando o patrocínio da Rússia à sua causa, provocado na recente invasão da sofredora ilha das Antilhas, quer pelo armamento usado contra os invasores (aviões Migs, tanques e canhões russos), quer pelos pronunciamentos das nações comunistas em sua defesa, o govêrno de Fidel Castro mostrou aos demais países do continente a verdadeira face da sua revolução.

O princípio de auto-determinação que invoca não passa,

---

<sup>171</sup> Ressalto que mesmo antes de Kennedy assumir a participação no ato da Baía das Porcos, declarou, por exemplo, em 22 de abril, que, em caso de necessidade de contenção à “penetração comunista estranha”, não titubearia em “cumprir suas obrigações primárias que são a segurança de nossa própria nação”. E. UNIDOS agirão contra comunismo nas Américas. *A Tarde*, Salvador, 22 de abr. 1961, p. 1.

infelizmente, de um embuste, porquanto, livrando da influência norte-americana o seu país, não titubeou em levá-lo para a órbita soviética, desprezando todos os recursos que lhe poderia oferecer a solidariedade continental para dirimir a divergência com seu vizinho da Norte América.<sup>172</sup>

Importante notar que as posições que estavam sendo expressas por outros países diante do conflito que envolvia Cuba e Estados Unidos, foram dimensionadas no editorial, no sentido de se atribuir a Cuba, e não aos EUA, a responsabilidade pelos transtornos e tensões na América, naquele momento. Além disso, o texto desqualificou a argumentação de Cuba e de outros países americanos em prol da auto-determinação dos povos, tratando-a como “embuste” cubano com o intuito de, livrando-se da influência dos EUA, abrir suas portas às influências da União Soviética.

O momento histórico específico que envolve a declaração de Fidel acerca do socialismo em Cuba e a invasão frustrada à Baía dos Porcos aparece como de fundamental importância para o que estamos tentando desenvolver neste tópico. Isto porque podemos avaliá-lo como “ponto crítico” para a deflagração de um padrão discursivo que iria assumir a caracterização da Revolução Cubana nos textos impressos pelo *A Tarde* a partir de então, diretamente vinculada aos padrões negativos com que se avaliava o comunismo.

A formalização da aproximação de Cuba à órbita soviética, que foi precipitada também pelas ações armadas apoiadas pelos EUA contra Cuba, é aqui considerada como o elemento fundamental para a posterior centralização de Cuba no discurso anticomunista do jornal, em sintonia com as tendências emanadas pela *Associated Press*. Esta, consciente de sua importância num contexto específico de confrontos ideológicos demandados pelas tensões da Guerra Fria e nos quais Cuba passava gradualmente a compor um quadro importante, veiculou, não abnegadamente, as caracterizações tendenciosas da política oficial estadunidense frente a Cuba e à revolução que ali triunfava.

No dia 19 de abril, o *A Tarde* produziu ainda uma reportagem que versava sobre a repercussão da invasão, na cidade de Salvador. O texto tem uma

---

<sup>172</sup> A BOA política. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 25 de abr. 1961, p. 5.

característica marcante: utiliza, de maneira constante, termos negativos para referir-se a Fidel Castro, o que não era comum até aquele ponto. Friso que, mesmo com o acompanhamento do polêmico processo de julgamentos e execuções em Cuba desde 1959 e dos passos tomados por Cuba desde então, as notícias costumavam utilizar expressões menos adjetivadas para fazer referência a Fidel, tais como “premier”, “primeiro-ministro” ou “chefe do governo cubano”. No entanto, naquele contexto de definições em relação ao projeto político que deveria ser levado a cabo pelo governo cubano, termos mais enfáticos passariam a figurar de maneira constante nos textos produzidos pelo *A Tarde*, mesmo que isto não se desse de maneira fixa nos textos da *Associated Press*, os quais ainda valorizavam a exibição de certa impessoalidade, ainda que em textos tendenciosos. Analisemos os trechos seguintes, extraídos da referida matéria:

Os graves acontecimentos que se desenrolam em Cuba tiveram repercussão em Salvador. Estudantes anunciavam ontem ruidosamente, a realização de uma passeata partindo da Faculdade de Direito até a Praça Municipal para apoiar o **ditador** Fidel Castro e responsabilizar o governo norte-americano pela invasão que os contra-revolucionários fizeram ao território cubano.

As paredes dos prédios escolares, os muros da encosta da cidade alta e as fachadas de diversos edifícios do centro urbano amanheceram hoje pixadas. Lêem-se inscrições que exaltam Cuba e o seu **ditador** e critica os Estados Unidos. Legendas como esta por exemplo: “Estamos com Cuba contra os yankees”.

As manifestações até aqui foram moderadas. Os vermelhos estão porém muito indocéis dispostos a agitar o ambiente, embora não tenham encontrado até o momento grandes estímulos. O povo mantém-se indiferente não participando de qualquer movimento de apóio ao **tirano** cubano.<sup>173</sup>

A reportagem detinha o título “Indiferença popular pela sorte de F. Castro” e, sobre Salvador, foi produzida sem a utilização de textos remetidos por outras empresas. Em todos os momentos em que foi textualmente exigido o emprego de adjetivos para referir-se a Castro, o *A Tarde* recorreu aos dois termos grifados: “ditador” e “tirano”. Termos que agora eram conferidos ao antes “herói da saga

---

<sup>173</sup> INDIFERENÇA popular pela sorte de F. Castro. *A Tarde*, Salvador, 19 de abr. 1961, p. 3. Os grifos são meus.



cubana” de 1959.

Além disso, o texto, ao abordar as ações de estudantes pelas ruas de Salvador também demarcava um lugar específico para estes e para todos os outros que declaravam apoio a Cuba, através da utilização da expressão “vermelhos”, uma categoria automaticamente demandada para a descrição ideológica de um grupo indefinido de pessoas que declaravam seu apoio ao país do Caribe. Sem nomes, vínculos institucionais ou argumentos, do texto extraía-se apenas a conclusão de que os responsáveis pelas pichações nos prédios da cidade eram “estudantes vermelhos”, comunistas, “indóceis” e “dispostos a agitar o ambiente” e incomodar uma população “indiferente à sorte de F. Castro”. Observemos que o texto fala da exaltação de “Cuba e seu ditador” e da crítica aos “Estados Unidos”. Um contraponto que induz o leitor a posicionar-se de um dos lados, uma vez que diante da falta textual de uma justificativa expressa para se criticar os EUA, parece inevitável tomar uma posição contra a exaltação de um ditador.

Para garantir o princípio essencial da “objetividade” na narrativa jornalística, as adjetivações (tirano e ditador) foram incorporadas como elementos de coesão textual, o seja, quando é demandado um termo para que não seja usado repetidamente o nome “Fidel Castro”. Já se faz evidente, neste ponto, uma radicalização do discurso do jornal com relação a Cuba, rompendo inclusive com a tendência dos textos noticiosos internacionais que costumavam evitar o emprego de termos tão “parcializados”.

Construía-se, assim, o quadro geral anticomunista da Revolução Cubana que esteve presente na grande imprensa até o momento em que se efetivou o golpe civil-militar de 1964. Cuba deixava a posição de república rebelde popular e assumia o lugar do “outro” comunista, algo construído pela propaganda anticomunista como externo, estrangeiro, estanho às tradições típicas do Ocidente liberal<sup>174</sup>.

---

<sup>174</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *op. cit.*, 2002.

## 4.2. REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO ANTICOMUNISTA SOBRE CUBA NO CONTEXTO DO “PRÉ-GOLPE”

As declarações de Castro em 1961 se aliaram de uma forma crítica à intensificação das ações de oposições no Brasil promovidas por grupos conservadores (como os militares inseridos na esfera governamental) à chamada política externa independente posta em prática pelo então presidente Jânio Quadros, que renunciaria ao cargo meses depois<sup>175</sup>. Tal princípio foi sustentado ao longo do curto mandato, acompanhado pelo agravamento das tensões entre Quadros e setores que defendiam acirradamente o alinhamento brasileiro ao governo norte-americano no contexto da chamada “Guerra Fria”, e que tinham como principal e mais propagandístico interlocutor o então governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda. Em agosto de 1961, Jânio Quadros condecorou com a Ordem do Cruzeiro do Sul o representante de Cuba, Ernesto “Che” Guevara, numa cerimônia intencionalmente esvaziada. Em contrapartida, Lacerda concedeu a Manoel Antonio Varona, líder anticastrista e membro da “Frente Revolucionária Democrática Cubana”, as chaves da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o político udenista fez, no mesmo dia, pronunciamentos na televisão denunciando a tendência esquerdista do governo Quadros e a possibilidade de um golpe de Estado.<sup>176</sup>

Na dissertação “A visita de Che, a mídia e a renúncia de Jânio Quadros”, o autor Newton Duarte Molon avalia a condecoração como um elemento importante no processo de intensificação de um oposicionismo à política de aproximação a países socialistas levada a cabo por Jânio Quadros. O autor considera que a campanha de desestabilização foi estabelecida, basicamente, pela imprensa, alimentada pelas ações e discursos do líder udenista Carlos Lacerda. De maneira cuidadosa, o autor avalia o discurso do governador da Guanabara a 24 de agosto de 1961, exibido pela TV Rio. Neste, Lacerda teria, para Molon, utilizado uma estratégia no discurso que, ao final, formulou a hipótese de um golpe de Estado que seria desfechado por Quadros com o apoio dos setores de esquerda no Brasil.

---

<sup>175</sup> Jânio Quadros esteve na presidência da República de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961.

<sup>176</sup> Ver QUINTANEIRO, Tânia. *op. cit.*, 1988.

O episódio com Che serviria como argumento para validar o discurso. Para surpresa geral, no dia seguinte, o presidente Jânio Quadros pediu a renúncia. Assim, a homenagem prestada a Ernesto Che Guevara, não pelo seu real significado, mas pelo uso que dela foi feito pela imprensa e pela oposição foi, para o autor, “o ato presidencial que custou o mandato de Jânio”<sup>177</sup>.

Como tentativa de explicar a ação inesperada do presidente, o então jornalista do *Diário de Notícias* Luiz Alberto Moniz Bandeira, num trabalho escrito logo após o evento, e pautado, segundo ele, em informações oriundas até mesmo de “círculos nacionalistas” no seio do Exército, afirmou que os dados por ele colhidos indicaram que o objetivo de Jânio era “provocar um impasse entre o povo, as Forças Armadas e o Congresso, o que lhe possibilitaria exigir poderes extraordinários como condição para o seu retorno ao governo”<sup>178</sup>.

\* \* \*

No decurso dos anos de aproximação ao golpe de caráter civil-militar no Brasil, as tendências anticomunistas foram se tornando mais agudas. No ápice do processo, ano de 1964, os textos do *A Tarde* demonstravam o recebimento e reprodução da propaganda anticomunista corrente no restante do Brasil. Os títulos alertavam contra o perigo comunista no país e a iminência de uma revolução, especulando a existência de “10 mil comunistas infiltrados no Brasil”<sup>179</sup>, ou noticiando que “Comunistas já tinham selo para comemorar revolução”<sup>180</sup>. Paralelamente, Cuba, enquanto república na América então declaradamente socialista, passava a compor uma posição central nas representações do discurso anticomunista.

O golpe civil-militar de 31 de março de 1964 institucionalizaria tal propaganda. Às vésperas do golpe, uma parcela dos setores dirigentes já

---

<sup>177</sup> MOLON, Newton Duarte. *A visita de Che, a mídia e a renúncia de Jânio Quadros*. Dissertação de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2006. p. 10-11.

<sup>178</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *A Renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 9.

<sup>179</sup> *A Tarde*, Salvador, 10 de mar. 1964, p. 4.

<sup>180</sup> *A Tarde*, Salvador, 14 de mar. 1964, p. 2.

aguardava e solicitava – silenciosa ou abertamente - uma intervenção capaz de frear a tendência considerada de esquerda do governo Goulart. As prometidas reformas de base incomodavam setores da elite e o discurso popular e reformista do presidente soava, em tempos de Guerra Fria, como um deslizamento para o modelo socialista, na avaliação destes grupos.

Em 13 de março de 1964, o presidente realizou um grande comício no Rio de Janeiro no qual reiterou a execução das reformas de base. O evento fora contraposto pela primeira “Marcha da Família com Deus Pela Liberdade”, ocorrida em São Paulo a 19 de março, organizada por setores do clero e entidades anticomunistas de classe, naquele momento em número elevado no país<sup>181</sup>.

Em 23 de março de 1964, no ápice da campanha pela desestabilização do governo Goulart e da conspiração pela sua derrubada, o *A Tarde* publicou um editorial dedicado à análise de alguns itens de um documento publicado pela OEA e que foram transcritos e publicados pelo jornal *O Estado de São Paulo*<sup>182</sup>. O documento abordava as prisões efetuadas pelo governo cubano e a situação dos prisioneiros políticos daquele país. O texto “O figurino de Havana” se iniciava afirmando que

A realidade política de Cuba é bem diversa daquela que apregoam os vermelhos de lá e de cá. Em lugar da liberdade, predomina a violência e os debates, tão sadios, francos e necessários na

---

<sup>181</sup> Podemos citar, entre estas, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES), O Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), a Aliança Eleitoral da Família (ALEF), a Ação Democrática Popular (ADEP), o Conselho das Classes Produtoras (CONCLAP), o Movimento Sindical Democrático (MSD), a Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres (REDETRAL), o Movimento Estudantil Democrático (MED), o Serviço de Orientação Rural (SORPE), entre outras. Ver QUINTANEIRO, Tania. *op. cit.*, 1988; e DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado – Ação política, Poder e Golpe de Classe*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>182</sup> Neste ponto, três frisos são necessários: 1) Desde 1962, Cuba havia sido expulsa da OEA, depois de uma campanha capitaneada pelos Estados Unidos, cujo principal argumento era o da incompatibilidade do modelo marxista-leninista com os sistemas políticos tradicionais da América; 2) O documento transcrito é o “Informe sobre a situação política dos presos políticos e seus familiares em Cuba”, formulado pela OEA e publicado em 17 maio de 1963. O texto está disponível em: <http://www.cidh.oas.org/countryrep/Cuba63sp/indice.htm>; e 3) O jornal *O Estado de São Paulo*, de onde foram retiradas as informações, participou ativamente da campanha pela derrubada de Goulart através, inclusive, da articulação entre o seu proprietário, Júlio de Mesquita Filho e grupos ligados à Escola Superior de Guerra, atuando, às vésperas do golpe, no sentido de conchamar as Forças Armadas para que salvassem “o País da trama diabólica que os comunistas lhe prepararam” (TRAMA diabólica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo 2 de fev. 1964, p. 3 *apud* FIGUEIREDO FILHO, Celso R. “ESG e Estadão em 1964: limites autoritários do liberalismo”. In: *Revista Adusp*, nº 34, mai. 2005, p. 85-98).

democracia, foram substituídos pelos campos de concentração.<sup>183</sup>

O tema “Cuba” era então apresentado como espaço de disputa de construção informativa dentro do Brasil, já que, além dos cubanos, os “vermelhos de cá” também estariam interessados em apregoar uma realidade política diversa daquela que o editorial apontava.

Os trechos transcritos pelo *A Tarde* denunciaram abusos nas detenções efetuadas pelas autoridades cubanas, tais como: prisões efetuadas sem identificação ou sem conferência da identidade do detido, uso de violência (física e verbal), realização de prisões a altas horas da madrugada, danos a propriedades, ausência de explicações sobre os motivos das detenções, além de prisões de magistrados. No parágrafo seguinte, sem demarcar, no entanto, a fonte de onde se originava a informação, o jornal redigiu denúncias de que

Outro ato de horror os prisioneiros vivem no chamado tribunal comum, onde há julgamentos coletivos de dezenas e até centenas de pessoas de uma só vez. E saem do julgamento para os campos de concentração, onde os presos políticos são marcados, como irracionais, com a letra “P”.<sup>184</sup>

Duas conexões feitas com o regime cubano no discurso são fundamentais. Primeiro, a aproximação com os horrores praticados pelo nazismo, que fica clara. Apresentando ao leitor um regime que marca “como irracionais” seus prisioneiros e os manda para “campos de concentração”, o jornal induz à aproximação não-declarada com o sistema de encarceramento empreendido pelos executores do holocausto. A segunda conexão, que reflete de maneira importante o momento político vivido pelo país, é o da conexão deste regime com um certo modelo pretendido no Brasil por grupos de agentes do comunismo internacional, ou algo neste sentido, tal como é expresso ao finalizar o texto:

Êste apenas um dos aspectos negativos do comunismo cubano, que os seus agentes não anunciam, mas em contra partida não dispõem de elementos para desmentir. E ainda assim, sem nenhuma cerimônia, é uma cópia do regime de Krushev e Fidel Castro que se esforçam, impatrioticamente, para impor ao Brasil!<sup>185</sup>

---

<sup>183</sup> O FIGURINO de Havana. Salvador, *A Tarde*, 23 de mar. 1964, p. 5.

<sup>184</sup> *Ibid.*

<sup>185</sup> *Ibid.*

Quero aqui ressaltar que não se trata de preocupação do presente trabalho verificar a autenticidade das informações apresentadas pela OEA e pelos jornais, com relação à situação prisional na Cuba revolucionária. Estamos aqui, isto sim, dispostos a demonstrar como, no auge da campanha pela desestabilização do governo Goulart, que contou com a argumentação central de que o presidente pretendia implantar no Brasil uma república sindicalista com o apoio e a participação dos comunistas que já se faziam infiltrados em todos os setores do governo; o discurso jornalístico adeso à campanha, tratou de conectar o modelo cubano ao projeto pretendido pelos setores-alvos da propaganda anticomunista. Dentre as características de tal modelo inspirado por Cuba, o editorial levantava a ampliação de arbitrariedades, a falta de liberdades sociais e até a montagem de campos de concentração similares aos experimentados pelo exército nazista.

Tal como constata Mariani, as formações discursivas são sempre marcadas por um teia memorial de representações que são ativadas por determinadas expressões estabilizadas. Neste caso, a designação “campos de concentração” alude a referentes sedimentados, e vinculados aos horrores das prisões de judeus realizadas pelos nazistas. Ao ativar memórias como as do tratamento nazista dado aos seus prisioneiros (ainda que não mencionadas diretamente), a representação sobre Cuba e os países comunistas era utilizada no sentido de demonstrar um modelo de violência a ser implementado no Brasil, já que o regime pretendido para o Brasil por “agentes” do comunismo seria uma “cópia do regime de Krushev e Fidel Castro”, sendo este último o centro do editorial.

O texto é, assim, bem característico do clima tenso propiciado pelas acusações e previsões dos grupos anticomunistas e, após contrapor o modelo cubano à democracia, salienta que há agentes brasileiros interessados em “impor ao Brasil” tal modelo antidemocrático. Um risco que exigia uma ação bloqueadora, concluía implicitamente o texto<sup>186</sup>.

---

<sup>186</sup> No mês anterior, o *A Tarde*, havia publicado um editorial que seguia a mesma linha do analisado acima. Ver A ESCOLA da subversão. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 28 de fev. 1964, p. 4.

#### 4.3. CUBA COMO AMEAÇA COMBATIDA: O JORNAL A TARDE E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

##### *O golpe civil-militar de 1964: antecedentes e desfecho*

O comunismo. Eis a chave da questão. Que era, porém o comunismo? Havia soviets no Rio de Janeiro ou em São Paulo? Não. Goulart se propunha a abolir a propriedade privada dos meios de produção? Não. O comunismo era o CGT, esse esforço de organização e unificação do movimento sindical, que as classes dominantes, pretendendo comprimir os salários, queriam interceptar. Era a sindicalização rural. Era a reforma agrária. Era a lei que limitava as remessas de lucros. Era tudo o que contrariava os interesses do imperialismo norte-americano, dos latifundiários e do empresariado. O comunismo era, enfim, a própria democracia que, com a presença de Goulart na Presidência da República, possibilitava a emergência política dos trabalhadores.<sup>187</sup>

João Goulart assumiu a presidência da República sob um sistema parlamentarista, depois de uma grande turbulência ocasionada pela renúncia inesperada de Jânio Quadros em agosto de 1961. A controversa ação do “presidente-relâmpago” levou um setor da oposição ligado aos ministros militares Sylvio Heck, Odilyo Denis e Gabriel Grum Moss, mais Carlos Lacerda, alegando descontentamento com as aproximações do Brasil com países socialistas e declarando receios de que tal processo se intensificasse com a assunção legal do poder por João Goulart, a iniciar uma campanha pelo impedimento à posse do vice-presidente.

Um documento, assinado pelos três ministros militares, formalizava o pedido de impedimento, declarando a absoluta inconveniência do retorno de Goulart ao país e alegava que o mesmo não poderia assumir o cargo, dadas as “suas tendências ideológicas incentivando e mesmo promovendo agitações sucessivas nos meios sindicais”. Além disso, para os signatários do documento, Goulart teria demonstrado em viagem à URSS e à China, onde ainda se encontrava, “sua admiração aos regimes desses países exaltando o êxito das comunas

---

<sup>187</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *op. cit.*, 1983. MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 178.

populares”<sup>188</sup>. No entanto, depois da recusa ao impedimento pelo Congresso, Goulart pôde voltar ao Brasil e assumir, de forma limitada, o cargo de presidente sob um sistema parlamentarista, fórmula tida pelos parlamentares como ideal para superar o impasse.

Para Moniz Bandeira, as articulações conspirativas que culminariam com o golpe de 1964 e com a derrubada de Goulart tiveram início em meio a este contexto da tentativa de impedimento, em 1961. No entanto, é também importante considerar a posição de Rodrigo Motta, ao avaliar que a conspiração só ganhou corpo definitivo no início de 1964, quando o aguçamento das lutas sociais no campo, na cidade e no seio das Forças Armadas atingiu proporções que preocuparam as classes dominantes, e tornaram irreversível a decisão pela execução do *putsch*<sup>189</sup>.

João Goulart foi afastado forçadamente da presidência na madrugada de 1º de abril de 1964, quando já se movimentavam tropas na direção do Rio de Janeiro e de Brasília com o fim de destituí-lo<sup>190</sup>. Recebera de alguns a proposta de, mediante a substituição de todo o ministério e da publicação de um manifesto repudiando o comunismo e outras iniciativas parecidas, negociar uma permanência no poder com os golpistas. Negou-se, argumentando que tais atitudes demonstrariam medo, “e um chefe que revela medo não pode comandar coisa nenhuma”<sup>191</sup>. Partiu, assim, para o Rio Grande do Sul, onde, depois de concluir sobre a impossibilidade total de resistência, rumou para o exílio no Uruguai.

Goulart mantinha o governo até ali pressionado por uma crise econômica aguda e pelas ações de oposição intensa e sistemática articulada por grupos que abrigavam setores do empresariado, militares (cada vez mais articulados a partir da Escola Superior de Guerra [ESG]<sup>192</sup>), políticos de oposição (vinculados,

---

<sup>188</sup> O documento se encontra disponível em ANDRADE, Auro Moura. *Um congresso contra o arbítrio: diários e memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>189</sup> MOTTA, Rodrigo. *op. cit.*, 2002.

<sup>190</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *op. cit.*, 1983.

<sup>191</sup> Depoimento de Juscelino Kubitschek a Hélio Silva. *O Globo*, 24 de ago. 1976. apud MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *op. cit.*, 1983. p. 179.

<sup>192</sup> A Escola Superior de Guerra foi criada a partir da execução de um convênio assinado entre Brasil e Estados Unidos, em 1948, que, baseado no Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), previa assessoria militar dos Estados Unidos ao Brasil. O princípio norteador do TIAR, do qual a ESG foi produto, era a ampliação do sistema militar interamericano subordinado à visão estratégica global dos EUA e tendo como fornecedor de armas e métodos este país. Ver MARTINS



principalmente à UDN e ao PSD), setores das classes médias arregimentados pelo discurso anticomunista, e a grande imprensa liberal. Sofria também a pressão dos grupos de esquerda, forças progressistas e sindicatos diversos, os quais reclamavam a aceleração da execução das reformas de base. Isolado, gradativamente via a campanha de desestabilização promovida pela direita ganhar os contornos de conspiração armada, com participação ativa da CIA e da embaixada dos Estados Unidos no Brasil<sup>193</sup>. Negava-se, no entanto, a reprimir com atitudes de força a conspirata.

O discurso essencial dos que queriam a derrubada de Goulart era o anticomunista, a “fagulha principal a detonar o golpe militar de 31 de março”, tal como considerou Rodrigo Pato Sá Motta<sup>194</sup>. As tendências reformistas do presidente e a política trabalhista eram apontadas pelas classes conservadoras como evidências do desejo de construção de uma república comuno-sindicalista, cuja referência mais próxima era a cubana. Os jornais integravam o coro e as notícias de que o governo estava infestado de agentes do comunismo internacional permeavam os textos noticiosos e os editoriais. O momento ímpar que vivia as organizações de trabalhadores do campo e da cidade, unificado em torno do CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), era tratado pelos conspiradores como o sintoma mais evidente da ameaça comunista.

Além disso, as ações do governo de restrição ao capital internacional também gerou a oposição dos setores a ele associados e/ou por ele financiados<sup>195</sup>. As contradições entre o governo brasileiro e a Casa Branca também já vinham sendo evidenciadas com as pressões do governo estadunidense, as quais se situavam tanto no nível econômico, ao exigir o saneamento da economia brasileira com a contenção dos salários dos trabalhadores e outras medidas similares propostas pelo FMI, quanto no político, nas declarações deste governo com relação

---

FILHO, João Roberto. artigo citado, 1999. p. 69-71.

<sup>193</sup> Ver, neste sentido, FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; além de MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *op. cit.*, 1983.

<sup>194</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *op. cit.*, 2002.

<sup>195</sup> Ver ALVES, Maria H. Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 21-22.

aos riscos derivados da penetração comunista no governo Goulart<sup>196</sup>.

Para reverberar os postulados estratégicos anticomunistas voltados para a oposição ao governo Goulart, foram criados, no início da década de 60, o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), os quais contavam com fundos vastos e com o apoio de políticos da UDN e PSD e de outras organizações também voltadas para a desestabilização do governo. Uma das frentes de atuação do complexo IPES/IBAD foi a imprensa, utilizada largamente com o intuito maior de angariar as classes médias urbanas para a causa dos conspiradores, apoiando-se na argumentação anticomunista, a fim de dar-lhe alguma legitimidade popular<sup>197</sup>. À medida que se intensificavam as manifestações de trabalhadores e ao passo em que se tornavam agudas as contradições de classes no Brasil, na cidade ou no campo, as “denúncias” passavam mais e mais a serem veiculadas na grande imprensa de todo o país, grande parte dela, não só adesa ao golpe, como também preparadora dele.

\* \* \*

As formulações anticomunistas típicas do período encontraram amparo e conexão discursiva com a linha editorial empreendida até ali pelo jornal *A Tarde*. Em verdade, os declarados receios que moviam os grupos de oposição estavam de conformidade com os valores reclamados historicamente pelo jornal. Proponho-me aqui a fazer uma breve análise do comportamento do jornal às vésperas do golpe civil-militar e de sua recepção à propaganda anticomunista que justificaria a ação golpista, no intuito de relacionar as tendências expostas em seus editoriais com as representações que Cuba passará a assumir em tal contexto.

O editorial do *A Tarde* de 19 de março de 1964, por exemplo, “Por quem os sinos dobram”, especialmente veiculado na primeira página<sup>198</sup>, demarcou as posições do jornal frente ao contexto de agitações populares por todo o país, além

---

<sup>196</sup> MONIZ BANDEIRA, *op. cit.*, 1983.

<sup>197</sup> Para avaliações acerca da importância do IPES e do IBAD no contexto de preparação do golpe, ver DREIFUSS, René Armand. *op. cit.*, 1987; e MONIZ BANDEIRA, *op. cit.*, 1983. Para avaliações acerca da propaganda anticomunista na imprensa brasileira às vésperas do golpe, ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *op. cit.*, 2002.

<sup>198</sup> No período, os editoriais do *A Tarde* eram veiculados, geralmente, na página 4.

de evidenciar suas noções sobre controle do poder público e sua opinião acerca da declaração de João Goulart, que alegou que as manifestações de rua seriam legítimas, já que os parlamentares são representantes do povo, cabendo ao mesmo a possibilidade da manifestação.

O editorial discordou, repudiando as manifestações populares nas ruas contra o Congresso, em comícios classificados pelo jornal como “encomendados”. Além disso, alegou que caberia unicamente aos congressistas, enquanto representantes eleitos dizerem “o que convém e o que não convém ao país. Do mesmo modo que os comandantes, e não os comandados, sabem como travar uma batalha”<sup>199</sup>. Defendeu, além disso, o voto secreto como única ou mais eficaz maneira de se avaliar como pensa a maioria. Também ressaltou: “Se alguns já não exprimem bem os ideais dos seus eleitores, não há outro remédio senão esperar o próximo pleito, para que os representados escolham melhor os seus representantes. Nada mais”<sup>200</sup>.

O tipo de democracia aludido pelo *A Tarde* era então o representativo, sem a possibilidade de manifestação popular, ainda que o povo demonstrasse insatisfação, o que fora metaforizado na relação de comandantes e subordinados numa caserna, onde os comandantes sabem o que convém (para se travar uma batalha), e aos comandados cabe a obediência. Tratava-se de uma investida discursiva que refletia a tentativa de contenção por setores conservadores de um modelo de democracia que ameaçava se ampliar a partir do aguçamento da luta de classes e do aumento do campo de atuação política das classes trabalhadoras.

Além de avaliar as manifestações populares, o editorial também se filiou de maneira evidente às acusações recorrentes em vários setores da imprensa acerca das tendências comunistas do governo Goulart, alegando: “Não é preciso ser profeta ou adivinho para ver bem claro que o caminho escolhido pelo sr. João Goulart ameaça de abrir as portas do país ao comunismo internacional”, argumentando que a já referida declaração do presidente acerca da legitimidade das manifestações populares, tratava-se de mais uma ação de “incitamento de

---

<sup>199</sup> POR quem os sinos dobram. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de mar. 1964, p. 1.

<sup>200</sup> *Ibid.*

algumas parcelas da população contra o Congresso”, por ele promovida<sup>201</sup>.

No dia 4 abril, quando já se configurava clara a deposição de Goulart, o editorial do vespertino animou-se com a situação do País que, segundo o texto, “pela voz de comando do patriotismo, decidiu fazer cessar o parasitismo que estava sangrando a veia da saúde”. País que, para o editorialista, vivia “sobressaltado e repleto de incertezas face aos ramos suicidas a que o conduzia o seu dirigente máximo”. E, esforçando-se em livrar-se da ironia do golpe de estado ter sido consumado no dia em que se consagra como o “dia da mentira” pelos brasileiros, o editorialista tentou escapar à coincidência, afirmando: “Quis a ironia fazer coincidir, marco indelével que permanecerá na lembrança como o término de um pesadelo, o fim do período de engôdo com o dia consagrado ao engôdo”. E, ao final, ainda prosseguiu com o tema: “Agora, todos respiram aliviados e voltam a sorrir desse primeiro de abril, já que o dia da mentira passou a ser o dia da verdade”<sup>202</sup>.

\* \* \*

Além dos receios declarados pelos setores conservadoras frente ao fortalecimento das organizações de trabalhadores às vésperas da solução golpista, também expresso no jornal *A Tarde* através do editorial “Por quem os sinos dobram”; a oficialização do caráter socialista da Revolução Cubana acentuaria os argumentos contra a permanência de Goulart na presidência, pois tomava-a como um sintoma grave da presença do comunismo na América. Para fazer frente a tal “perigo”, sedimentava-se o argumento da necessidade de um governo isento de qualquer influência “esquerdista”.

A América Latina passava a ter então uma república que se organizava a partir do modelo socialista e que mantinha relações importantes, em diversos âmbitos, com A União Soviética, ligando-se a esta, em primeira e mais “perigosa” instância, por seu modo de gestão política e social. O perigo comunista, localizável

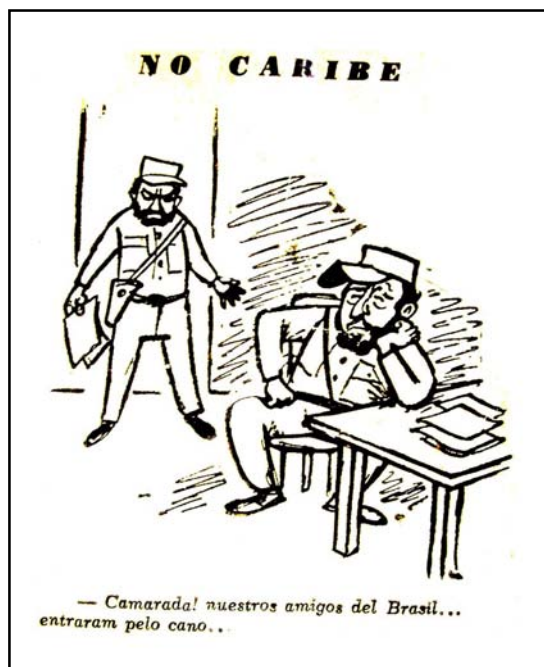
---

<sup>201</sup> POR quem os sinos dobram. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 19 de mar. 1960, p. 1.

<sup>202</sup> GLORIOSO 1º de abril. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 4 de abr. 1964, p. 1. É justo considerar, no entanto, que, no dia 31 de março, quando já se movimentavam os blindados rumo ao Rio de Janeiro com vistas à destituição do presidente, o jornal publicou um editorial que interrompia a constante de investidas contra o governo, ressaltando a necessidade de soluções pacíficas à crise política. O MOMENTO nacional. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 31 de mar. 1964, p. 5.

outrora num território distante, euro-asiático, mas ainda assim perigoso; agora passava circundar o espaço territorial do dito “mundo livre”. Por isso, o combate ao modelo socialista também recorreu com afincos aos argumentos contra elementos extraídos da trajetória em andamento da Revolução Cubana.

Logo após a derrubada de Goulart e do êxito do movimento que se articulou em torno das representações anticomunistas, as relações entre o regime cubano e o modelo que estaria sendo pretendido pelos grupos então vencidos, ainda figurava no conteúdo do *A Tarde*. A seis de abril, por exemplo, a charge que reproduzo a seguir, foi publicada, demonstrando tal tendência:



**Ilustração 5** - A charge “No Caribe” ilustra de maneira significativa a aproximação estabelecida entre o modelo cubano e aquele supostamente objetivado por João Goulart. A legenda diz: “- Camarada, nuestros amigos del Brasil... entraram pelo cano...”. (*A Tarde*, Salvador, 6 de abr. 1964, p. 5).

O encontro dos dois rebeldes cubanos com papéis nas mãos e sobre a mesa, sugerindo a elaboração de um plano, parece melancólico frente ao que um deles afirma: que os seus amigos do Brasil “entraram pelo cano”. A gravura objetiva legitimar, logo após a deflagração do golpe civil-militar, o argumento central que o motivou: a denúncia da presença de indivíduos a serviço ou relacionados a Cuba (“nuestros amigos”) e/ou ao comunismo, organizando a implantação de uma república nos moldes da cubana, na iminência de deflagrarem um golpe que já

estaria sendo planejado, ou de iniciar um processo revolucionário no Brasil.

Sendo assim, entendo que o contexto do golpe e suas repercussões imediatas fornecem subsídios para que confirmemos a posição do jornal de recusa ao comunismo e às ideias de esquerda que a ele poderiam ser relacionadas. O anticomunismo do *A Tarde* fora definidor de uma radicalização do discurso anti-Cuba e do esforço deste veículo de relacionar a realidade cubana com a instabilidade política do governo João Goulart, sugerindo a existência de agentes vermelhos interessados na implantação de um modelo governamental de esquerda no país.

Nesse período analisado no presente capítulo, considerado por Motta como o momento do segundo grande surto-anticomunista no Brasil<sup>203</sup>, o discurso sobre Cuba marcou-se, no jornal *A Tarde*, pela crítica radicalizada e pela associação direta daquela revolução a certos sentidos historicamente vinculados ao comunismo pela propaganda contrária a esse ideário. Desta forma, Cuba vinculava-se também, e de maneira não mais especulativa, a um “outro”, indesejável e corruptor dos valores éticos e morais de uma sociedade ocidental reclamada pela tradição conservadora.

---

<sup>203</sup> O primeiro estaria localizado nos momentos que antecederam a implantação do Estado Novo, por Vargas, em 1937. (MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *op. cit.*, 2002).

## **A TARDE E JORNAL DA BAHIA CONFRONTANDO REPRESENTAÇÕES SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA**

Temos aqui visto que o fato do *A Tarde* ter reproduzido unilateralmente os textos fornecidos pela agência de notícias *Associated Press* no tratamento da Revolução Cubana no período analisado significou a ressonância de determinados enquadramentos feitos por aquela agência, não acidentalmente oportunos frente aos interesses do Departamento de Estado norte-americano. Desse modo, temos tentado demonstrar que a reprodução não-inocente do quadro da Revolução Cubana - que, passado o impacto celebrativo do triunfo rebelde, foi gradualmente se tornando depreciativo – esteve condicionado por uma conjuntura específica e tensa, vinculada a um momento ápice no contexto da chamada “guerra fria” e definido por uma tomada de posição deste jornal em tal conjuntura que pode ser entendido como declaradamente pró-estadunidense.

No entanto, é importante avaliar que, no tocante aos demais jornais do período, tal quadro não se configurou como uma regra geral invariável ou inevitável. Apesar de, como já destacamos, as primeiras informações sobre Cuba na imprensa brasileira terem se aproximado de maneira notória por conta das indefinições em relação à realidade política da ilha; gradativamente, num processo que veio transcorrendo desde o mês de janeiro de 1959, as abordagens e tendências opinativas sobre Cuba foram se tornando diversificadas e, em vários casos, contraditórias. Essas variações foram definidas tanto por conta da variedade de agências de notícias utilizadas para as informações quanto pelas tendências editoriais e campos-limites de atuação ideológica de cada jornal.

No universo empírico que estamos concentrados, tais distinções podem ser percebidas quando avaliamos comparativamente os textos noticiosos, notas, colunas e editoriais sobre Cuba produzidos e/ou reproduzidos por dois importantes jornais da capital baiana do período: o *A Tarde*, locus central de avaliação na presente pesquisa, e o *Jornal da Bahia (JB)*, o qual, antes de expostos os

argumentos comparativos, merece ser sumariamente apresentado<sup>204</sup>.

## 5.1. O *JORNAL DA BAHIA* NUM “TEMPO EM MOVIMENTO”: ORIGEM E ASPECTOS EDITORIAIS

A primeira edição do *Jornal da Bahia* saiu a 21 de setembro de 1958<sup>205</sup>. Tinha como proprietário (na condição de principal acionista), diretor-presidente e idealizador, João Falcão, cuja principal atividade na área jornalística, até então, havia sido o cargo de direção no jornal *O Momento*, que, de 1945 a 1957 circulou em Salvador vinculado ao Partido Comunista do Brasil. A experiência de *O Momento* esteve vinculada a uma perspectiva de contato direto da imprensa com as classes trabalhadoras e inseridas no projeto de “Imprensa Popular” levada a cabo pelo PCB no período<sup>206</sup>.

Além do fim de *O Momento* em 1957, João Falcão também havia deixado o PCB naquele ano. Projetou, então, segundo conta, a criação de um jornal que estivesse para além de filiações ideológicas *a priori* demarcadas<sup>207</sup>. E, após ter contratado um primeiro grupo de jornalistas, muitos dos quais companheiros seus

---

<sup>204</sup> Circulavam em Salvador, no período analisado, os seguintes jornais diários: *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Diário de Notícias* e o *Estado da Bahia*. Os dois últimos, vinculados à cadeia de veículos “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand, adotaram uma linha editorial em relação a Cuba que não diferiu, de maneira geral, em relação àquela evidenciada pelo *A Tarde*. Além disso, utilizaram também uma agência estadunidense para a cobertura sobre Cuba, a *United Press International (UPI)*.

<sup>205</sup> O nome “Jornal da Bahia” já havia sido o título de um outro jornal baiano que circulou na segunda metade do século XIX. Detinha o registro do título, no momento da fundação do “novo” *Jornal da Bahia*, o então deputado Luis Viana Filho. Ver FALCÃO, João. *Não deixe esta chama se apagar: história do Jornal da Bahia*. Rio de Janeiro: Revan, 2006; e TAVARES, Luís Guilherme Pontes Tavares (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.

<sup>206</sup> Para uma análise das atividades do jornal *O Momento*, ver SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1987.

<sup>207</sup> Falcão relata em seu livro um episódio bastante ilustrativo deste declarado afastamento seu em relação a ideologias fixas e, mais especificamente, ao comunismo, após o fechamento de *O Momento*. Segundo ele, numa ocasião, ao ser indagado pelo Cardeal da Silva sobre supostas tendências comunistas do veículo que inauguraria, teria respondido: “Fique tranqüilo, Cardeal. O *Jornal da Bahia* não tem nenhuma ligação ou afinidade com o Partido Comunista. Tanto eu como os outros diretores que foram comunistas, nos afastamos por convicção. Nosso propósito é fazer um jornal independente, essencialmente informativo, fora e acima de ideologias, religiões e grupos econômicos. Nossa bandeira é a informação livre” (FALCÃO, João. *op. cit.*, 2006 [p. 31-32]).



da antiga experiência de *O Momento* e do PCB, lançou, em 1958, o *Jornal da Bahia*<sup>208</sup>.

Do ponto de vista técnico, apesar da baixa qualidade de impressão dos primeiros números, algumas inovações foram trazidas pelo novo jornal. A introdução, na imprensa baiana, do *lead* - um resumo do conteúdo da matéria no primeiro parágrafo do texto - por exemplo, fora uma delas. Além disso, a diagramação prévia, que evitava a publicação de textos em mais de uma página e a utilização de suplementos culturais e literários também foram contribuições do veículo à produção jornalística baiana do período<sup>209</sup>. Desta forma, o *Jornal da Bahia* é apontado por alguns como um veículo renovador no cenário da imprensa baiana da época. O depoimento do jornalista João Carlos Teixeira Gomes, por exemplo, que foi editor-chefe do *JB*, avalia que

A Tarde era um jornal como hoje, de prestígio, mas conservador. Tinha uma linguagem cartorial, com poucas fotografias e nariz-de-cera. Era um jornal velho. O Diário de Notícias adotava uma linha mais popular, mas não tinha expressão. E o terceiro, o Estado da Bahia, era voltado basicamente para o esporte. Então, o jornal (da Bahia) veio preencher uma lacuna.<sup>210</sup>

O contexto em que o *Jornal da Bahia* é criado marca-se por uma notória efervescência cultural, artística e intelectual na cidade de Salvador, com importantes produções em diversas áreas, ainda que, em grande parte, vinculadas aos círculos das classes média e rica intelectualizadas soteropolitanas. É nessa época, por exemplo, que a crítica cinematográfica se expande com Walter da Silveira, Gláuber Rocha, Paulo Correia, Jamil Bagdad e outros. O próprio Gláuber Rocha, além de Luís Paulino dos Santos e Robert Pires “transformavam-se nos primeiros baianos a fazer cinema”<sup>211</sup>. Artistas e intelectuais internacionais residentes em Salvador, tais como Pierre Verger, Carybé e Lina Bo Bardi, “confeccionam suas obras e reflexões e fazem os baianos atentar para uma riqueza

---

<sup>208</sup> Os primeiros jornalistas contratados foram João Batista de Lima e Silva, Alberto Vita, Almir Mattos, Flávio Costa, Ariovaldo Mattos, José Gorender, Inácio Alencar, Luis Henrique Dias Tavares, Arquimedes Gonzaga, Nelson Araújo e Jair Gramacho (FALCÃO, João. *op. cit.*, 2006, p. 29).

<sup>209</sup> VIEIRA, Adenil Falcão. “Prefácio”. In: FALCÃO, João. *op. cit.*, 2006. p. 19-26.

<sup>210</sup> Obtido de LUCENA, Suênio Campos de. *Imprecisão e técnica na linguagem jornalística: uma análise do Jornal da Bahia (1958-1960)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação – UFBA, Salvador, 1996. p. 70.

<sup>211</sup> CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *op. cit.*, 1999. p. 203.

que, muitas vezes, não parecia ter a dignidade de ser reconhecida como cultura”, tal como avaliou Antonio Albino Rubim<sup>212</sup>. E, de maneira destacada, a Universidade da Bahia, com as ações do reitor Edgard Santos, passa a investir maciçamente nas áreas de produção artística, interferindo diretamente no cotidiano de alguns setores da sociedade soteropolitana<sup>213</sup>. Diante de tais transformações, a cidade vai ingressando definitivamente na modernidade cosmopolita<sup>214</sup>.

Neste sentido, alguns autores evidenciam a conexão do *Jornal da Bahia*, tanto nos aspectos técnicos quanto nos ideológicos (dada a composição progressista de sua equipe), com tal conjuntura de renovação modernizadora apresentada na capital baiana. Maria Carvalho avalia, neste aspecto, que a “busca do moderno era, naquele momento, a tônica da imprensa”<sup>215</sup> e que o *Jornal da Bahia* figurava como melhor representante de tal contexto de transformações, desse “tempo em movimento”, tal como o nomeou a autora<sup>216</sup>.

No aspecto editorial, a leitura dos editoriais e reportagens produzidos pelo jornal nos anos e sobre os temas que a presente pesquisa se concentra, além das informações acerca da composição da redação do jornal, integrada por ex-militantes, integrantes e simpatizantes do PCB além de jovens intelectuais da cidade, permitem que sejam balizados os marcos de atuação ideológica deste jornal naquela conjuntura. Tais observações apontam, efetivamente, para a presença de um caráter progressista nos seus textos. Além disso, apesar da perspectiva apontada por Falcão de afastamento de posições ideológicas fixas, é preciso que se frise que dentre as motivações apontadas pelo próprio Falcão para o lançamento do *Jornal da Bahia*, depois do seu afastamento do PCB, esteve a “convicção de que um jornal era a melhor forma de continuar aquela luta pelo

---

<sup>212</sup> RUBIM, Antonio Albino Canelas. “Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea”. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, n. s., v. X., n. 1, p. 93-155.

<sup>213</sup> A importância de Edgard Santos no sentido da viabilização de atividades desta natureza não o imunizou (nem o imuniza) das críticas aos seus traços autoritários. Ver, neste sentido, CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *op. cit.*, 1999. p. 125.

<sup>214</sup> Para discussões acerca de tal contexto, ver CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *op. cit.*, 1999; RISÉRIO, Antônio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995; e LUDWIG, Selma. *Mudanças na vida cultural de Salvador (1950-1970)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1982.

<sup>215</sup> CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *op. cit.*, 1999. p. 116.

<sup>216</sup> A autora ainda menciona os jornais baianos da cadeia “Diários Associados” como veículos interessados em modernizar no aspecto técnico suas impressões naquele contexto, reformando oficinas e melhorando a qualidade dos exemplares. *Id. Ibid.*, p. 116.

socialismo no Brasil”<sup>217</sup>.

Neste sentido, ainda que, como empresa jornalística que objetiva lucros e fidelização de leitores, o *Jornal da Bahia* reproduzisse os esquemas liberais de produção noticiosa vinculados à teoria da Responsabilidade Social da Imprensa e outros princípios teóricos considerados pela grande imprensa do período; pôde, a partir de condições específicas de composição da sua equipe de jornalistas colaboradores, dotar-se de uma tendência editorial que escapava dos esquemas formulados sobre Cuba pelos setores da grande imprensa pró-Estados Unidos. Muitos destes esquemas, tal como já foi explicitado, foram reproduzidos sistematicamente pelo diário baiano *A Tarde* no período.

Assim, evidenciando a possibilidade de se estabelecer uma cobertura jornalística que escapasse da bipolaridade estimulada pelas disputas geopolíticas de EUA e URSS no contexto da “guerra fria”, o *JB*, sem ter de assumir uma posição pró-soviética, produziu ou publicou análises que resistiam ao esforço de hegemonização das tendências opinativas das agências estadunidenses, cujo objetivo era o da sedimentação de um quadro da revolução cubana no mundo ocidental que silenciava em relação a vários aspectos vinculados às contradições ente Cuba e EUA e que afastava o país caribenho de um certo ideal de modelo político que deveria ser compartilhado pelas nações americanas. Assim, as representações cristalizadas pelos textos do *JB*, que refletem o modo como os seus executores encaravam as questões do mundo, foram marcadas, principalmente, por posições que questionavam a hegemonia estadunidense no hemisfério e, no caso das avaliações sobre Cuba, ficou claro o posicionamento contrário do jornal em relação às investidas estadunidenses contra a ilha e de recusa a várias formulações negativas que este país repassava através de sua imprensa sobre o regime cubano<sup>218</sup>. Isto fica evidente tanto nos editoriais (tidos como opinião “oficial”

---

<sup>217</sup> FALCÃO, João. “O Jornal da Bahia desde sua fundação seguiu uma linha editorial independente, sem donos e sem partidos”. Entrevista concedida a Daniel Chalegre em 17 de junho de 2003. In: MATTOS, Sérgio (org.). *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008. p. 140.

<sup>218</sup> Em termos de aprofundamento das discussões e dados apresentados, merecem destaque os textos produzidos pelo jornalista Pimentel Gomes no período. (GOMES, Pimentel. “Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2; *Id.*, “Em Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 17 e 18 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2; *Id.*, “A Revolução Cubana”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 15 de abr. 1960, 1º caderno, p. 2; e *Id.*, “Cuba – Anatomia de uma Revolução”. *Jornal da Bahia*, 15 de abr.

do jornal) quanto em diversos textos assinados publicados, ainda que tais tendências não representassem completa unanimidade entre os colaboradores<sup>219</sup>.

Além disso, outra distinção importante entre os conteúdos jornalísticos veiculados pelo *A Tarde* e pelo *Jornal da Bahia* refere-se às agências utilizadas para a reprodução do noticiário sobre Cuba. No caso do *A Tarde*, vimos que, para tanto foi utilizada apenas a *AP*. A multilateralidade também não foi algo presente no *Jornal da Bahia*, que utilizou para o mesmo fim, no período analisado, unicamente a *Agence France-Presse (AFP)*, no jornal apenas mencionada como *FP*<sup>220</sup>.

Tal distinção se configurou como elemento importante já que, ao se observar os textos impressos no *JB* creditados à *FP*, vê-se que as informações oferecidas ao leitor se distinguem de maneira considerável, em inúmeras e distintas situações, daquelas que foram veiculadas e creditadas à *AP* no *A Tarde*. Tais contradições são evidenciadas tanto no tocante à abordagem sobre um mesmo tema, quanto no que se refere à quantidade de informações complementares oferecidas. Verifiquemos então os dados que corroboram tais observações.

## 5.2. A COBERTURA DOS TRIBUNAIS REVOLUCIONÁRIOS POR A *TARDE* E *JB*

Para a avaliação do conteúdo dos textos jornalísticos sobre Cuba nos dois veículos referidos, comparemos inicialmente o tratamento dado pelos mesmos ao tema dos tribunais revolucionários cubanos implantados nos primeiros dias de 1959 e que, ao longo deste mesmo ano, condenaram à pena de morte indivíduos

---

1961, 1º caderno p. 2).

<sup>219</sup> Por exemplo, nos textos de Tristão de Athayde, pseudônimo do jornalista carioca Alceu de Amoroso Lima, que enviava textos esporadicamente ao *JB*, a simpatia ao regime cubano não era uma marca. Num dos seus textos, afirmou: “Passado o momento inicial da marcha da vitória até Havana, ressurgiram de tal modo as violências, retornaram-se com tanta rapidez as facções, que o novo regime recomeçou sem demora, ou antes prosseguiu, apenas com novos elementos, (...), o mesmo processo ditatorial que recebera de suas origens” (ATHAYDE, Tristão de. “Fidel Castro”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 5 de abr. 1960, 1º caderno, p. 2).

<sup>220</sup> A *Agence France Presse (AFP ou FP)* originou-se da antiga agência francesa *Havas*, uma das primeiras do mundo. Na prática jornalística do período, poucos jornais logravam utilizar-se de um número maior de agências para o tratamento dos temas internacionais, uma vez que o serviço envolvia o pagamento de taxas. Nesse ínterim, *O Estado de S. Paulo* é uma destas exceções. O jornal utilizava, no período, para o noticiário sobre Cuba, além de informações da *AP*, *AFP* e *UPI*, da alemã *Deutsche Presse Agentur (DPA)* e da italiana *Agenzia Nazionale Stampa Associata (ANSA)*.

acusados de crimes cometidos durante o governo Batista. Tema controverso que, tal como já indicamos, se configurou como ponto fundamental das primeiras críticas internacionais (em grande parte oriundas de círculos estadunidenses) aos rumos tomados pelo novo governo cubano.

Vimos que, no caso do *A Tarde*, tais execuções foram tratadas editorialmente como “euforia sangüinária” e, ainda que envolta num diálogo de conciliação com os êxitos positivos do movimento 26 de Julho por ter derrubado uma ditadura corrupta e cruel; foram criticadas, desaconselhadas e avaliadas como práticas vingativas motivadas pela “embriaguez da vitória a custo conseguida”<sup>221</sup>.

No caso do *JB*, no entanto, ainda que não encontremos um editorial especificamente voltado para tal assunto (tal como foi o caso do *A Tarde*), podemos extrair do conjunto de textos publicados – tanto produzidos por agências internacionais quanto por jornalistas colaboradores do jornal – uma tendência opinativa diversa daquela que foi formulada pelo vespertino de Simões Filho. Assim, de uma maneira geral, *A Tarde* e *Jornal da Bahia* apresentaram ao leitor baiano, ainda nos primeiros dias de 1959, pontos de vista distintos em relação às execuções cubanas, isso considerando tanto a produção quanto a “re-produção” de textos noticiosos e “opinativos”<sup>222</sup>.

No dia 15 de janeiro, por exemplo, um texto publicado no *Jornal da Bahia* e assinado pelo jornalista Flávio Costa, um dos que integravam o *JB* desde sua primeira equipe, versou especificamente sobre as execuções em Cuba. Nele, o autor reproduziu a argumentação atribuída a Fidel Castro acerca da necessidade das condenações diante dos crimes cometidos pelos indivíduos julgados. E concordou, pelo exposto, com a mesma. Além disso, mencionou as entrevistas coletivas dadas por Castro à imprensa internacional, nas quais o tema das execuções foi constantemente tratado. Vejamos os três parágrafos seguintes, retirados da coluna do jornalista:

Evidentemente, não cabe aqui o julgamento do acerto ou não das

---

<sup>221</sup> Neste sentido, ver, especialmente, VITÓRIA ensanguentada. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 17 de jan. 1959, p. 4.

<sup>222</sup> Sabemos que tal distinção entre textos “informativos” e “opinativos” não se sustenta num nível prático, mas optei por uma distinção entre estes dois tipos de textos para distinguir as reportagens em geral, dos textos assinados ou assumidos como posição editorial do veículo.

drásticas medidas tomadas pelos vencedores, mas talvez valha a pena lembrar que não são santos os homens que estão sofrendo neste momento a pena capital, em Cuba. Falando à imprensa, Fidel Castro teve oportunidade de declarar que “se alguém matou 15 ou 30 pessoas indefesas, não tem direito de continuar vivendo” querendo assim fazer ver que o seu governo provisório está apenas eliminando membros podres e irrecuperáveis da comunidade cubana.

Para quem acompanha, há tantos anos, as peripécias ditatoriais do sr. Fulgêncio Batista, em Cuba, o fuzilamento de seus auxiliares mais diretos, responsáveis eles próprios por um rosário de infâmias e crimes hediondos, não pode suscitar nenhum sentimento de piedade.

Levando tudo isto em conta, perguntaríamos com Fidel Castro: têm esses homens o direito de continuar vivendo? Parece que, mesmo para os mais sensíveis, a resposta é evidente.<sup>223</sup>

Há dois aspectos importantes no texto: a concessão de um lugar de fala para o novo governo cubano, através da reprodução aspeada dos argumentos de Castro, os quais aparecem desacompanhados de ironias ou desqualificações apriorísticas – tal como se fez evidente em alguns textos do *A Tarde* do período<sup>224</sup>; e a concordância com tal argumentação, muito bem ilustrada com o último parágrafo transcrito. O jornalista, ciente do discurso moral formulado por setores da imprensa e da opinião pública contrário às condenações capitais em Cuba, recorre também a valores morais para invalidar tais críticas, alegando que, dada a gravidade dos crimes cometidos pelos réus (“rosário de infâmias e crimes hediondos”), neste caso, os fuzilamentos não podem suscitar nenhum sentimento de piedade, “mesmo para os mais sensíveis”.

No dia 3 de fevereiro, a jornalista carioca Eneida Moraes também publicou um artigo sobre o tema. Partindo de maneira evidente em defesa das condenações, comentou, na ocasião, as reações de jornalistas e escritores cariocas criticando as condenações capitais em Cuba e, segundo ela, “lançando manifestos, escrevendo artigos, colhendo assinaturas para mandar mensagens a Fidel pedindo perdão, clemência, absolvição, piedade para os fascistas cubanos”. Indagava, então, a estas pessoas, por que não o fizeram quando Batista cometia seus crimes:

---

<sup>223</sup> COSTA, Flávio. “Execuções em Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 15 de jan. 1959, 2º caderno, p. 1.

<sup>224</sup> Tal como no editorial “Vitória ensanguentada”, já explorado no Capítulo 2.

O que faziam êsses apóstolos da bondade? Mandaram mensagens a Batista, pedindo clemência? Exigiram que Batista deixasse de ser monstro? Ficaram bem quietinhos, mas agora na hora em que o povo exige não vingança mas justiça, revoltam-se, fazem apêlos, mostram como são bonzinhos.<sup>225</sup>

Tais opiniões, no entanto, marcadas pelos contra-argumentos às críticas contra as execuções, figuraram em colunas assinadas, o que, diante das pretensões do discurso jornalístico, isenta o jornal, editorialmente, da “responsabilidade” acerca das informações ali impressas. E, tal como já vimos, em casos específicos, uma opinião pode efetivamente aparecer num jornal de maneira dissensual, afastando-se das tendências opinativas impressas pelo veículo numa dada conjuntura<sup>226</sup>. Mas não se trata, aqui, de uma situação desse tipo. E vejamos por quê.

No dia 23 de janeiro de 1959, por exemplo, o *JB*, utilizando-se de informações enviadas pela *Agence France-Presse*, noticiou uma entrevista coletiva dada por Fidel Castro na qual o líder do Movimento 26 de julho exibia fotografias de indivíduos que foram torturados e assassinados por pessoas ligadas a Fulgêncio Batista. O texto afirmava que as “provas estarrecedoras” causaram grande espanto e comoção no seio da plateia formada principalmente por jornalistas dos EUA e da América Latina. Tratou ainda de detalhar uma das fotografias, a qual “mostrava um homem ao qual a polícia de Batista cortara os órgãos genitais, colocando-os depois na bôca do desgraçado, ao assassiná-lo”<sup>227</sup>.

Além de tratar-se de informações que não figuraram no jornal *A Tarde*, versando sobre tal entrevista e sobre tais fotografias, o texto publicado no *JB* (e produzido com telegramas da *AFP*) também detinha um caráter justificador dos processos que levaram à pena de morte os indivíduos envolvidos em tais crimes. Tais execuções vinham recebendo críticas de círculos estadunidenses pela sua carga de impiedade ou por ferirem uma certa moral cristã e outros valores tidos como americanos. Assim, no texto do dia 23, a descrição da foto do indivíduo morto

---

<sup>225</sup> MORAES, Eneida de. “Viva Fidel!”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 3 de fev. 1959, 2º caderno, p. 1.

<sup>226</sup> Tal situação pôde ser percebida, por exemplo, quando avaliamos os textos de Milton Santos sobre Cuba, veiculados pelo *A Tarde* em abril de 1960.

<sup>227</sup> FIDEL Castro exhibe provas estarrecedoras de crimes e torturas. *Jornal da Bahia*, Salvador, 23 de jan. 1959, 1º caderno, p. 1.

e com os órgãos genitais na boca e outras informações similares figuraram como um contraponto, uma resposta do governo (e, neste caso, repassado internacionalmente por estes telegramas) às críticas formuladas contra as execuções daqueles que o novo regime acusava de serem responsáveis por tais atrocidades.

Três dias antes, numa reportagem intitulada “Igreja cubana faz a defesa das execuções”, o *JB*, utilizando novamente de informações da *AFP*, afirmou que o bispo auxiliar de Havana, D. Alfredo Muller, “declarou que a pena de morte, no caso de Cuba, é plenamente justificável, fundamentando o seu raciocínio na admissão dessa pena que a Igreja Católica faz, em certas eventualidades”<sup>228</sup>. Tal informação foi veiculada ainda no *lead* da matéria, o qual fora impresso em negrito. Além disso, ao longo da reportagem, o texto comentou acerca do artigo do padre cubano Ignacio Blain, publicado na revista *Quinzenal*, também justificando as condenações, dadas as atrocidades cometidas pelos indivíduos punidos. Com tais informações, ao leitor era apresentada a posição da Igreja Cubana, ou de setores dela, que apoiavam de maneira declarada a necessidade das execuções decididas pelos tribunais revolucionários. Informação importante, uma vez que parte das críticas dirigidas aos rebeldes cubanos por conta das execuções reclamavam uma certa “consciência cristã” na América que estaria sendo rompida<sup>229</sup>.

Vale ressaltar que, em tal aspecto relacional entre moral cristã e processo revolucionário, o *A Tarde*, por sua vez, publicou alguns textos da coluna “Vida católica” que versaram sobre os tribunais cubanos instalados em 1959. No dia 21 de janeiro, por exemplo, Pereira de Souza assinou o texto “Não convencem”, que versou sobre sua reprovação e espanto diante das execuções cubanas, pondo em questão ainda a culpabilidade dos indivíduos acusados e condenados, indagando: “São criminosos, leio em muitos comentários. Quem prova? Não haverá ódios

---

<sup>228</sup> IGREJA cubana faz a defesa das execuções. *Jornal da Bahia*, Salvador, 20 de jan. 1959, 1º caderno, p. 1.

<sup>229</sup> Em 15 de janeiro, por exemplo, o *A Tarde* noticiou o protesto do parlamentar brasileiro Osvaldo Lima Filho que, segundo o jornal, caracterizou o cenário cubano como “uma onda de fuzilamentos sumários sem nenhuma forma de processo ou condenação judicial o que revoltou a consciência cristã americana” (CÉRCA de seis mil pessoas ainda aguardam julgamento. *A Tarde*, Salvador, 15 de jan. 1959, p. 1).



inexplicáveis, inspirados por inconfessáveis conluios?”<sup>230</sup>. O texto encerra-se com o seguinte parágrafo:

Não me convenço. Enfim, peço a Deus que tamanha fúria não entre nossas fronteiras, que jamais se diga em terras do Brasil implantado regime de força tal que desprestigie as regras do direito, a paz doméstica, o respeito que devemos ter uns aos outros. Se a moda pegar, saindo duma ditadura, entra-se noutra pior. Para mim, que venha o demo e escolha. Não me convenço. Outros meios de sanearem aquilo existirão. A questão era de estudar e aplicar o direito. Este de matar sumariamente pois disso se trata, não merece aprovação nunca.<sup>231</sup>

Quando comparamos outros dois textos, publicados nos dois jornais, em 15 e 16 de janeiro de 1959, constatamos que, apesar de concentrados nos mesmos eventos desenrolados em Cuba e ambos alimentados por telegramas advindos de Havana em 15 de janeiro, pode-se constatar distinções importantes no trato do tema das execuções. Os dois textos comentam a declaração de Castro do dia anterior e reproduzida no corpo das duas reportagens. Castro teria dito, segundo os dois jornais: “Demos ordens para matar a cada um desses assassinos, e se temos que combater contra a opinião mundial para realizar a nossa justiça, estamos preparados para fazê-lo”<sup>232</sup>.

Antes de apresentar o centro distintivo dos textos, é necessária a apresentação de um mapa geral dos temas e subtemas que compõem cada um deles. A matéria do *A Tarde*, que foi publicada a partir das informações enviadas pelo jornalista Larry Allen, da *Associated Press*, é bem mais longa que a do *JB*, ocupando cinco colunas não-completas da primeira página do jornal. Compôs-se, além do *lead*, de seis partes: na primeira, versou sobre o número de indivíduos já executados até aquele momento, sobre a declaração de Castro já mencionada e sobre a continuidade das execuções; na segunda, abordou as projeções do Departamento de Estado norte-americano com relação a Cuba. Já na terceira parte figurou a resposta de Castro às críticas estadunidenses no tocante às

---

<sup>230</sup> SOUZA, Pereira de. “Vida Católica – Não convencem”. *A Tarde*, Salvador, 21 de jan. 1959, p. 2.

<sup>231</sup> *Id. Ibid.*

<sup>232</sup> CÊRCA de seis mil pessoas ainda aguardam julgamento. *A Tarde*, Salvador, 15 de jan. 1959, p. 1; e FIDEL CASTRO: “de ordens para que fossem fuzilados todos os assassinos”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 de jan. 1959, 1º caderno, p. 4.

execuções<sup>233</sup>. Na quarta abordou a posição do PSP (Partido Socialista Popular) cubano diante da revolução em triunfo. A quinta (com informações da agência *Asapress*) mencionou a crítica do deputado brasileiro Osvaldo Lima Filho aos “excessos da revolução vitoriosa em Cuba” e a sexta dedicou dois pequenos parágrafos à manutenção da barba por Fidel Castro.

O texto do *JB*, bem mais curto e orientado por informações da *France-Press*, foi veiculado na quarta página do jornal. A primeira parte também foi dedicada às declarações de Fidel sobre as condenações; a segunda ao apoio do povo cubano às execuções, enquanto a terceira foi composta por um pequeno parágrafo que avaliava a possibilidade de intervenção dos EUA em Cuba, a qual foi levantada por um político estadunidense.

É importante notar que a diferença mais significativa está no fato de que o *Jornal da Bahia* dedicou uma parte da matéria para ressaltar o apoio do povo cubano às penas revolucionárias, afirmando que “os cubanos demonstram apoiar o tipo de justiça pôsto em prática pelos revolucionários. Tal atitude é consequência das mortes, torturas e outros delitos perpetrados durante o regime de Batista”<sup>234</sup>. Desta maneira, o texto publicado fazia constar um dado importante para a discussão acerca da legitimidade das condenações impostas aos acusados: a demonstração de aprovação do povo cubano às penas. Algo que fora silenciado na abordagem do *A Tarde*.

As ponderações sobre as reações do povo cubano às críticas estadunidenses e seu apoio aos tribunais revolucionários já haviam sido veiculadas pelo *Jornal da Bahia* através da já mencionada reportagem do dia 20 de abril, que noticiou que

Em povoações do interior tem havido reuniões de trabalhadores, em apoio às execuções e de protesto contra as censuras estrangeiras. Ontem à noite, houve reunião de trabalhadores diante do Palácio Presidencial, com a mesma finalidade, e para quarta-feira está

---

<sup>233</sup> Vale frisar que, ao veicular o argumento de Castro, o texto no *A Tarde* anunciou: “Referindo-se às críticas que estão sendo feitas agora nos Estados Unidos, Castro disse com sarcasmo a um jornalista: 'Diga aos norte-americanos que deveriam se preocupar quando o tirano estava no poder e eles (os acitados [sic.]) o apoiavam”. CÊRCA de seis mil pessoas ainda aguardam julgamento. *A Tarde*, Salvador, 15 de jan. 1959, p. 1.

<sup>234</sup> CÊRCA de seis mil pessoas ainda aguardam julgamento. *A Tarde*, Salvador, 15 de jan. 1959, p. 1.

sendo organizada uma grande concentração, também em frente ao Palácio, em apoio à ação punitiva e contra os pronunciamentos do exterior, principalmente dos Estados Unidos.<sup>235</sup>

Desta forma, é possível entender que tanto os textos noticiosos quanto as colunas assinadas que versaram sobre as execuções em Cuba no primeiro mês após o triunfo rebelde e que foram publicados no *Jornal da Bahia* não assumiram o teor opinativo de crítica irrestrita às condenações, tal como ficara visível nos editoriais do *A Tarde* do período. Pelo contrário, as duas colunas assinadas que versaram sobre o tema durante o mês que sucedeu a chegada dos rebeldes a Havana, apresentaram argumentos, estes basicamente morais, que justificavam a pena de morte para aqueles casos. Além disso, os textos publicados a partir dos telegramas da *Agence France-Presse* possibilitaram aos leitores do *JB* o acesso a informações importantes – as quais foram sistematicamente silenciadas pelo *A Tarde* (enquanto consumidor das notícias produzidas pela *AP*) – que permitiram a elaboração de um quadro mais abrangente em relação ao tema e, conseqüentemente, criou um campo possível de tomada de posição favorável aos tribunais, para o leitor.

### 5.3. REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CUBA E ESTADOS UNIDOS

Vimos que, no caso do *A Tarde*, a publicação, em abril de 1960, da coluna de Milton Santos sobre a Revolução Cubana logrou ir além de uma tendência predominante no jornal até então, de apresentar as informações sobre Cuba sem um tratamento paralelo, ainda que sumário, do processo histórico que condicionara os eventos descritos. A presença de dados, argumentos, contextualizações e pontos de vista inéditos até então para o leitor do *A Tarde* – com destaque para os que avaliaram as relações históricas entre Cuba e Estados Unidos - foi mesmo uma primeira e importante distinção observada entre os textos do geógrafo-jornalista e

---

<sup>235</sup> IGREJA cubana faz a defesa das execuções. *Jornal da Bahia*, Salvador, 20 de jan. 1959, 1º caderno, p. 1.

aqueles publicados pelo jornal até então.

No caso do *JB*, é preciso que se frise que tais investidas não foram raras, nem estiveram restritas a momentos excepcionais como aquele em que foi possível o contato coletivo de jornalistas brasileiros com a realidade cubana. Vejamos alguns exemplos.

No início de março de 1960, o *Jornal da Bahia* publicou um texto sobre a história de Cuba, produzido pelo jornalista Pimentel Gomes. Gomes apresentou dados do passado colonial cubano, das lutas pela independência política no final do século XIX e da participação dos Estados Unidos no conflito que levou o país a desvincular-se da Espanha. Foi além. Mencionou a emenda Platt, afirmando, sobre esta, que

Baseados nela os Estados Unidos interviram várias vezes em Cuba. Interviram com os seus fuzileiros e suas esquadras. Felizmente, a emenda Platt foi revogada em 1934. Cuba deu, assim, um grande passo para a sua completa independência. Agora luta bravamente para completá-la e assegurá-la.<sup>236</sup>

A evidenciação da condição de dependência que a emenda Platt impôs a Cuba, no texto, é o primeiro dado a refletir sobre as contradições entre Cuba e EUA. Sua revogação também não é apresentada como a independência completa. Esta só se se daria “agora”, com o processo revolucionário que ali se processava. Gomes prossegue com referências ao controle exercido pelos Estados Unidos sobre Cuba até o momento do triunfo rebelde. Usando os verbos no tempo presente como recurso linguístico, primeiro descreve a realidade cubana pré-revolucionária, numa constante textual cuja culminância será a vitória do movimento 26 de Julho:

Os Estados Unidos têm uma base em Santiago de Cuba. É uma ocupação militar permanente. Ofende a qualquer povo de brio. E o cubano tem brio. Dominam Cuba economicamente. Cerca de 25% das terras cubanas, as melhores terras, estão nas mãos dos trustes ianques. Pertencem a trustes ianques, que as exploram em benefício próprio, todas as minas de valor. Possuem grandes hotéis,

---

<sup>236</sup> GOMES, Pimentel. “Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2. Num dos seus textos, Pimentel Gomes fez uma análise do livro “Anatomia de uma Revolução”, de Leo Huberman, sobre Cuba. (*Id.*, “Cuba – Anatomia de uma Revolução”. *Jornal da Bahia*, 15 de abr. 1961, 1º caderno p. 2).

estações de rádio e televisão, jornais, fábricas, bancos, em suma, todos os bons negócios. Os cubanos sentem-se exilados em sua própria pátria.

(...)

Contra essa conjuntura, reagiu a revolução chefiada por Fidel Castro. Os norte-americanos julgavam tratar-se de mais uma revolta, uma simples troca de homens. O ladravaz Fulgêncio Batista e seus ladravazes asseclas estavam sendo substituídos por um grupo de homens dispostos a enriquecer de qualquer forma. Manteria a situação anterior. Participaria dos lucros. Acontece, porém, que desta vez se trata de um grupo de idealistas. Podemos não estar de acordo com suas ideias. Às vezes, penso que vão um pouco longe demais na televisão e no rádio. Ninguém, porém, lhes nega o idealismo e a honestidade.<sup>237</sup>

É importante que se note que o jornalista apresenta como contradição central, a qual levou à reação do grupo liderado por Fidel Castro, o domínio estadunidense sobre a nação cubana, detendo os melhores negócios e exilando os cubanos “em sua própria pátria”. A ditadura de Fulgência Batista não aparece como causa fundamental da “revolução chefiada por Fidel Castro”. A “conjuntura”, tal como ele chamou, de dominação estadunidense e a culminância do processo histórico que evidenciou, no seio do povo cubano, as contradições deste modelo foram os elementos que definiram o levante, para Pimentel Gomes. Desta forma, o êxito revolucionário aparece conectado a um processo histórico mais complexo do que o da derrubada de um ditador.

Poucos dias depois, o *JB* publicou um editorial significativo sobre a Revolução Cubana. Caracterizando-a, inicialmente, como “uma revolução popular”, afirmou ainda que “quaisquer que sejam as restrições aos métodos de punição e repressão utilizados por Fidel Castro, é fora de dúvida que seu Governo desfruta de sólido e maciço apoio do povo cubano”<sup>238</sup>. Para o jornal, as várias medidas tomadas até então pelo governo (“a reforma agrária, a nacionalização de empresas norte-americanas, o estabelecimento de relações econômicas com a União Soviética”), as quais geraram reações no exterior, se caracterizavam como anseios históricos dos cubanos, “deles recebendo, por isso, aplausos e adesão”<sup>239</sup>. Também avaliou as razões das hostilidades oriundas de parlamentares estadunidenses ao

---

<sup>237</sup> GOMES, Pimentel. “Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 9 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2.

<sup>238</sup> CUBA. Editorial. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2.

<sup>239</sup> *Ibid.*

governo que se consolidava em Cuba:

Esta revolução poderia seguir seu próprio curso, sem maiores embaraços, se não houvesse poderosos interesses contrariados, interesses externos, mais do que internos. A verdade é que êsses interesses se encontram em ação contra o Govêrno revolucionário de Fidel Castro. Não há por que desconhecer e mascarar os fatos. Ninguém por um só momento poderá acreditar que a má vontade, se não a hostilidade de certos círculos dirigentes norte-americanos contra o novo regime cubano se fundamente no horror de democratas contra os fusilamentos de elementos responsáveis por uma série de crimes contra a pessoa humana e os interesses públicos.

(...)

Evidentemente, outros interesses, que não os princípios políticos e morais ditam a hostilidade que certos círculos de influência procuram criar, neste continente, contra o govêrno cubano. E basta ver que interesses estão sendo contrariados pelas medidas recentemente tomadas naquela ilha da América Central, para logo os identificar.<sup>240</sup>

Nota-se, pelo trecho reproduzido, que é empreendida uma desconstrução dos argumentos críticos estadunidenses em relação aos fusilamentos, sendo atribuídos outros elementos e interesses, “que não os princípios políticos e morais”, em relação às hostilidades deste país frente a Cuba. O editorial sugere, então, que o caminho trilhado por Cuba e as primeiras ações do novo governo – principalmente no campo econômico – são, de fato, os elementos definidores de tais campanhas de oposição oriundas dos EUA.

No mês seguinte, durante a viagem de Jânio Quadros e sua excursão a Cuba, Pimentel Gomes voltou a publicar no jornal, desta vez abordando a presença dos jornalistas e políticos brasileiros em Cuba e do envio das suas respectivas informações aos veículos brasileiros. No texto, Gomes refletiu que só a partir desta situação foi possível se obter informações verdadeiras acerca do país caribenho, referindo-se ainda uma não-nomeada agência de notícias, que até aquele momento seria a principal responsável pelo cerco de informações mentirosas:

Começam a chegar notícias de Cuba, notícias agora verdadeiras, enviadas por um grupo de políticos e jornalistas brasileiros. Acompanharam o sr. Jânio Quadros até à Pérola das Antilhas. Viram o que de fato lá está sucedendo. Romperam a cortina de

---

<sup>240</sup> CUBA. Editorial. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 de mar. 1960, 1º caderno, p. 2.

mentiras criadas por uma certa agência de notícias. Aliás, esta agência não deturpa apenas as notícias de Cuba. Deturpa as notícias que manda do mundo inteiro. Acomoda-as aos seus interesses, aos interesses dos trustes que lhe pagam.<sup>241</sup>

O anonimato conferido à agência não se apresenta como incontornável. A principal agência de notícias estadunidense do período, fonte de informações internacionais bastante utilizada pelos veículos brasileiros era a *Associated Press*, à qual temos dedicado especial atenção. Vimos, por exemplo, que o principal jornal baiano, o *A Tarde*, utilizou-se unicamente desta agência para a reprodução do noticiário sobre Cuba. Outras grandes empresas de comunicação brasileiras do período, como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de São Paulo*, usaram a *AP* como fonte de informações. Assim, ainda que no texto não figure o nome da agência mencionada, a referência deve estar mesmo relacionada à *Associated Press*. E, ainda que não o seja, a denúncia que o jornalista formula em relação à “cortina de mentiras” construída pelas agências com sede nos Estados Unidos sobre Cuba, põe em questão, independentemente da agência a que se refere, os interesses que se articulam na nação do Norte para a confecção dos textos.

As diferenças entre *JB* e *A Tarde* no tocante à análise das relações entre Cuba e Estados Unidos, seja avaliando as relações históricas de dominação desempenhada pela nação do Norte frente à ilha, quanto acerca das contradições entre os dois países evidenciadas a partir das decisões tomadas pelo governo revolucionário em Cuba; apresentam-se como notoriamente distintos na abordagem dos respectivos editoriais. Assim, no caso do *JB*, os artigos assinados que se dispuseram a avaliar criticamente tais situações estiveram sintonizadas com a linha editorial evidenciada pelo jornal. Algo que, como vimos, não pode ser estendido ao *A Tarde*.

#### 5.4. A INVASÃO DA BAÍA DOS PORCOS, POR A TARDE E JB

Em momento anterior, vimos que a tentativa fracassada de invasão ao

---

<sup>241</sup> GOMES, Pimentel. “Em Cuba”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 17 e 18 de abr. 1960, 1º caderno, p. 2.

território cubano promovida por exilados cubanos treinados e armados pela CIA em abril de 1961, a invasão da Baía dos Porcos, foi representada pela principal agência estadunidense de notícias - a *AP* - de maneira a isentar, enquanto isto foi possível, a participação do governo estadunidense na invasão. Os relatos da *AP* foram reproduzidos sistematicamente pelo jornal *A Tarde*, que, aderindo às perspectivas adotadas, insistiam, ainda no dia 27 de abril, na tese de que os primeiros bombardeios partiram do próprio território cubano. A tendência opinativa culminou com a produção de um editorial intitulado “A boa política”, o qual, sem estabelecer ressalvas à ação dos Estados Unidos, condenou Cuba por abrir “uma das portas do hemisfério à penetração comunista, pondo em perigo a estabilidade democrática das demais nações americanas”<sup>242</sup>. Saliente-se ainda que, em meio ao conflito, Cuba anunciaria definitivamente sua opção pelo socialismo e passaria a ser inserida de maneira plena na intensa propaganda anticomunista do período.

Neste sentido, também é possível se destacar diferenças importantes entre *A Tarde* e *Jornal da Bahia* com relação à cobertura do evento. O primeiro texto do *JB* noticiando a invasão iniciou-se informando que “Aviões militares 'B-25' de fabricação norte-americana bombardearam, hoje, diferentes pontos de Cuba, entre os quais Havana, San Antonio, Los Abanos e Santiago”<sup>243</sup>. Assim, o ponto de partida da informação, contido no primeiro parágrafo da reportagem, e destacado em itálico, apresentava a evidência da origem norte-americana daqueles aviões. Mais à frente, o texto, produzido a partir de telegramas da *AFP*, reproduziu uma fala atribuída a Fidel Castro e datada do dia 15, no qual afirmou: “Isso foi ataque de surpresa do covarde imperialismo contra o nosso país. Todos os comandos foram postos em estado de alerta caso isso seja prelúdio de invasão do nosso país. Se assim for, nosso povo destruirá qualquer tentativa contra cada um de nós”<sup>244</sup>. Ainda mais adiante, dedicou um parágrafo à apresentação do editorial do jornal cubano *Revolucion*, que, pouco antes dos bombardeios, havia acusado os EUA de promoverem um incêndio num mercado popular em Havana<sup>245</sup>.

---

<sup>242</sup> A BOA política. Editorial. *A Tarde*, Salvador, 25 de abr. 1961, p. 5.

<sup>243</sup> HAVANA bombardeada ontem: sete mortos. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 e 17 de abr. 1961, 1º caderno, p. 1.

<sup>244</sup> *Ibid.*

<sup>245</sup> HAVANA bombardeada ontem: sete mortos. *Jornal da Bahia*, Salvador, 16 e 17 de abr. 1961, 1º



Na primeira reportagem do *A Tarde* sobre os bombardeios, por sua vez, os textos informavam sobre os desembarques de “forças revolucionárias anti-castristas” em Playa Larga, reproduzindo ainda uma frase que teria sido proferida pelo líder contra-revolucionário José Miró Cardona: “começou a batalha pela libertação da pátria”<sup>246</sup>. Argumentando faltar informações oriundas do palco dos acontecimentos, o texto, utilizando os informes oriundos de Miami, onde se localizavam o quartel-general das forças exiladas, afirmou ainda que dois líderes do movimento desembarcariam em Cuba assim que “as tropas rebeldes tenham estabelecido firme cabeça de ponte”<sup>247</sup>. O *A Tarde* também mencionou as denúncias de Castro em relação à autoria estadunidense, sem, no entanto, reproduzir as declarações públicas do líder cubano, as quais foram transmitidas pela *AFP* e publicadas no *Jornal da Bahia*. O texto do *A Tarde*, inclusive se antecipava às denúncias que estariam sendo preparadas pelo ministro de Relações Exteriores de Cuba, Raul Roa, para que fossem apresentadas junto à ONU, avaliando:

Os bombardeios contra os aeroportos cubanos deram ao regime de Fidel Castro combustível para seu debate de hoje na Organização Mundial, sobre as acusações cubanas de agressão contra os Estados Unidos. O ministro de Relações Exteriores de Cuba, Raul Roa, se prepara para lançar seu ataque, hoje, perante a Comissão Política da Assembléia Geral.<sup>248</sup>

Parece-me oportuno utilizar-me aqui das formulações da analista de discurso Betânia Mariani, que, ao avaliar a função da memória para a solidificação de um dado discurso, reflete sobre a necessidade da “manutenção de uma narrativa coerente para uma formação social em função da reprodução/produção dos sentidos hegemônicos”<sup>249</sup>. Neste aspecto, a articulação de um papel de ataque conferido a Cuba e a seu ministro, recorre a um sentido já construído de Cuba como uma nação dotada de um governo agressivo, agitador, denunciante e injurioso. Os jornais, ainda para essa autora, ao nomearem e produzirem explicações

---

caderno, p. 1.

<sup>246</sup> CUBA invadida por contra-revolucionários. *A Tarde*, Salvador, 17 de abr. 1961, p. 1.

<sup>247</sup> *Ibid.*

<sup>248</sup> CUBA invadida por contra-revolucionários. *A Tarde*, Salvador, 17 de abr. 1961, p. 1.

<sup>249</sup> MARIANI, Bethania. *op. cit.*, 1998. p. 35.

“digeridas” aos leitores e envoltas numa aura de neutralidade que a fala impessoal tenta lhe garantir, constrói uma relação lógica de causas e consequências que são sedimentadas ao longo de um tempo<sup>250</sup>. Na situação que estamos avaliando, a construção de Cuba como um país agressor e de seus representantes como difamadores, permeiam a saída argumentativa expressa na nota em que se afirma que o ministro Roa já prepara seu ataque contra os Estados Unidos. Há assim, uma “direção de sentidos” fixa em relação a Cuba que se torna eficaz e que atribui ao governo desse país a posição estabilizada do ataque.

Num dos últimos parágrafos, o texto mencionou a aparente fabricação estadunidense detida pelos equipamentos que bombardearam Cuba, veiculando, no entanto, que Antonio Sílio, porta-voz do “Conselho revolucionário cubano” no exílio, lembrou que desde a Segunda Guerra Mundial Cuba vinha recebendo aviões e bombas dos Estados Unidos, complementando, ainda com as declarações de Sílio, que “mesmo que os fragmentos pareçam ser de fabricação norte-americana, isto não pode ser aceito como prova de que os Estados Unidos atacaram os aeroportos”<sup>251</sup>.

Um ponto interessante a destacar acerca das distinções entre as duas matérias é mesmo o do lugar de enunciação das informações e argumentos adotados pelos dois jornais, a partir das informações de suas respectivas agências fornecedoras de notícias. Neste sentido, se no caso do *JB*, as informações principais no dia seguinte ao evento foram extraídas predominantemente das falas de Fidel Castro e do jornal cubano *Revolucion*<sup>252</sup>, as quais acusavam os Estados Unidos pela invasão; o *A Tarde*, por sua vez, utilizou de maneira predominante as informações prestadas pelos grupos exilados executores da invasão, publicando em destaque, inclusive, a íntegra da nota de declaração emitida por Miró Cardona em Nova York acerca da invasão. O subtítulo que apresentava a nota intitulava-se “Restauração da liberdade cubana”<sup>253</sup>.

---

<sup>250</sup> MARIANI, Bethania. *op. cit.*, 1998.

<sup>251</sup> CUBA invadida por contra-revolucionários. *A Tarde*, Salvador, 17 de abr. 1961, p. 1.

<sup>252</sup> Em termos quantitativos, dos onze parágrafos que compõem a matéria do *JB*, apenas um veiculou informação oriunda dos grupos contra-revolucionários, no qual foi exposta a declaração de José Miró Cardona de que os aviões eram pilotados por contra-revolucionários exilados e que partiram de um ponto da América Central.

<sup>253</sup> CUBA invadida por contra-revolucionários. *A Tarde*, Salvador, 17 de abr. 1961, p. 1.

Ainda numa perspectiva comparativa, se o editorial do *A Tarde* do dia 25 apontou o erro de Cuba na situação, ao abrir o hemisfério para o comunismo; num editorial do dia 20, intitulado “Autodeterminação”, o *Jornal da Bahia*, além de abordar “as simpatias e demonstrações de solidariedades ao regime cubano”, que, “se espalham por tôda a América Latina, pela Ásia e a África”<sup>254</sup>; também defendeu o princípio da soberania e autodeterminação dos povos, condenando a ingerência militar de um país sobre o outro e afirmando que “mais importante que o tipo de regime ou govêrno que se estabeleça neste ou naquele País, é o respeito ao princípio básico de não-ingerência nos assuntos internos de cada Estado”<sup>255</sup>.

\* \* \*

No âmbito de uma campanha estratégica por parte dos Estados Unidos de utilização consciente de veículos de comunicação transnacionalizados no sentido de se estabelecer uma hegemonia informativa a partir da construção sistemática de consensos oportunos, a cobertura específica do *Jornal da Bahia* demonstrou ser possível resistir à mesma, ainda que nos marcos de uma lógica liberal de produção jornalística; adotando, inclusive, em certos casos, uma postura crítica diante de tal campanha notória.

Creio que, para o *Jornal da Bahia*, não somente a utilização de uma agência de notícias distinta significou a elaboração de um quadro mais amplo da Revolução Cubana, isento dos enquadramentos feitos pelo Departamento de Estado norte-americano. Mas também a composição progressista de sua equipe, que tendia a adotar uma postura mais crítica em relação às construções pré-formuladas pelos meios estadunidenses.

Não é possível, no entanto, afirmar que a agência francesa *AFP* tenha se oposto consciente e sistematicamente a uma cobertura proposta pela *AP* ou outra agência dos Estados Unidos, apesar de ter apontado elementos e informações

---

<sup>254</sup> AUTODETERMINAÇÃO. Editorial. *Jornal da Bahia*, Salvador, 20 de abr. 1961, 1º caderno, p. 2.

<sup>255</sup> *Ibid.*

diferentes ou mais aprofundados em relação aos eventos noticiados por estas. Não se trata, assim, de uma relação de antagonismo consciente, apesar de ser também notório que os textos oferecidos pela *AFP* apresentaram informações que foram sistematicamente silenciadas nos textos da *AP*.

Creio que, no caso do *Jornal da Bahia*, a utilização de tais recursos informativos oferecidos pela *AFP* articulou-se a uma linha editorial que não se orientava por um alinhamento incondicional aos propósitos estadunidenses para o continente, o que pôde definir uma cobertura diferente daquela desenvolvida pela *AP* e reproduzida sistematicamente na Bahia pelo jornal *A Tarde*<sup>256</sup>.

---

<sup>256</sup> No geral, as tendências do *Jornal da Bahia* com relação a Cuba seguiram a linha aqui avaliada até 1964, marco final do recorte proposto. Não foi observado, neste periódico, o consumo dos enquadramentos anticomunistas formulados por setores vastos da imprensa com relação a Cuba, nos quais sua experiência foi relacionada ao modelo político pretendido por Goulart e seus aliados, às vésperas do desfecho golpista. Em março, por exemplo, o jornal publicou um artigo do jornalista francês Jean Daniel que avaliava criticamente o bloqueio estadunidense a Cuba. O jornal introduziu o texto da seguinte forma: “Este artigo, do qual reproduzimos hoje a primeira parte, foi publicado por um dos órgãos da imprensa norte-americana que defendem uma linha menos conservadora para os Estados Unidos, a revista *The New Republic*”. (DANIEL, Jean. “Bloquear Cuba: que interesse tem isto?”. *Jornal da Bahia*, Salvador, 1 e 2 de mar. 1964, 2º caderno, p. 1).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teorizando sobre o fenômeno da globalização, Milton Santos, há cerca de uma década, avaliou que o mundo contemporâneo se apresenta sob três formas essenciais: “o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula”; “o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade”; e o “mundo como ele poder ser: uma outra globalização”<sup>257</sup>. Se das duas primeiras abstrai-se o diagnóstico, na última se vislumbra a dissolução do modelo.

Na mesma obra, avaliou a questão da informação globalizada, transnacionalizada; opinando que, no mundo de hoje, “as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares”<sup>258</sup>. Assim, o fenômeno da globalização ganha destaque não pela capacidade de fazer o homem conhecer o mundo através das notícias, mas pela condição de poder difundir, de maneira rápida e global, e **sob a forma de ideologia**, os mitos e as fábulas que a sustentam<sup>259</sup>.

A pesquisa que aqui se desenvolveu também tomou como aspecto central a questão da informação transnacionalizada, ainda que, a partir de uma perspectiva historiográfica, tenhamos voltado nosso olhar para um momento diferente daquele que incomodava o geógrafo baiano em 2000. Diferente, porém conectado; já que o fenômeno da informação transnacional advém de um processo histórico que não é tão recente. Nos anos aqui destacados, inclusive, momento ápice da chamada “Guerra Fria”, as empresas que desempenhavam a função de distribuir as notícias pelo mundo, da maneira mais instantânea possível, já apareciam consolidadas em tal atividade. A AP, por exemplo, já havia completado seus cento e dez anos de atuação nesta área em 1958.

No presente trabalho, vimos que a reprodução não apenas dos textos noticiosos, mas também das tendências ideológicas, silenciamentos e

---

<sup>257</sup> SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 11.

<sup>258</sup> *Id. Ibid.*, p. 39.

<sup>259</sup> *Id. Ibid.*

enquadramentos estratégicos da *Associated Press* em relação ao fenômeno da Revolução Cubana, no jornal *A Tarde*; conformou-se às posições expressas pelo diário baiano de alinhamento às doutrinas, valores e discursos formulados pelos Estados Unidos em tal contexto. Ao realizá-la, o *A Tarde* entrava num roteiro pré-definido de veiculação estratégica de imagens sobre Cuba, tornando-se, nesta cadeia de reproduções noticiosas, o ponto mais próximo ao público que as leria.

Num âmbito geral, a Revolução Cubana que apareceu nos primeiros dias de 1959 como um fenômeno a ser celebrado e exaltado, cujos líderes figuravam como heróis que conseguiram derrubar o tirano corrupto, passou gradualmente a se converter imageticamente numa realidade perigosa para a América, cujos líderes abriam as portas da América Latina a um comunismo estranho, nocivo e perigoso, capitaneado pela União Soviética. Ao longo do trabalho, tentamos demonstrar as nuances dessas transformações de maneira conjugada ao processo histórico que se desenrolou em seu entorno.

No entanto, também foi possível notar que tal esforço pela hegemonização de tais representações, pôde ser, em casos específicos, identificado, denunciado e subvertido. Em duas situações, analisamos este exercício de confronto: na coluna publicada por Milton Santos no *A Tarde*, em abril de 1960; e nas formulações de editorialistas e colaboradores do *Jornal da Bahia*, ao abordar alguns aspectos do regime que se instalara em Cuba e das relações deste país com o seu vizinho e antagonista do Norte.

## FONTES UTILIZADAS

### **Biblioteca Pública do Estado da Bahia – Setor de Periódicos (Salvador)**

*Jornal A Tarde* – jan. 1959 a mai. 1964 / extratos de 1972 e 1982;

*Jornal da Bahia* – jan. 1959 a mai. 1964;

*Diário de Notícias* – extratos de 1959, 1961 e 1964;

*O Estado da Bahia* – extratos de 1959, 1961 e 1964

### **Banco de Dados de Periódicos na Internet**

*New York Times* - <http://query.nytimes.com/search/query?srchst=nyt&&srcht=a&srchr=n>

*Folha de São Paulo* - <http://bd.folha.uol.com.br/>

*O Estado de S. Paulo* (dossiê “Revolução Cubana”) -

<http://www.estadao.com.br/especiais/a-revolucao-cubana-nas-paginas-do-estadao,41834.htm>

### **Fundação Pedro Calmon**

Fundação Pedro Calmon. Centro de Memória da Bahia. Acervo Simões Filho.

Documentos considerados: Cartas de Simões Filho a Ranulfo Oliveira (1947- 1957)

### **Vídeos**

ACBAR, Mark e WINTONICK, Peter. *Consenso Fabricado*: Noam Chomsky e a mídia [Documentário em VHS – 180 minutos]. Montreal: Necessary Illusions Productions, 1991.

TENDLER, Silvio. *Encontro com Milton Santos ou o mundo globalizado visto do lado de cá*. [Documentário em DVD – 86 minutos]. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, 2006.

### **Anuários Estatísticos do IBGE**

Anuários Estatísticos do Brasil 1961. Rio de Janeiro: IBGE, v. 22-27, 1961-1966.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rômulo Barreto. *Rômulo: voltado para o futuro*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia, 1986.
- ALVES, Cristiano Cruz. *Um espectro ronda a Bahia: o anticomunismo na década de 30*. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA, Salvador, 2008.
- ALVES, Maria H. Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ANDRADE, Auro Moura. *Um congresso contra o arbítrio: diários e memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editoria da UNESP, 1995.
- CALMON, Pedro. *A vida de Simões Filho*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: Edufba, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1990.
- CHOMSKY, Noam. *Controle da mídia: os espetaculares feitos da propaganda*. trad. Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da C. "Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa". In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270.
- DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Quebra da casca do ovo: a elite baiana e a obra do golpe de 1964*. Disponível em <[www.fundaj.gov.br/licitacao/observa\\_bahia\\_01.pdf](http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_01.pdf)>. Acesso em 09/04/2009.
- DEBRAY, Regis. *Revolução na revolução*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, s/d.
- DEPALMA, Anthony. *O homem que inventou Fidel: Cuba, Fidel e Herbert L.*



- Matthews do New York Times. trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado – Ação política, Poder e Golpe de Classe*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FALCÃO, João. *Não deixe esta chama se apagar: história do Jornal da Bahia*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- FERREIRA, Muniz. *O golpe de Estado de 1964 na Bahia*. Disponível em: <[www.fundaj.gov.br/licitacao/observa\\_bahia\\_02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf)>. Acesso em 09/04/2009.
- \_\_\_\_\_. “Carlos Marighella: revolução e antinomias”. In: NOVA, Cristiane e NÓVOA, Jorge (orgs.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 221-255.
- FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo – o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FIGUEIREDO FILHO, Celso R. “ESG e Estadão em 1964: limites autoritários do liberalismo”. In: *Revista Adusp*, nº 34, mai. 2005, p. 85-98.
- GLEIJESES, Piero. “Ships in the night: the CIA, the White House and the Bay of Pigs”. In: *Journal of Latin American Studies*, nº 27, Cambridge University Press, 1995.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUEVARA, Ernesto Che. “A guerra de guerrilhas”. In: *Obras completas*. São Paulo: Edições Populares, 1981.
- \_\_\_\_\_. “Cuba, exceção histórica?”. In: SADER, Eder (org.). *Che Guevara: Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- GUIMARÃES, Antônio S. *Formação e crise da hegemonia burguesa na Bahia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA, 1982.
- HARNECKER, Martha. *Fidel: a estratégia política da vitória*. trad. Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

- LUCENA, Suênio Campos de. *Imprecisão e técnica na linguagem jornalística: uma análise do Jornal da Bahia (1958-1960)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação – UFBA, Salvador, 1996.
- LUDWIG, Selma. *Mudanças na vida cultural de Salvador (1950-1970)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1982.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.
- MARTINS FILHO, João Roberto. “Os Estados Unidos, a revolução cubana e a contra-insurreição”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 12, jun. 1999, p. 67-82.
- MATTA, Fernando Reyes (org.) *A informação na nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MATTOS, Sérgio (org.). *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Jorge Calmon (1915-2006): o jornalismo e o jornalista*. Mesa-Redonda. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=565FDS007>. Acesso em 17/04/2010.
- MOLON, Newton Duarte. *A visita de Che, a mídia e a renúncia de Jânio Quadros*. Dissertação de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2006.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- QUINTANEIRO, Tania. *Cuba e Brasil: da revolução ao golpe (1959-1964) – uma interpretação sobre a política externa independente*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

- RISÉRIO, Antônio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. "Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea". *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, n. s., v. X., n. 1, p. 93-155.
- SADER, Emir. *A revolução cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.
- SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana nas organizações comunistas brasileiras*. Tese de Doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2005.
- SAMPAIO, Consuelo N. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. 2. ed. Salvador: Edufba, 1999.
- SANTOS, José Weliton A. dos. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 1985.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEGISMUNDO, Fernando. *Imprensa brasileira: vultos e problemas*. Rio de Janeiro: Alba, 1962.
- SERRA, Sônia. "Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da 'Imprensa Popular'". In: *Anais do II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política*. Belo Horizonte, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, 1987.
- SERVÍN, Elisa. "Propaganda y Guerra Fria: la campaña anticomunista en la prensa mexicana del medio siglo". *Signos Históricos*. Jan-Jun. n. 011. Universidade Autónoma Metropolitana – Iztalpalapa: Distrito Federal, México, 2002, p. 9-39.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUSA, Erahsto Felício de. *Subalternos no caminho da modernidade: marginais, politização do cotidiano e ameaças à dominação numa sociedade subordinadora do sul da Bahia (Itabuna, década de 1950)*. Dissertação de Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 2010.

- SOUZA, Maria A. Aparecida de (org.). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia – jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.
- TAVARES, Luís Guilherme Pontes Tavares (org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005.
- VIANA, Francisco. “Uma época de ouro”. In: *Revista digital Terra Magazine*, 3 de out. 2009. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4017443-EI6783,00-Uma+epoca+de+ouro.html>. Acesso em 01/04/2010.

ANEXO 1

Reprodução da primeira página da edição de 2 de janeiro de 1959 do jornal A Tarde, que noticiou o triunfo do Movimento 26 de Julho sobre a ditadura de Fulgêncio Batista

JORNAL INDEPENDENTE POLITICO E NOTICIOSO Diariamente das 7h às 12h e das 14h às 18h

A TARDE

Publicada em 2 de Janeiro de 1959 Bahia - Sexta-Feira, 2 de Janeiro de 1959 N. 18.200

Edição: 1959 A. GOMES BRAGA CASTRO ALVES

VITORIOSA, APÓS DOIS ANOS DE LUTA, A REVOLUÇÃO CUBANA

Fidel Castro ocupou ontem a capital do país, depõe o governo de Fulgêncio Batista — O novo presidente deverá ser o juiz Manuel Urrutia — O ditador deposto havia passado o poder a uma Junta Militar, chefiada por Carlos Prío, que não chegou a ser empossado pela Suprema Corte — Os rebeldes controlaram a situação da agitação contra os partidários do governo vencido

HAVANA, 2 (A.P.) — Depocho s procedentes de Havana dão conta de que o presidente Fulgêncio Batista depois de entregar o poder a uma Junta Civil e Militar, fugiu para o exterior, possivelmente para a República Dominicana, depois do colapso das forças, que combateram os rebeldes de Fidel Castro.

Os primeiros despachos informam que os revoltosos marcharam sobre a capital, tomando todo o controle do território, logo após os violentos manifestos populares, que se sucederam a fuga de Batista.

Espera-se para qualquer momento, o anúncio do estabelecimento do governo da revolução, sob a presidência de Manuel Urrutia, indicado pelo líder Fidel Castro, em nome da revolução.

QUEM É URRUTIA NO GOVERNO

HAVANA, 2 (A.P.) — Na madrugada de ontem, os membros de Fidel Castro anunciaram que entraram em exercício uma democracia, no Poder Central da Havana para a tarefa de, ao fim de poder a Junta Civil e Militar, presidida pelo juiz Manuel Urrutia.

Os partidários de Castro vêm controlando o poder, desde a abolição da sua ditadura, depois de 25 meses de rebelião, em manifestos populares na capital da nação, onde estava exilado.

As comemorações em Santiago de Cuba estiveram sob a liderança do líder, tendo se realizado em uma grande manifestação, com a presença de milhares de pessoas, sob a liderança de Urrutia e do juiz Manuel Urrutia.

Não trata o nome de Urrutia de quem o juiz Manuel Urrutia não conhece. Em um juízo de 56 anos, o juiz Manuel Urrutia, há 10 em São Paulo, manifestou como presidente de Batista, enquanto de seu movimento.

Aguardada a entrada triunfal de Castro e Urrutia em Havana

HAVANA, 2 (A.P.) — Os manifestos de Fidel Castro, deposto de Havana, ontem, sob a liderança de Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.

Urrutia, em nome da revolução, em nome da revolução, em nome da revolução.



FIDEL CASTRO, chefe da revolução cubana.

30. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

31. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

32. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

33. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

34. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

35. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

36. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

37. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

38. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

39. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

40. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

41. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

42. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

43. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

44. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

45. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

46. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

47. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

48. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

49. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

50. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

51. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

52. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

53. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

54. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

55. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

36. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

37. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

38. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

39. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

40. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

41. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

42. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

43. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

44. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

45. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

46. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

47. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

48. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

49. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

50. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

51. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

52. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

53. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

54. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

55. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

56. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

57. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

58. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

59. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

60. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

61. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

62. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

63. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

64. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

65. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

66. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

67. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

68. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

69. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

70. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

71. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

72. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

73. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

74. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

75. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

76. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

77. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

78. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

79. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

80. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

81. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

82. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

83. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

84. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

85. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

86. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

87. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

88. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

89. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

90. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

91. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

92. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

93. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

94. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

95. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

96. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

97. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

98. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

99. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

100. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

101. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

102. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

103. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

104. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

105. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.



O PALACIO DO GOVERNO DE CUBA

36. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

37. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

38. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

39. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

40. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

41. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

42. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

43. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

44. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

45. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

46. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

47. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

48. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

49. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

50. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

51. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

52. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

O BALANÇO DO GOVERNO

No último dia do ano que terminou o presidente da República prestou contas dos seus atos à nação

36. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

37. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

38. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

39. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

40. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

41. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

42. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

43. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

44. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

45. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

46. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

47. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

48. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

49. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

50. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

51. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

52. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

53. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

54. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

55. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

56. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

57. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

58. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

59. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

60. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

61. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

62. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

63. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

64. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

65. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

66. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

67. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

68. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

69. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

70. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

71. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

72. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

73. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

74. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

75. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

76. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

77. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

78. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

79. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

80. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

81. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

82. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

83. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

84. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

85. Castro Fidel, o chefe da revolução cubana, ontem em Havana.

## ANEXO 2

Reproduções de capas e trechos de periódicos internacionais sobre Fidel Castro e o Movimento 26 de Julho (1957-1959)

**Cuban Rebel Is Visited in Hideout**

**Castro Is Still Alive and Still Fighting in Mountains**

This is the first of three articles by a correspondent of The New York Times who has just returned from a visit to Cuba.

By HERBERT L. MATTHEWS

Fidel Castro, the rebel leader of Cuba's youth, is alive and fighting hard and successfully in the rugged, almost impenetrable fastnesses of the Sierra Maestra, at the southern tip of the island. President Fulgencio Batista has the cream of his Army around the area, but the Army men are fighting a thus-far losing battle to destroy the most dangerous enemy General Batista has yet faced in a long and adventurous career as a Cuban leader and dictator.

This is the first sure news that Fidel Castro is still alive and still in Cuba. No one connected with the outside world, let alone with the press, has seen Señor Castro except this writer. No one in Havana, not even at the United States Embassy with all its resources for getting information, will know until this report is published that Fidel Castro is really in the Sierra Maestra.

This account, among other things, will break the tightest censorship in the history of the Cuban Republic. The Province of Oriente, with its 2,000,000 inhabitants, its flourishing cities such as Santiago, Holguin and Manzanillo, is shut off from Havana as surely as if it were another country. Havana does



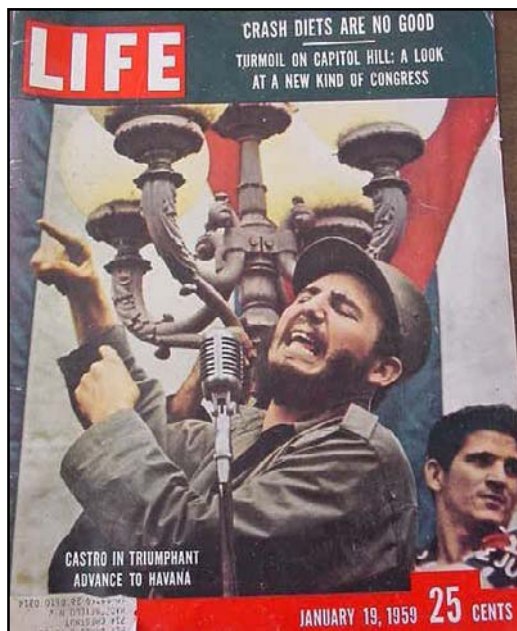
*Fidel Castro*

*Sierra Maestra, Febrero 17 de 1957*

The New York Times  
Fidel Castro at a heavily shaded outpost on Feb. 17. He gave the signature to the correspondent who visited him.

Continued on Page 34, Column 1

**“Rebelde Cubano é visitado no esconderijo”** - Em fevereiro de 1957, após Batista ter anunciado a morte de Fidel e de todos os seus companheiros após o desembarque do Granma, Fidel Castro concede uma entrevista ao jornalista do veículo estadunidense *New York Times*, Herbert Matthews, na Sierra Maestra. O lead da matéria afirma: “Castro ainda está vivo e lutando nas montanhas”. A reportagem acompanhada de uma entrevista, que irá inaugurar uma série de outras com o mesmo tema, é tida como de fundamental importância para a imagem que irá se consolidar na imprensa e na opinião pública internacionais acerca do Movimento 26 de Julho e de seu líder. (MATTHEWS, Herbert. “Cuban Rebel is visited in Hideout”. *New York Times*, New York City, 24 de fev. 1957, p. 1)



**“Castro em triunfante avanço para Havana”.**  
Capa da Revista *Life*, de 19 de janeiro de 1959.



Capa da revista *Time*, de 26 de janeiro de 1959.

### ANEXO 3

Fotografias da viagem dos jornalistas brasileiros a Cuba, em 1960, na excursão do então candidato à presidência Jânio Quadros

Fotos: Arquivo Pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira

